

CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO

1º ANO

Área de Ensino

Edições
FEESP

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO – 1º Ano

36ª. Edição – Janeiro/2011

O Curso Básico de Espiritismo tem como objetivo geral levar o aluno a uma assimilação do conteúdo doutrinário fundamental, assim como induzi-lo à autorreflexão, ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades, e conseqüentemente modificação de sua conduta interior perante o mundo e a vida em sociedade.

Quanto ao conteúdo programático, o curso em questão é constituído de vinte e quatro lições, contendo a essência de O Livro dos Espíritos, abordado de forma sucinta e didática.

Importa ainda considerar que esta obra não tem a pretensão de esgotar o conteúdo da Codificação, mas consiste em textos base, explanados de forma didática e acessível.

Nossos livros consistem em texto base, explanados de forma clara a permitir ao aluno uma visão metodológica do todo. Nesse aspecto caberá ao expositor desenvolver, completar, aprofundar esses textos de forma precisa e objetiva.

Dessa maneira, a Educação Espírita, em consonância com o nosso tempo, sugere uma Pedagogia Ativa, ou seja, uma proposta de Educação projetada para o futuro; centrada no sujeito, na vida.

Área de Ensino

Conteúdo

Apresentação	5
1ª Aula - O ESPIRITISMO E OUTRAS DOCTRINAS ESPIRITUALISTAS	7
Parte A - ESPIRITUALISMO E ESPIRITISMO	7
Parte B - PARÁBOLA DO TRIGO E DO JOIO	8
2ª Aula - DEUS	9
Parte A - A INTELIGÊNCIA SUPREMA.....	9
Parte B - O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS	10
3ª Aula - ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO UNIVERSO	11
Parte A - ESPÍRITO E MATÉRIA	11
Parte B - MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO	12
4ª Aula - CRIAÇÃO	13
Parte A - FORMAÇÃO DOS MUNDOS E DOS SERES VIVOS - A VIDA ORGANIZADA - PLURALIDADE DOS MUNDOS.....	13
Parte B - HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI.....	15
5ª Aula - PRINCÍPIO VITAL - FLUIDOS	15
Parte A – SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS - PRINCÍPIO VITAL - A VIDA E A MORTE - A NATUREZA DOS FLUIDOS.....	15
Parte B - PROGRESSÃO DOS MUNDOS.....	17
6ª Aula - PRINCÍPIO INTELIGENTE E OS TRÊS REINOS	18
Parte A - OS TRÊS REINOS - OS MINERAIS E AS PLANTAS - OS ANIMAIS E O HOMEM.....	18
Parte B - A LEI DE AMOR	20
7ª Aula - ESPÍRITO, PERISPÍRITO E CORPO FÍSICO	21
Parte A – ESPÍRITO: ORIGEM E NATUREZA - MUNDO NORMAL PRIMITIVO - FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS - PERISPÍRITO: ORIGEM, NATUREZA, FUNÇÕES E PROPRIEDADES - CORPO FÍSICO	21
Parte B - CUIDAR DO CORPO E DO ESPÍRITO	24
8ª Aula - DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS	25
Parte A - PRIMEIRA – SEGUNDA E TERCEIRA ORDENS	25
Parte B - JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES	26
9ª Aula - ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS	27
Parte A - FINALIDADE-LIMITE-NECESSIDADE E JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO	27
Parte B - NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS, SE NÃO NASCER DE NOVO	29
10ª Aula - PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS - RETORNO A VIDA CORPORAL	30

Parte A - PRELUDIO DO RETORNO - UNIÃO DA ALMA AO CORPO - IDÉIAS INATAS – ENCARNAÇÕES NOS DIFERENTES MUNDOS	30
Parte B - CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES	33
11ª Aula - RETORNO A VIDA CORPORAL - I	33
Parte A - FACULDADES MORAIS E INTELECTUAIS, INFLUÊNCIA DO ORGANISMO, IDIOTISMO, LOUCURA E SUICÍDIO.....	33
Parte B - O JUGO LEVE.....	36
12ª Aula - RETORNO A VIDA CORPORAL - II	37
Parte A - DA INFÂNCIA - SIMPATIAS E ANTIPATIAS TERRENAS - ESQUECIMENTO DO PASSADO - SEXO NOS ESPÍRITOS.....	37
Parte B - SE ALGUÉM TE FERIR NA FACE DIREITA.....	40
13ª Aula - EMANCIPAÇÃO DA ALMA	41
Parte A - SONO, SONHOS - VISITAS ESPÍRITAS ENTRE OS VIVOS – TRANSMISSÃO OCULTA DO PENSAMENTO - CATALEPSIA, LETARGIA OU MORTE APARENTE.....	41
Parte B - PASSAGENS SOBRE RESSURREIÇÃO	42
14ª Aula - VIDA ESPÍRITA - I	43
Parte A - ESCOLHA DAS PROVAS - RELAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO - RELAÇÕES SIMPÁTICAS E ANTIPÁTICAS DOS ESPÍRITOS	43
Parte B - RECONCILIAR-SE COM SEUS ADVERSÁRIOS.....	46
15ª Aula - VIDA ESPÍRITA - II	47
Parte A - LEMBRANÇAS DA EXISTÊNCIA CORPÓREA.....	47
Parte B - DEIXAI OS MORTOS ENTERRAR OS SEUS MORTOS.....	49
16ª Aula - VIDA ESPÍRITA- III	50
Parte A - ESPÍRITOS ERRANTES	50
Parte B - A VERDADEIRA PROPRIEDADE	52
17ª Aula - RETORNO DA VIDA CORPÓREA À VIDA ESPIRITUAL	53
Parte A - A ALMA APÓS A MORTE - SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO - PERTURBAÇÃO ESPÍRITA.....	53
Parte B - PARÁBOLA DO MORDOMO OU ADMINISTRADOR INFIEL	54
18ª Aula - INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS	55
Parte A - INTERFERÊNCIA DOS ESPÍRITOS EM NOSSOS PENSAMENTOS E AÇÕES.....	55
Parte B - PAGAR O MAL COM O BEM	56
19ª Aula - OS PODERES OCULTOS E O HOMEM	57
Parte A - OS PACTOS - O PODER OCULTO - TALISMÃS E FEITICEIROS - BENÇÃOS E MALDIÇÕES.....	57
Parte B - CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA.....	58
20ª Aula - AFEIÇÕES DOS ESPÍRITOS	59
Parte A - AFEIÇÕES POR CERTAS PESSOAS - ANJOS DA GUARDA – ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU PRESENTIMENTOS.....	59
Parte B - PRECES INTELIGÍVEIS - MODO DE ORAR	61
21ª Aula - OS ACONTECIMENTOS DA VIDA	62
PARTE A - INFLUÊNCIA NOS ESPÍRITOS NOS ACONTECIMENTOS DA VIDA - TORMENTOS VOLUNTÁRIOS - A VERDADEIRA DESGRAÇA.....	62
Parte B - O PODER DA FÉ	64
22ª Aula - AÇÃO, OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS	64
Parte A - OS ESPIRITOS DURANTE OS COMBATES - AÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS FENÔMENOS DA NATUREZA - OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS.....	64
Parte B - TEMPESTADE ACALMADA OU AMAINADA	66
23ª Aula – “O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA ESPÍRITA”	67
24ª. Aula – HOMENAGENS	69
Parte A - HOMENAGEM A BEZERRA DE MENEZES.....	69
Parte B - HOMENAGEM A ALLAN KARDEC.....	71

Agradecimentos

“O Bem que praticares, em algum lugar, é teu advogado em toda parte”.

Emmanuel

Agradecemos primeiramente aos amigos espirituais pela inspiração, e a todos os colaboradores pela participação na composição deste trabalho.

Área de Ensino

Apresentação

Em virtude da quantidade cada vez maior de alunos, interessados nas mensagens que consolam e esclarecem da Doutrina do Cristianismo Redivivo, toma-se oportuno uma revisão dos textos didáticos, no sentido de adaptá-los a uma pedagogia adequada aos novos tempos.

Se o objetivo da Educação é a libertação total dos educandos, o alcance deste fim deve levar em conta as situações e o horizonte cultural dos mesmos.

Este trabalho tem como objetivo geral, levar o aluno a uma assimilação do conteúdo doutrinário. Para tanto, buscou-se a fidelidade devida aos textos da Codificação, assim como, induzi-lo ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades e conseqüente modificação de sua conduta interior perante o mundo e a vida em sociedade.

Quanto ao conteúdo programático, os cursos são constituídos de vinte e quatro lições, contendo a essência dos Livros da Codificação, abordados de forma sucinta e didática.

Nossos livros consistem em textos base, explanados de forma clara e acessível, de forma a permitir ao aluno uma visão metodológica do todo. Nesse aspecto caberá ao expositor desenvolver, completar, aprofundar esses textos de forma precisa e objetiva.

Dessa maneira, a Educação Espírita, em consonância com o nosso tempo, sugerem uma Pedagogia Ativa, ou seja, uma proposta de Educação projetada para o futuro; centrada no sujeito, na vida.

- O Livro dos Espíritos constitui a pedra fundamental da Doutrina Espírita, marco inicial da Codificação Espírita. Com relação às demais obras de Allan Kardec, os livros seqüenciais partem da base filosófica deste:

- O Livro dos Médiuns: natural que sucedesse com o aprofundamento científico e metodológico dos fenômenos espíritos. Encontra-se sua fonte no Livro II (Cap. VI até o final);

- O Evangelho Segundo o Espiritismo: decorrência do Livro IV em sua abordagem Doutrinária Moral;

- O Céu e o Inferno ou Justiça Divina Segundo o Espiritismo: decorre do Livro IV do Livro dos Espíritos.

- A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo: relaciona-se no Livro I (Cap. II, III e IV), ao Livro II (Cap. IX, X e XI) e partes de capítulos do livro III.

“A educação é um conjunto de hábitos adquiridos” (Livro dos Espíritos, pergunta 685a), onde não basta à educação por si só, mas sim, a concretização da educação espiritual pela conduta de cada um, ou seja, o aprendizado e a prática.

A Federação Espírita do Estado de São Paulo espera, portanto, que esta revisão possa cumprir com as finalidades para as quais foi idealizada e, sobretudo corresponder aos desígnios da Espiritualidade, no sentido de ressaltar sempre o caráter evangélico da Codificação à luz de princípios racionais, no ontem, no hoje e no amanhã.

Área de Ensino

Zulmira da Conceição Chaves Hassesian

1ª Aula - O ESPIRITISMO E OUTRAS DOUTRINAS ESPIRITUALISTAS

Parte A - ESPIRITUALISMO E ESPIRITISMO

O espiritualismo é o oposto do materialismo, e qualquer um que acredite ter em si algo além da matéria é espiritualista.

Para designar a crença nos Espíritos, e assim, evitar equívocos futuros, Kardec usou as palavras “Espírita” e “Espiritismo”.

A Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio a relação do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo são os espíritas.

A Doutrina Espírita não tem como prática: rituais, uso de incensos, imagens ou objetos materiais. Esta consolidada em um tríplice aspecto:

CIÊNCIA, por estudar a luz da razão e dentro de critérios científicos todos os fenômenos considerados estranhos - não existe o sobrenatural no Espiritismo;

FILOSOFIA, por trazer uma interpretação própria da vida - toda doutrina que dá uma concepção própria do mundo é uma filosofia;

RELIGIÃO, por ter como objetivo a transformação moral de cada criatura, ou seja, a regeneração moral da humanidade.

Tudo conciliado com os divinos ensinamentos do Evangelho de JESUS, que nos deixou o legado do AMOR e do PERDÃO. Traz como divisa: “FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO”.

METEMPSICOSE

A partir do momento que o princípio inteligente atinge o estágio necessário para ser Espírito e entrar no período de humanização, não tem mais relação com seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente.

No homem, não há mais do animal senão o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente a matéria. Não se pode, portanto, dizer que aquele homem é a encarnação do Espírito de tal animal e, assim, a metempsicose, tal como se entende, não é exata.

O Espírito que animou o corpo de um homem não poderá encarnar em um animal. Isso seria retroceder e o Espírito não retrocede. A reencarnação ensinada pelos Espíritos esta fundada sobre a marcha ascendente da natureza e a progressão do homem em sua própria espécie.

O ponto de partida dos Espíritos é uma dessas questões que se ligam ao princípio das coisas e que estão nos segredos de Deus. Não é permitido ao homem conhecê-lo de maneira absoluta, restando a ele somente fazer suposições.

TRANSMIGRAÇÃO PROGRESSIVA

O Espírito não desfruta da plenitude de suas faculdades desde o início. Na origem, os Espíritos têm somente uma existência instintiva e mal têm consciência de si mesmos e de seus atos.

É pouco a pouco que a inteligência se desenvolve e na sua primeira encarnação sua inteligência apenas desabrocha. A alma ensaia para vida.

A vida do Espírito se compõe, assim, de uma série de existências corporais, e cada uma delas é uma ocasião para o seu progresso.

Na vida atual, mesmo que tenha uma conduta perfeita, não poderá superar todos os graus e tomar-se um Espírito puro, sem passar por graus intermediários.

O Espírito deve avançar em intelectualidade e moralidade. Se progrediu apenas num deles, é preciso que progrida no outro, para atingir um ponto mais alto na escala de evolução. A marcha dos Espíritos é progressiva e não retrograda. Elevam-se gradualmente na hierarquia e não descem da categoria que já alcançaram.

MARCO FUNDAMENTAL DA CODIFICAÇÃO:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS é o primeiro livro sobre a doutrina espírita publicado pelo educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, em 18 de abril de 1857, sob o pseudônimo Allan Kardec. Esta obra é o alicerce do espiritismo, e foi lançado por Kardec após seus estudos sobre os fenômenos que, segundo muitos pesquisadores da época, possuíam origem mediúnica, e estavam difundidos por toda a Europa durante o século XIX. Apresenta-se na forma de perguntas e respostas, a primeira edição, datada de 1857 continha 501 perguntas e no mesmo ano revisado totalizando 1.019 perguntas. Foi o primeiro de uma série de cinco livros codificados pelo pedagogo.

O LIVRO DOS MEDIUNS (1861): (Mundo Espírita ou dos Espíritos) - analisa a noção de Espírito e toda a série de imperativos que se ligam a esse conceito. A finalidade de sua existência, seu potencial de autoaperfeiçoamento, sua pré e sua pós-existência e ainda as relações que estabelece com a matéria.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO (1864): (Das leis morais) - aborda os ensinamentos morais de Jesus Cristo, aos quais estaria submetida toda a Criação.

O CÉU E O INFERNO (1865): (Das esperanças e consolações) - esclarece ponderações acerca do futuro do homem, seu estado após a morte, às alegrias e obstáculos que encontra no além-túmulo.

A GÊNESE (1868): (As causas primeiras) - abordando as noções de divindade, Criação e elementos fundamentais do Universo.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DO ESPIRITISMO

A Crença em Deus.

Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, justo e bom.

Criou o universo, os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

A Imortalidade da Alma.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal; os seres imateriais, o mundo invisível dos Espíritos.

O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistindo e sobrevivendo a tudo.

Há três coisas no homem: o corpo ou ser material, a alma ou ser imaterial, o perispírito, o laço que une a alma ao corpo.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais em poder, inteligência, saber e nem em moralidade.

Os Espíritos não pertencem perpetuamente a mesma ordem. Todos melhoram ao passar pelos diferentes graus da hierarquia espírita.

Ao deixar o corpo, a alma retorna ao mundo dos Espíritos.

A Reencarnação.

O Espírito deve passar por várias encarnações.

A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria um erro acreditar que a alma ou o Espírito pudesse encarnar no corpo de um animal.

As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e o Espírito nunca retrocede.

As qualidades morais são sempre as do Espírito.

A alma tinha sua individualidade antes de sua encarnação e a conserva depois que se separa do corpo.

O Espírito, quando encarnado, esta sob a influência da matéria.

O homem que supera essa influência pela elevação e pela depuração de sua alma aproxima-se dos bons Espíritos. Aquele que se deixa dominar pelas suas paixões se aproxima dos Espíritos impuros, porque nele predomina a natureza animal.

Pela reencarnação, nas sucessivas existências, mediante os seus esforços e desejos de melhoria no caminho do progresso, o homem avança sempre e alcança a perfeição, que é a sua destinação final.

A Pluralidade dos Mundos Habitados.

Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do universo.

Os Espíritos não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e localizada, estão por todos os lugares no espaço.

Os Espíritos exercem sobre o mundo moral e o mundo físico uma ação incessante. As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos

nos atraem e estimulam para o bem. Os maus nos sugestionam para o mal.

A Comunicabilidade dos Espíritos.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas ocorrem pela influência boa ou má que exercem sobre nós sem o sabermos. As comunicações ostensivas ocorrem por meio da escrita, da palavra ou outras manifestações materiais, muitas vezes por médiuns que lhes servem de instrumento.

Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, repleta de mais alta moralidade. A linguagem dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconseqüente, muitas vezes banal e até mesmo grosseira.

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, neste ensinamento evangélico: *"Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem"*.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos - questões: 189 a 196, 610, 611, introdução: itens I, VI e VII, questões, 172 a 188

AMORIM, Deolindo - O Espiritismo à Luz da Crítica - Cap. II

PIRES, José Herculano - Agonia das Religiões - cap. II, cap. 10 – Magia e Magnetismo.

EMANNUEL, Palavras de Emmanuel- n. 83

Parte B - PARÁBOLA DO TRIGO E DO JOIO

"Certo homem semeou boa semente de trigo no seu campo.

Porém, à noite, enquanto dormia, veio o inimigo e semeou joio no meio da plantação.

Quando o trigo cresceu, o joio também cresceu.

Os empregados foram contar ao patrão e se ofereceram para arrancar o joio e deixar somente o trigo.

Mas o dono disse: "Não façam isso. Se vocês arrancarem o joio, podem acabar arrancando algum trigo também; deixem que cresçam juntos e quando chegar à época da colheita, os ceifeiros ajuntarão primeiro o joio e o queimarão, o trigo será recolhido ao celeiro."

E assim foi feito. O joio foi juntado e queimado; mas o trigo, guardado no celeiro. (Mateus cap.XIII: 24-30; 36-43)

Então ele deixou a multidão e foi para casa. Seus discípulos aproximaram-se dele e pediram:

- "Explica-nos a parábola do joio no Campo".

Ele respondeu:

- "Aquele que semeou a boa semente é o Filho do homem. O Campo é o mundo, e a boa semente são os filhos do Reino. O joio são os filhos do Maligno, e o

inimigo que o semeia é o Diabo. A colheita é o fim desta era, e os encarregados da colheita são anjos".

"Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim também acontecera no fim desta era. O Filho do homem enviará os seus anjos, e eles tirarão do seu Reino tudo o que faz tropeçar e todos os que praticam o mal. Eles os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. Aquele que tem ouvidos ouça". (Mateus cap. XIII : 36-43)

O joio ao brotar é muito parecido com o trigo. Seria inconveniente arrancá-lo antes da época da colheita. No momento certo haverá distinção entre ambos. O joio será amarrado e queimado. Assim acontecera com a humanidade, que na hora propicia estará preparada para separar o joio do trigo, após passar por grandes transformações, até o dia em que a Terra se tomara em um planeta de Regeneração.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, José de Souza e - As Parábolas - Cap. VI
CALLIGARIS, Rodolfo - Parábolas Evangélicas
SCHUTEL, Cairbar - Parábolas e ensinios de Jesus
Novo Testamento - Mateus: cap. 13, 24-30 e 13, 36 a 43.

2ª Aula - DEUS

Parte A - A INTELIGÊNCIA SUPREMA

Ao longo da história da humanidade a idéia ou compreensão de Deus assumiram várias concepções em todas as sociedades e grupos já existentes, desde as primitivas formas pré-clássicas das crenças provenientes das tribos da Antiguidade até os dogmas das modernas religiões da civilização atual.

Em um silogismo¹ perfeito, existente no Livro dos Espíritos (LE), na pergunta de nº 1, Kardec pergunta aos Espíritos: **"Que é Deus?"**

Ao que, responderam: **"Deus é a inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas."**

Sempre indagamos: "Quem é Deus?"

Buscando "Nele", formas, ações e atributos humanos. (Antropomorfismo)²

Por ser a visão humana limitada e pelos conhecimentos dogmáticos recebidos concebemos um Deus de maneira antropomórfica, ou seja, com características humanas, Acresce-se a essas circunstâncias outro fator relevante, a lei natural de adoração, que é o sentimento inato em todas as criaturas. Todos compreendem que existe acima deles um Ser Supremo.

¹ Argumento composto de três proposições, a terceira das quais (conclusão) é a consequência das outras duas (premissa maior e premissa menor).

² Doutrina filosófica que atribui a Deus forma, ações e atributos humanos.

Nos primórdios da humanidade a divindade estava na natureza, raios, trovões etc. Os mais esclarecidos já possuíam a consciência de sua fragilidade, aprendendo a curvar-se diante d'Aquele que os pode proteger. Então, a Doutrina Espírita define Deus a partir das causas e efeitos, o nada não poderia produzir coisa alguma.

Pelo axioma, então definimos que todo efeito inteligente tem uma causa inteligente e pela grandeza do efeito se julga a grandeza da causa, neste momento, buscamos na origem, pela razão, a Deus.

A pergunta de nº 3, em o LE, tenta definir Deus, como:

"Poderíamos dizer que Deus é infinito?"

Resp: Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, insuficiente para definir as coisas que estão além da sua inteligência. Deus é infinito nas suas perfeições, mas o infinito é uma abstração; dizer que Deus é infinito é tomar atributo de uma coisa por ela mesma, definir uma coisa, ainda não conhecida, por outra que também não o é." - LE

Deus é eterno, não teve fim ou começo, pois senão teria que ter sido obra de alguém. Deus é infinito em suas perfeições, porém não é o "infinito", senão estaremos tomando o efeito pela causa.

Desta forma, devemos entender, "como infinito", a sua capacidade e atributos.

Provas da Existência de Deus

"Deus, inteligência diretriz, alma do Universo, unidade suprema, onde vão terminar e harmonizar-se todas as relações." (Leon Denis)

Para provar a existência de Deus, basta, portanto olhar para sua obra.

O que não é obra do Homem só pode ser de uma força superior ao próprio homem.

Uma força suprema, dada à supremacia da obra.

Observando-se o sincronismo perfeitamente absoluto do universo, a perfeição dos nossos corpos, a harmonia e excelência do funcionamento dos órgãos humanos, o mecanismo maravilhoso, mas ao mesmo tempo complexo dos sentidos humanos, dentre tantas outras coisas engenhosas da natureza perguntamos:

"Seria tudo obra do acaso?"

Um grande lance de "sorte"?

Ou teríamos uma causa inteligente orquestrando tudo isso?

Atributos da Divindade

1) Deus é eterno.

Por eterno entende-se aquilo que não tem começo e nem fim. Se Deus tivesse um princípio, teria saído do nada; ora, o nada não existe. Por outro lado, se tivesse sido criado por outro ser, então este último é que seria Deus.

2) É Imutável.

Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade (LE, perg. 13).

3) É imaterial.

Sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, pois de outra forma Ele não seria imutável, estando sujeito as transformações da matéria (LE, perg. 13).

4) É único

Se houvesse muitos Deuses, não haveria unidade de vistas nem de poder na organização do Universo (LE, perg. 13).

5) É todo poderoso.

Se não tivesse o poder soberano, haveria alguma coisa mais poderosa ou tão poderosa quanto Ele, que assim não teria feito todas as coisas. E aquelas que Ele não tivesse feito, seriam obra de um outro Deus. E então Ele não seria único (LE, perg. 13).

6) É soberanamente justo e bom.

Sua sabedoria revela-se pela natureza de suas leis de amor, que regem a justiça por todo o Universo (LE, perg. 13).

Panteísmo

Panteísmo do grego pân, pantós = tudo, todos + teísmo

Teorias

1. Doutrina segundo a qual só Deus é real e o mundo é um conjunto de manifestações ou emanções.
2. Doutrina Segundo a qual só o mundo é real, sendo Deus a soma de tudo quanto existe. Com essa concepção seria negar um dos atributos essenciais de Deus a imutabilidade.

Pergunta-se:

Deus é um ser distinto, ou será como opinam alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?

“Se fosse assim, Deus não existiria, porquanto seria efeito e não causa”.

Ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa. Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial. (LE 14)

Confundir o criador com as criaturas é uma interpretação materialista, donde Deus e matéria se identificariam. (LE 16).

Deus não é o universo, mas, nele permanece em suas leis imutáveis que lhe conferem ordem e harmonia.

O escultor e a escultura não se confundem, mas permanece a idéia do escultor, assim, o criador Deus e a criatura não se confundem, porém permanece a inteligência como sendo o próprio cerne, gerador e sustentador da obra.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos - questões: 1 a 16;

KARDEC, Allan - A Gênese - Cap. II;

DENIS, Léon - O Grande Enigma – 1ª Parte;

PIRES, José Herculano - Concepção Existencial de Deus, Cap. III, VII e X;

FLAMMARION, Camille - Deus na Natureza - Tomo V

Parte B - O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS

7. *Se, pois quando apresentardes vossa oferenda ao altar vós vos lembrardes que o vosso irmão tem alguma coisa contra vós, deixai a vossa dádiva ao pé do altar; e ide antes reconciliar-vos com o vosso irmão, e depois voltai para oferecer vossa dádiva. (São Mateus, cap. V, v. 23, 24).*

8. Quando Jesus disse: “Ide vos reconciliar com o vosso irmão antes de se apresentar vossa oferenda ao altar” ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o do próprio ressentimento; que antes de se apresentar a ele para ser perdoado, e que, se cometeu injustiça contra um de seus irmãos, é preciso tê-la reparado; só então a oferenda será agradável, porque vira de um coração puro de todo mau pensamento.

Materialista este preceito porque os Judeus ofereciam sacrifícios materiais imolando animais para expiação da culpa ou para implorar auxílio. Este animal era entregue a Deus como um pedido de perdão; devia conformar suas palavras aos seus usos. O cristão não oferecia dádivas materiais; ele espiritualizou o sacrifício, mas o preceito, com isso, não tem senão mais força; oferece sua alma a Deus, e essa alma deve estar purificada; entretanto no templo do Senhor, deve deixar ao lado de fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão; só então sua prece será levada pelos Espíritos superiores aos pés do Eterno. Eis o que ensina Jesus por estas palavras: Deixai vossa oferenda ao pé do altar; e ide primeiro vos reconciliar com vosso irmão, se quereis ser agradáveis a Deus. Jesus, conforme nos mostra ao texto em Mateus, respeita esta prática Ritualística judaica. Ele não veio destruir a lei, não veio revolucionar as relações externas, não veio se preocupar com o culto externo. Ele sabia que estes seriam gradualmente destituídos uma vez que o homem despertasse para a real relação entre ele e Deus. Ele sabia que, se o amor brotasse no solo fértil a ponto de alcançar a verdade das coisas, aquelas atitudes externas se diluiriam com o tempo.

As coisas externas com apego a matéria não é meritório aos olhos de Deus e sim tudo que é interno no homem, o sentimento, o amor ao próximo, a prática da caridade, o perdão, a reconciliação, a indulgência,

isso é meritório aos olhos do Senhor, os Valores espirituais, a conquista para um aprimoramento espiritual e moral.

Bibliografia:

E.S.E. Cap. X – itens 7 e 8

3ª Aula - ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO UNIVERSO

Parte A - ESPÍRITO E MATÉRIA

Para o Espiritismo o Universo é composto de dois elementos gerais (LE 27):

1- Espírito - Princípio inteligente do universo (LE 23); por princípio entende-se aqui o fundamento que da origem ao Universo, e nele permanece como essência universal. Portanto, por Espírito entende-se o princípio da inteligência, abstração da individualidade designada por esse nome (LE 25a).

Faz-se por bem esclarecer a razão de existir a expressão “espíritos”, que são seres inteligentes da Criação, e a palavra “Espíritos”, empregada para designar os seres extracorpóreos, não mais o elemento inteligente Universal (LE 76).

2- matéria- Em sua origem, o princípio material ou fluido cósmico constitui matéria primitiva que, através de transformações, serve de matéria-prima para os aglomerados de átomos, que por sua vez darão origem as formas materiais.

Na pergunta 27 do Livro dos Espíritos, Kardec questiona sobre a existência de dois elementos gerais do Universo. Os Espíritos atribuem a Deus a origem desses dois princípios universais, de naturezas distintas um do outro, sendo fundamental a união do Espírito com a matéria, em seu estado essencial, para dar inteligência a esta (LE 25) e, portanto, dar origem a multiplicidade de seres e coisas na criação.

Propriedade da matéria

Os Espíritos respondem que a matéria existe em estados que não conhecemos, podendo ser tão etérea e sutil que não produza impressão alguma em nossos sentidos. Entretanto, será sempre matéria (LE 22).

Fluido Universal, ou Fluido Cósmico é imponderável para nós, isto é, sem peso (LE 27). Kardec pergunta aos Espíritos Superiores sobre a ponderabilidade como atributo essencial da matéria. Eles lhe respondem:

- Matéria como a entendeis, sim; mas não da matéria considerada como fluido material. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido é imponderável para vós, mas nem por isso deixa de ser o princípio da vossa matéria ponderável (LE 29).

Na Gênese, cap. VI, “Leis e Forças”, questão 10, o Codificador elucida a respeito da existência de um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os Cor-

pos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. São inerentes as forças que presidiram as metamorfoses da matéria. O Fluido Cósmico como já foi demonstrado é matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade de Corpos da Natureza. Como princípio elementar do Universo assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade; e o de materialização e ponderabilidade (G.E cap. XIV).

Há, pois, regiões em que a matéria encontra-se ainda em um estado muito sutil e rarefeito. Em assim sendo, a ponderabilidade é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos não há peso, da mesma maneira que não há nem alto nem baixo (LE 29). Nesse estado encontra-se o Fluido Cósmico, princípio gerador de todas as coisas.

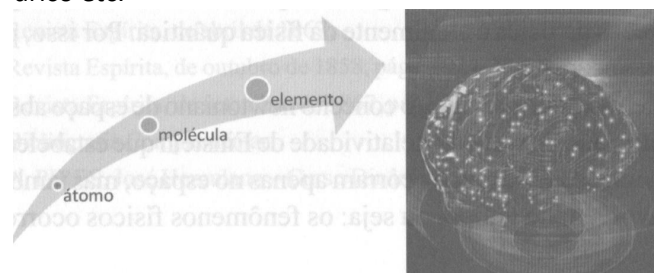
Iniciado o estudo sobre as partículas pelos atomistas gregos da época pré-socrática, o homem tem buscado os constituintes elementares invisíveis da matéria. Na atualidade, com os avanços tecnológicos, construiu-se aceleradores de partículas gigantesco para reproduzir um ambiente favorável para a criação dessas partículas primárias estudadas pela física quântica, impossíveis de serem apreendidas pela percepção sensível, ou seja, pelos cinco sentidos de que dispõe o organismo humano.

Espiritismo explica essas múltiplas formas da matéria que surgem a partir desse Fluido Cósmico ou matéria primitiva, de cuja transformação se originam os elementos químicos que compõem a natureza. Convém aqui esclarecer o processo de constituição das formas materiais, até atingirem o estado de solidez:

Átomo - são agrupamentos de partículas: elétrons, prótons, nêutrons, quarks.

Moléculas - são agrupamentos de átomos unidos por ligações químicas.

Elementos - são conjuntos de aglomerados de átomos da mesma natureza. Exemplo: hidrogênio, ferro, prata etc. são as formas mais simples da matéria. Substâncias ou compostos: são compostas por número limitado de moléculas. Exemplo: água, ácido clorídrico etc.



Corpos - são porções limitadas da matéria.

As diferentes propriedades da matéria passam a existir das modificações que as moléculas elementares sofrem ao se agruparem em determinadas circunstâncias (LE 31). Quando combinadas, passam a assumir variadas formas, passando a matéria a ser apreciada pela percepção sensorial. Com efeito, do ponto de vista humano, define-se a matéria como aquilo que tem extensão e pode impressionar os sentidos, bem como é impenetrável (LE 22). Pode-se assim resumir as propriedades da matéria:

Impenetrabilidade: é a propriedade pela qual dois ou mais corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo.

Extensão - todo corpo material ocupa um lugar no espaço, passando a ter as três dimensões (comprimento, largura e altura).

Divisibilidade: é a propriedade que tem a matéria de ser dividida, e que confere a condição de poder ser pesada.

Além dessas propriedades primárias, a matéria primitiva ao transformar-se adquire outras qualidades secundárias: o sabor, o odor, as cores, as qualidades venenosas ou salutares dos corpos, que não passam de modificações da mesma substância primitiva (LE 32). No entanto, estas qualidades são apenas subjetivas, ou seja, elas não existem em si mesmas, mas só existem pela disposição dos órgãos destinados a percebê-las (LE 32).

Espaço Universal

O conceito de espaço gira sempre em torno das complexas definições da física e atualmente da física quântica. Por isso, possui diversas acepções.

Tem-se, por exemplo, o conceito newtoniano de espaço absoluto. De outro lado, a teoria da Relatividade de Einstein que estabelece que os fenômenos físicos não ocorram apenas no espaço, mas também se desenvolvem no tempo, ou seja: os fenômenos físicos ocorrem no contínuo espaço-tempo. Define-se também o espaço, ora como sendo a extensão que separa dois corpos, ora o lugar circunscrito onde se movem os mundos, o vazio no qual atua a matéria. (A Gênese - Cap. VI. item 1)

Na impossibilidade de um acordo unânime sobre tal conceito, do ponto de vista da Ciência, a Doutrina Espírita vem ampliar o conhecimento humano: o espaço Universal é infinito. Supondo-se um limite para o espaço, qualquer que seja a distância a que o pensamento possa concebê-lo. A razão diz que, além desse limite, há alguma coisa. A física quântica em estudos recentes propõe a existência de uma partícula primária, e no que se definia como vazio absoluto existe uma partícula. Assim, não se pode conceber um espaço vazio, na forma já enunciada pelos benfei-

tores (LE 35). Eles já diziam: “*que não há espaço vazio*”, porque o vazio, enquanto sinônimo de nada, não existe. E se o espaço fosse o nada, não poderia existir. O espaço é vazio apenas em relação às percepções humanas, insuficientes para compreender a matéria sutil e etérea que nele existe.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro I, cap. II, questões 17 a 34;

KARDEC, Allan - O Livro dos Médiuns, Primeira Parte nº 51 e nº 128 - item 10;

KARDEC, Allan - A Gênese - cap. 1, nº 18; cap. VI, itens 12 a 18;

KARDEC, Allan - Obras Póstumas - Cap. I;

KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno - 1ª Parte, cap. 3;

Revista Espírita, de abril de 1867;

Revista Espírita, de outubro de 1858, pág. 291 e 292;

Revista Espírita, de setembro de 1867, pág. 268, nº 18;

Bibliografia Complementar:

A. PIRES, José Herculano - Curso Dinâmico de Espiritismo;

Parte B - MEU REINO NÃO É DESTA MUNDO

Pilatos, tendo entrado de novo no palácio e feito vir Jesus a sua presença, perguntou-lhe: És o rei dos judeus? - Respondeu-lhe Jesus: Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas, o meu reino ainda não é aqui.

Disse-lhe então Pilatos: És, pois, rei? - Jesus lhe respondeu: Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence à verdade escuta a minha Voz. (S. João, cap. XVIII, vv. 33, 36 e 37.)

Por essas palavras, Jesus claramente se refere à vida futura, que ele apresenta como a meta a que a Humanidade terá e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra.

Jesus revelou que há outros mundos, onde a justiça de Deus segue o seu curso e onde os bons acharão sua recompensa. Porém, conformando seu ensino com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, percebendo que eles ficariam deslumbrados, visto que não a compreenderiam. Limitou-se a, de certo modo, apresentar a vida futura apenas como um princípio, como uma lei da Natureza a cuja ação ninguém pode fugir.

O Espiritismo veio completar o ensino do Cristo, quando os homens já se mostram maduros o suficiente para apreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; toma-se uma realidade material.

Para conquistar um lugar são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade e a benevolência para

com todos. Independe de posição, mas do bem que fizermos ou de quantas lagrimas enxugarmos.

Compadecei-vos dos que continuam apegados ao egoísmo, a vaidade, e aos bens materiais; ajudai-os com as vossas preces, porquanto a prece aproxima o homem aos benfeitores espirituais.

Desse modo, os ensinamentos deixados no seu evangelho têm como finalidade levar o homem a conscientização de que seu verdadeiro destino esta na vida futura; para tal conquista, toma-se necessário um novo objetivo: a aquisição de Valores Morais, mais amplos que os acanhados horizontes da vida puramente material.

Portanto, quando o Reino de Deus se implanta definitivamente nos corações humanos, através da consumação da renovação interior das criaturas, o reino de Jesus também será desse mundo, que no momento é apenas uma instância de expiação e dor.

Isso não significa que estejamos abandonados, Jesus é nosso modelo e nosso orientador.

Tendo os fariseus perguntado a Jesus, quando viria o Reino de Deus? Ele respondeu: “O reino de Deus não vem visivelmente, nem dirão: Ei-lo aqui, ou Ei-lo acolá! Porque o reino de Deus esta no meio de Vós” (Lucas, 17:20)

Esse ensino de Jesus sobre o seu reino, a luz da Doutrina Espírita, dilata a visão do homem, que não mais se prende ao pequeno mundo que habita, mas distancia seu olhar na imensidão do infinito. Sua concepção materialista de vida se transforma, em função de valores morais e espirituais que tão fortemente atuam na vida do ser humano.

BIBLIOGRAFIA

ESE Cap. II- itens 1, 2, 3 e 8.

4ª Aula - CRIAÇÃO

Parte A - FORMAÇÃO DOS MUNDOS E DOS SERES VIVOS - A VIDA ORGANIZADA - PLURALIDADE DOS MUNDOS

Formação dos mundos

O universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e não vemos todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço e os fluidos que o preenchem, Allan Kardec abre o capítulo III do primeiro livro, com o questionamento:

- “O universo foi criado, ou existe por toda a eternidade, com Deus?” Os espíritos respondem: - “Ele não pode ter sido feito por si mesmo; e se existisse de toda a eternidade, como Deus, não poderia ser sua obra”.

Os mundos são formados pela condensação da matéria disseminada no espaço. São as estrelas, planetas, satélites, asteróides, cometas, galáxias e nebulosas. De modo geral os mundos habitados podem ser classificados e cinco categorias distintas: Mundos primitivos, de expiação e provas, regeneradores, felizes e mundos divinos.

A proposta do **Big bang** (ou **Grande explosão**) foi sugerida primeiramente pelo padre Georges Lemaitre, quando expôs uma teoria propondo que o universo teria iniciado repentinamente.

No início era apenas uma atualização de uma arquetípica concepção bíblica que naturalmente já abria-se em duas vertentes nada interessantes “o atomismo e a criação”, através das linhas espectrais da luz das galáxias observadas no observatório de Monte Palomar por Humason começaram a revelar um afastamento progressivo para as galáxias mais distantes, com características de uma dilatação universal.

Traduzida em números, essa sensacional descoberta, permitiu ao astrônomo Edwin Hubble encaixar uma progressão aritmética que mais tarde deram-lhe o nome de Constante de Hubble.

Até hoje essa proporção aritmética é a régua cósmica indispensável aos cálculos dos cosmólogos do mundo inteiro.

O físico Albert Einstein, que transcendendo as observações apresentou em 1905 uma teoria geral da relatividade que se identificava muito com o cenário de fundo do universo.

Os cientistas acreditam em uma matéria primitiva agrupada através dos átomos, formam os mundos e os corpos de todos os seres vivos. Kardec acrescenta que a matéria cósmica primitiva encerrava os elementos materiais, fluídicos e vitais, de todos os universos, que expõem a sua magnificência diante da eternidade.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que permeia os espaços interplanetários; esse fluido cósmico que preenche em aglomerações ricas de estrelas, mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha, é a substancia primitiva em que residem as forças universais de onde a Natureza tirou todas as coisas, “o fluido universal”. (GE Cap. VI item 17)

Formação dos seres vivos

Por meio dos germes que se encontravam latentes no planeta e, encontrando um ambiente propício, começaram a germinar. A formação dos seres vivos partiu do caos pela própria força da natureza. “No começo tudo era caos; os elementos estavam fundidos.” (LE 43)

Pouco a pouco, cada coisa tomou seu lugar, então, apareceram os seres vivos, apropriados ao estado do globo. Inclusive o homem ao seu tempo, ocupou seu

lugar ao lado de outros seres vivos. Aparecem os vírus e com eles surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva. Sustentado pelos recursos da Vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplasmático, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal.

Das cristalizações atômicas e dos minerais, do vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais, pelo período jurássico, exteriorizando-se nos mamíferos o princípio inteligente atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando valores múltiplos de organização, da reprodução, da memória do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando assim pelas vias da inteligência mais completa e laboriosa adquirida, nas faixas da inauguração da razão. (André Luiz – Evolução em Dois Mundos – cap. IV)

Povoamento da terra – Adão

Kardec explica que a chamada raça adâmica foi uma das últimas raças a surgirem na terra, com a missão de auxiliar no desenvolvimento do planeta, ajudar os seus habitantes primitivos a se elevarem espiritualmente. Não surgia milagrosamente, mas de forma natural, por descendência biológica de outras raças mais aperfeiçoadas. (GE Cap. XI, item 38)

O espiritismo não pode admitir que essa alegoria seja tomada ao pé da letra. A espécie humana não começou por um só homem, surgiu na terra pelo encadernamento natural da evolução dos seres. Kardec estuda a posição do homem na escala animal e declara “por mais que isso possa ferir o seu orgulho, o homem deve resignar-se a ver no seu corpo matéria o último elo da animalidade na terra”.

A respeito das contradições da bíblia e do espiritismo, Kardec, acertadamente responde que não, porque o Espiritismo apenas explica a alegoria bíblica, dá-lhe a necessária interpretação na pergunta (LE 47)

- *“A espécie humana está entre os elementos orgânicos do globo terrestre? A resposta foi sim, e veio a seu tempo; foi isso que deu motivo a dizer-se que o homem Foi feito do limo da terra”.*

Kardec (GE, Cap. X) faz um quadro comparativo da alegoria dos seis dias da criação bíblica e da formação geológica determinada pela ciência. Este último com a contribuição dos espíritos. Acentua que a concordância não é rigorosa e não pode ser tomada como tal, mas basta provar a intuição da realidade na alegoria bíblica.

E conclui o capítulo afirmando:

- “Não rejeitamos, pois, a Gênese bíblica, mas estudemo-la, como estudamos a história da origem dos povos”.

Hoje os próprios teólogos, católicos e protestantes endossam as explicações científicas em consonância com as explicações espíritas.

A pesquisa científica comprova o povoamento do globo em diferentes locais, com relação a pigmentação da pele, e as diferenças físicas dos habitantes da região, além, da evolução e das civilizações existentes em um mesmo período.

Diversidade das raças humanas

Na pergunta (LE 53), os Espíritos respondem a Kardec que o homem apareceu em diversos pontos do planeta e em diferentes épocas e, é essa uma das causas da diversidade das raças. Depois o homem se dispersou pelos diferentes climas, e aliando-se os de uma raça aos de outras, formaram novos tipos.

Kardec coloca que: *“certas raças apresentam tipos particulares característicos, que não permitem assinalar-lhes uma origem comum que não podem ser atribuídos apenas ao ambiente”.* E acrescenta: *“...uma vez que os brancos que se reproduzem no país dos negros não se tornam negros, e reciprocamente...”* (GE cap. XI, item 39)

Pluralidade dos mundos

Que as obras de Deus estejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam a morada de seres que os contemplam e descobrem sob o seu véu o poder e a sabedoria daquele que o forma, essa questão não é mais duvidosa para nos; mas que as almas que os povoam sejam solidárias, isso é o que importa conhecer. (GE cap. VI item 54)

Os mundos diferem segundo as condições diversas que lhes foram reservadas, e Segundo o seu papel respectivo no cenário do universo. (GE cap. VI item 61).

Deus povoou os mundos de seres vivos, as condições de existência dos seres nos diferentes mundos, devem ser apropriadas ao meio em que tem que viver. Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria, e moralmente, pela depuração dos Espíritos que os habitam.

Aqueles que perseveram no mal em sua revolta contra Deus e suas leis serão doravante um entrave para o progresso moral, uma causa permanente de perturbação para o repouso e a felicidade dos bons, por isso eles são enviados para os mundos menos avançados. (GE Cap. XI item 43)

“Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, e todas as épocas da humanidade.” (Allan Kardec)

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 1º, cap. III, questões 37 a 59;

KARDEC, Allan - A Gênese - cap. IV itens de 1 a 10; cap. VI, itens 1,08, 10 a 12, 16, 19, 23, e, 48 a 61; cap. VII, itens 13,17, 18, 48 e 49; cap. IX, item 4;cap. X, itens de 1 a 12, 15, 2o e 26 a 29; cap. XI, itens 1 a 9, 29 a 32, 38 a 42, parágrafo 3 e 45; cap. XII, itens 1 a 23;

KARDEC, Allan - Obras Póstumas - Profissão de Fé Racional - cap. III, itens 10, 11 e 13;

KARDEC Allan, O Que é Espiritismo, cap. III, itens 105 a 107;

Bibliografia Complementar:

ANDRE LUIZ - Evolução em Dois Mundos - cap. IV

EMMANUEL - A Caminho da Luz v cap. II

Parte B - HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI

“Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. - Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vos ai estejais”. (JOÃO, XIV : 1-3.)

DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS

Mundos inferiores: a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral.

À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

Mundos intermediários: misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam.

Mundos superiores: o bem predomina sobre o mal.

AINDA PODEMOS CLASSIFICAR OS MUNDOS EM:

Mundos primitivos: destinados as primeiras encarnações da alma humana.

Mundos de expiação e provas: onde domina o mal.

A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo e as qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral.

Por isso estão aqui para expiarem suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso.

Mundos de regeneração: nos quais as almas que ainda tem o que expiar extrai novas forças, repouando das fadigas da luta.

Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes.

“A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se, porém, o homem ainda se

acha sujeito as leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que saís escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca”. (ESE cap. III)

Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade.

Mundos ditosos: onde o bem sobrepuja o mal.

Mundos celestes ou divinos: habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem.

A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que ai vive o homem a braços com tantas misérias.

Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos.

O progresso é lei da Natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus.

A própria destruição, que aos homens parece o termo final de todas as coisas, é apenas um meio de se chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, visto que tudo morre para renascer.

Ao mesmo tempo em que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. III, itens 1 a 5 e 8 a 19;

Novo Testamento - João 14: 1-2.

5ª Aula - PRINCÍPIO VITAL - FLUIDOS

Parte A – SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS - PRINCÍPIO VITAL - A VIDA E A MORTE - A NATUREZA DOS FLUIDOS

Seres Orgânicos e Inorgânicos e Principio Vital:

Os seres orgânicos são os que trazem em si mesmos uma fonte de atividade íntima, que lhes dá a vida. Nascer, crescer, reproduzem-se e morrem; são providos de órgãos especiais para a realização dos diferentes atos da vida e apropriados as necessidades de sua conservação. Abrangem os homens, os animais e as plantas.

Os seres inorgânicos são os que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, sendo formados

apenas pela agregação da matéria: os minerais, a água, o ar, etc. (LE, introdução a questão 60)

É a mesma lei, ou seja, a de atração que une tanto os elementos dos corpos orgânicos, quanto os inorgânicos, assim como a matéria também é a mesma, com a diferença que os corpos orgânicos estão animalizados, pois se uniram ao fluido vital.

Na resposta 63, do LE, os amigos espirituais responderam que o princípio vital, tanto é um efeito, quanto uma causa da matéria animalizada. E um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é vida, da mesma forma que a matéria não pode viver sem ele. E ele que da vida a todos os seres, que o absorvem e assimilam.

O fluido vital ou princípio vital é uma das modificações do fluido universal, já que também é matéria.

A Vida e a Morte

A causa da morte esta na exaustão dos órgãos. O conceito de morte vigente hoje no meio científico internacional, é o da *“ausência de atividade elétrica cerebral”*. Ao lado de alguns sinais de fácil identificação, a ausência de atividade cerebral determinada pelo eletroencefalograma, confirma o diagnóstico de morte física, mesmo que o coração continue em funcionamento a custa de aparelhos específicos.

No entanto, em muitas oportunidades, essa exaustão do corpo físico será precedida por uma deterioração do fluido vital que o animaliza.

Podemos comparar o mecanismo da morte a um aparelho elétrico em funcionamento. Poderíamos fazê-lo parar de funcionar de duas maneiras: suprimindo a corrente elétrica que chega até ele, e quebrando o aparelho.

Assim também ocorre com a morte nos seres orgânicos; ela pode ocorrer de duas formas: o empobrecimento do tônus vital iria desarticular as células do veículo físico, surgindo daí a doença, e posteriormente, a morte. Seria o processo observado como mais frequência nas mortes naturais; e a destruição direta do veículo físico sem desintegração do fluido vital prévia, mortes trágicas (como acidentes, homicídio, suicídio).

Kardec, em complemento a questão 70, do LE, nos diz:

“A quantidade de fluido vital não é a mesma em todos seres orgânicos: varia segundo as espécies, e não é constante no mesmo indivíduo, nem nos vários indivíduos da mesma espécie. Há os que estão, por assim dizer; saturados do fluido vital, enquanto outros o possuem apenas em quantidade suficiente. É por isso que uns são mais ativos, mas energéticos, e de certa maneira, de vida superabundante.

A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se incapaz de entreter a vida, se não for renovada pela absorção e assimilação de substâncias que o contém. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tem em maior quantidade pode dá-lo ao que têm menos e, em certos casos fazer voltar uma vida prestes a extinguir-se”.

Veja vários exemplos de doação do fluido vital, através de Jesus, nos casos: A filha de Jairo (Marcos: V, 21-43); O filho da Viúva de Naim (Lucas: VII, 11-17) e Lázaro (João, XI: 1-45).

Mecanismo da Morte

1 - Mortes Naturais

- Deterioração do Fluido Vital
- Exaustão do corpo físico
- Desligamento do Espírito

2 - Mortes Trágicas

- Destruição do corpo físico
- Desligamento do Espírito

No primeiro caso, o corpo enfermo não estaria em condições de participar da renovação do fluido vital adulterado, o que completaria o circuito de forças enfermigas.

No segundo caso, a morte alcançaria os órgãos impregnados de fluidos vitais sadios, o que poderia criar dificuldades na readaptação do desencarnante a sua nova vida, já que o fluido vital é exclusivo dos encarnados. Nesta eventualidade (mortes trágicas), sabemos que o sofrimento que acompanha o desencarnante é diretamente proporcional a culpabilidade da vítima naquele acidente. Nos casos em que o Espírito não foi responsável (consciente ou inconsciente) pelo seu desencarne, o fluido vital restante sofreria uma desagregação o que liberaria o Espírito dessas energias impróprias para a vida espiritual. Nos casos de suicídio direto ou indireto, as faixas de fluido vital estariam aderidas ao corpo espiritual do recém-desencarnado, gerando dificuldades a sua readaptação a vida na erraticidade.

Com a morte do corpo físico, a matéria inerte se decompõe, formando novos seres, porque na natureza tudo se transforma, pois quem cria é apenas Deus. Quanto ao princípio vital, retorna a massa.

A Natureza dos Fluidos

Fluido Cósmico Universal *“é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza”*.

Há um fluido etéreo que preenche o espaço e penetra os corpos. E o fluido cósmico ou universal ou matéria elementar primitiva, geradora do mundo e dos

seres, ou seja, tudo que não é Espírito, provem das suas quase infinitas transformações.

Os fenômenos materiais tidos vulgarmente como milagrosos, foram explicados pela Ciência, tendo em vista as leis que regem a matéria. Quanto aos fenômenos “em que prepondera o elemento espiritual” não explicáveis unicamente pelas leis da Natureza, encontram explicação nas “leis que regem a vida espiritual” (cap. X e XIV - GE).

Propriedades dos fluidos

O fluido cósmico ou Universal assume dois estados distintos: o de imponderabilidade - seu estado normal (eterização), passando ao de ponderabilidade que preside aos fenômenos materiais, de alçada da Ciência; no estado de eterização situam-se os fenômenos espirituais ou psíquicos, ligados a existência dos Espíritos, estudados pelo Espiritismo. Neste estado, os fluidos sofrem maior número de modificações, adquirindo propriedades especiais, sendo para os Espíritos o que para nós são as substâncias materiais; elaboram, combinam, produzindo os efeitos desejados. Tais modificações são feitas por Espíritos mais esclarecidos, enquanto que os ignorantes, mesmo participando do fenômeno, são incapazes de entendê-las.

Nossos sentidos e instrumentos de análise não podem perceber os elementos fluídicos; alguns fluidos, entretanto, pela sua ligação com a vida corporal, podem ser avaliados pelos seus efeitos: são fluidos mais densos que compõem a atmosfera espiritual da Terra. Possuem vários graus de pureza, sendo desse meio que os Espíritos deste planeta, encarnados e desencarnados, tiram os elementos necessários a manutenção de sua existência. Em outros mundos ocorre o mesmo, com as devidas variações de constituição e condições de vitalidade de cada um.

Os fluidos espirituais na verdade são matéria mais ou menos quintessenciada; somente a alma ou princípio inteligente é espiritual. Assim os fluidos espirituais são “a matéria do mundo espiritual”. Quanto a solidificação da matéria, na realidade não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode volver ao seu estado primitivo, quando deixam de existir as condições de coesão.

Ação dos Espíritos sobre os fluidos

Criações fluídicas - Fotografia do pensamento.

Os fluidos espirituais constituem-se nos materiais utilizados pelos Espíritos, o meio onde ocorrem os fenômenos especiais bem como onde se forma a luz perceptíveis no plano espiritual, como também é o veículo do pensamento.

Através do pensamento imprimem direção, aglomeram, combinam ou dispersam, dando forma e cor,

mudam as propriedades dos fluidos de acordo com leis específicas. Tais transformações podem ocorrer pela vontade como também resultar de um pensamento inconsciente.

Para o Espírito, basta que pense em algo para que se produza, pois, pode tomar-se visível a um médium, mostrando a aparência de qualquer encarnação em que fixe seu pensamento, com todas as características e particularidades. Pode criar fluidicamente objetos com duração efêmera (idêntica a do pensamento que os criou) que, para ele são tão reais como o eram, no estado material, para o homem vivo.

O pensamento atua sobre os fluidos como o som sobre o ar, criando imagens fluídicas reflete-se no perispírito como num espelho, encorpa-se e se fotografa.

Assim, os mais secretos movimentos da alma repercutem no perispírito, permitindo a que leiam uns aos outros como num livro. Vêem a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

Qualidades dos Fluidos:

Os fluidos podem ter qualidades físicas e morais. Os fluidos, originalmente neutros, adquirem suas qualidades no meio onde são elaborados.

Sob o ponto de vista Moral, trazem a impressão dos sentimentos do ódio, da inveja, do ciúme, do orgulho, do egoísmo, da violência, da hipocrisia, da bondade, da benevolência, do amor, da caridade, da doçura, etc.

Sob o ponto de vista físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, soporíferos, narcóticos, tóxicos, reparadores, etc.

O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões e vícios da Humanidade.

BIBLIOGRAFIA:

- 1) Kardec, Allan - “O Livro dos Espíritos” - Introdução, item II, questões 60 a 70;
- 2) Kardec, Allan - “A Gênese” - cap. XIV, itens 1 a 6 e 16 a 19;
- 3) Delanne, Gabriel- “Evolução Anímica” - cap. I, item “A Força Vital”
- 4) Angelis, -lo3H3 - “Estudos Espíritas” - cap. 6 -psicografia de Divaldo Franco.
- 5) Novo Testamento: Marcos: V, 21-43; Lucas: VII, 11-17 e João XI: 1-45

Parte B - PROGRESSÃO DOS MUNDOS

É outra mensagem de Santo Agostinho, também psicografada em Paris, em 1862, que Kardec escolheu para encerrar o capítulo III de ESE.

Progressão significa segundo o dicionário Houaiss “ação de progredir; desenvolvimento gradual (de um processo); progressividade, sucessão, continuação”.

A Casa de meu Pai é o Universo infinito. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infi-

nito, oferecendo aos Espíritos imortais, moradias próprias ao grau evolutivo de cada um.

Santo Agostinho vem nos dizer que a lei do progresso, a qual Kardec classificou como lei natural, funciona para todos os seres animados e inanimados, para levá-los, pela transformação, a um estado mais perfeito, pois tudo morre para renascer, porque Deus quer que tudo se engrandeça e prospere. A própria destruição, que parece para os homens, o fim das coisas, é apenas um meio de renascer, e nada volta para o nada.

Assim como os seres vivos progridem intelectual e moralmente, os mundos também progridem.

A história dos mundos nos faz ver que desde a aglomeração dos primeiros átomos na formação deles há uma progressão contínua, um desenvolvimento imperceptível para cada geração, mas dando a seus habitantes condições mais agradáveis, a medida que, eles também avancem na senda do progresso, interferindo com a inteligência nas forcas da natureza.

Nada fica estacionário: evoluem, paralelamente, os animais, as formas de moradia, de vestuário, de alimentação, de idéias... Em tudo há um dinamismo evolutivo, progressivo.

A Terra, com sua humanidade, seguindo essa lei, esteve material, intelectual e moralmente, em um estado inferior ao de hoje. Já foi mundo primitivo, tomou-se de expiações e de provas e vai transformar-se em um mundo regenerador, onde seus habitantes se esforçarão para viver o bem, numa luta sem as angústias de hoje, pela certeza que terão da existência e imortalidade do ser espiritual, com todas as suas conseqüências de compreensão, segurança e confiança nas leis divinas.

Por estarmos vivenciando um longo período de transição, onde o mal, a violência toma-se visível a todos, ao nosso redor ou através dos meios de comunicação.

É o mal tendo que ser bem conhecido, é a exibição das feridas, do feio, do choro, para que o homem desperte de vez e use sua inteligência, sua sensibilidade, sua fé, sua vontade no esforço de erradicá-lo através do sentir o bem, pensar no bem e fazer somente o bem, e não através do mesmo mal, da mesma violência.

Talvez, por vivermos em uma época com aspectos diferentes, mas que se assemelham aos tempos dos primeiros cem anos do cristianismo: época de mudanças marcadas nas idéias dominantes até então, quando os seguidores de Jesus se doaram na divulga-

ção através da palavra, da vivência da Boa Nova que Jesus trouxe.

Hoje, a grande maioria dos homens sente necessidade de conhecer-se: Quem somos, De onde viemos, Para onde vamos?

Os atuais seguidores do Cristo, principalmente os espíritas, pelos esclarecimentos que possuem, têm o dever de divulgar os princípios de sua doutrina pelos meios de comunicação existentes, mas, principalmente, pela palavra e pela conduta, na vivência e no exemplo do amor e do perdão.

BIBLIOGRAFIA

Kardec, Allan, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap. III, item 19.

6ª Aula - PRINCÍPIO INTELIGENTE E OS TRÊS REINOS

Parte A - OS TRÊS REINOS - OS MINERAIS E AS PLANTAS - OS ANIMAIS E O HOMEM

Parece, assim, que a alma teria sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação nesses seres, que estas longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco, e ensaia para a vida, como dissemos (LE, 607-a). Em tudo observamos a admirável harmonia da criação divina, onde tudo se encadeia e se transforma, seguindo a lei de evolução.

Após a morte, o Espírito não pode lembrar-se de suas existências anteriores ao período de humanidade, porquanto ainda não havia começado a vida de Espírito;... *É mesmo difícil que se lembre de suas primeiras existências como homem, exatamente como o homem não se lembra mais dos primeiros tempos de sua infância, e ainda menos do tempo que passou no ventre materno (LE, 608).*

O homem, tendo tudo o que existe nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, ilimitada, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extra materiais e o conhecimento de Deus (LE, 585).

Do ponto de vista do reino animal o homem não é um ser a parte, porque nada na natureza se faz por transição brusca; há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres (LE, 609). Mas, o homem é de fato um ser a parte, porque tem faculdades que o distinguem de todos os outros e têm outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que **O podem conhecer** (LE, 610).

Vale lembrar que, não fomos conscientemente pedra, planta ou animal. O Espírito (princípio inteligente)

estagia nesses reinos, para o aprendizado de aspectos necessários ao seu processo evolutivo assim como também de seus instintos. Detentor deste aprendizado este princípio inteligente, pela vontade do Pai, adentra ao reino hominal, já individualização inteligente e aí sim passa a ser um ser consciente.

Os Três Reinos

Subentendem-se por Reino cada uma das três grandes divisões em que se agrupam todos os corpos da natureza, a saber; reino mineral, vegetal e reino animal, ou ainda em duas grandes classes; seres orgânicos e seres inorgânicos.

Alguns estudiosos, no entanto, do ponto de vista moral, consideram a espécie humana como um quarto reino, o hominal, em razão de sua inteligência ilimitada que o diferencia dos demais componentes do reino animal.

Tal posição é plenamente corroborada pela Codificação Espírita pois, do *ponto de vista moral, há, evidentemente, quatro graus. Esses quatro graus têm, com efeito, caracteres bem definidos, embora pareçam confundir-se os seus limites* (LE, 585).

I - Os Minerais e as Plantas

Minerais:

A matéria inerte que constitui o reino Mineral, não possui mais do que uma força mecânica (LE, 585).

Caracterizando-se pelas inúmeras variedades e combinações dos corpos simples da natureza, este reino constitui-se a partir da agregação da matéria sob o impulso das leis de atração e coesão que unem e equilibram os átomos em estruturas simples e/ou complexas.

Muito embora composto por matéria inerte e, portanto, sem vitalidade, já neste reino encontra-se, latente, o suporte necessário a manifestação da vida que irá despontar no reino vegetal.

Plantas:

As plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade (LE, 585); e embora possuindo fisiologia específica, não tem consciência de sua existência; não pensam e não tem mais do que vida orgânica.

Assim, não experimentam sensações nem sofrem quando são mutiladas: *...são fisicamente afetadas por ações sobre a matéria, mas não tem percepções; por conseguinte, não têm a sensação de dor.* (LE, 587)

A força observada pelos botânicos, que atrai as plantas umas as outras, não constitui manifestação de vontade; trata-se tão somente de uma força mecânica da matéria que age na matéria; elas não poderiam opor-se (LE, 588).

Algumas plantas, porém, têm determinados movimentos fisiológicos que levam a impressão de possuírem não apenas sensibilidade, como também uma

espécie de vontade, como ocorre por exemplo, com a sensitiva e a dioneia (LE, 589). Mas isto não significa que ambas possuam a faculdade de pensar; elas representam, sim, formas intermediárias entre o reino vegetal e o animal.

“Tudo é transição da Natureza, pelo fato mesmo de que nada é semelhante e no entanto tudo se liga. As plantas não pensam, e por conseguinte não têm vontade... O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos análogos, sem a participação da vontade como as funções digestivas e circulatórias... O mesmo deve acontecer com a sensitiva, na qual os movimentos não implicam absolutamente a necessidade de uma percepção e menos ainda de uma vontade.” (LE, 589).

Mesmo nos mundos superiores, as plantas são sempre plantas, como os animais são sempre animais, e os homens sempre homens. (LE, 591).

II - Os Animais e o Homem

Os Animais

Comparando-se o homem e os animais, em relação à inteligência, torna-se difícil estabelecer uma linha divisória entre ambos, pois certos animais têm notória superioridade sobre certos homens. Mas, nesse terreno, o homem é um ser a parte, que desce às vezes muito abaixo.

Todavia, no físico o homem é como os animais e menos provido que muitos deles, pois suas necessidades de sobrevivência, por exemplo, são providas pela própria natureza, ao passo que o homem precisa usar a inteligência para inventar os meios adequados a fim de suprir suas necessidades materiais. (LE, 592)

Os animais, quase que na totalidade de suas vidas, agem por instinto; contudo, alguns já se expressam por uma vontade determinada, provando desfrutar de uma inteligência, se bem que rudimentar e “*Há pois, neles uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente concentrado sobre os meios de satisfazer as suas necessidades físicas e prover a conservação. Não há entre eles nenhuma criação, nenhum melhoramento... Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, porque o animal abandonado a si próprio, não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza.*” (LE, 593).

Eles também não possuem uma linguagem formada de sílabas e palavras, mas têm outras formas de se comunicarem, sempre adequadas aos limites restritos de suas necessidades.

Na ausência de voz comunicam-se por outros meios, assim como os homens, quando mudos usam a mímica. Sendo-lhes facultada a vida de relação, possuem meios de se prevenirem e de exprimirem as sensa-

ções que experimentam; é por isto que os peixes comunicam-se entre si, da mesma forma que as baleias e outros animais, pois a linguagem não é privilégio exclusivo do homem.

Ocorre que a linguagem dos animais é instintiva e limitada pelo círculo exclusivo das suas necessidades e das suas idéias, enquanto o homem é perfectível] e se presta a todas as concepções da sua inteligência (LE, 594-a).

Em relação à aptidão que certos animais denotam de imitar a linguagem humana, deve-se ao fato de haver certa conformação dos órgãos vocais e é por isso que, levados pelo instinto de imitação, chegam a linguagem e aos gestos dos homens, como é o caso de algumas aves e dos símios (LE, 596).

Apesar de não desfrutarem do livre-arbítrio, os animais não são simples máquinas; têm liberdade de ação, embora limitada e restrita aos atos da vida material, pois possuem uma inteligência igualmente limitada, que os possibilita para tal.

No entanto, se possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, é porque há neles um princípio independente da matéria, e que sobrevive ao corpo; a tal princípio pode-se didaticamente chamar de “alma”, mas é inferior à do homem. Há, entre a “alma” dos animais e a do homem tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus (LE, 597-a).

Posto que os animais não possuem “alma” propriamente dita, mas um princípio espiritual, após a morte conservam sua individualidade, mas não a consciência de si mesmos, uma vez que a vida inteligente permanece em estado latente. Ficam numa espécie de erraticidade, pois não estão mais unidos a matéria, mas nem por isso são Espíritos errantes.

Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade, Sendo a consciência de si mesmo seu atributo principal; o dos animais não têm a mesma faculdade (LE, perg. 600).

Os animais também acompanham a lei do progresso e nos mundos superiores suas possibilidades são bem mais desenvolvidas, embora permanecendo sempre inferiores e submetidos aos homens; toda evolução inclusive a animal, decorre em função da ordem natural das coisas.

Mas, mesmo nestes mundos e por não possuírem livre-arbítrio, não passam pelo processo expiatório e ignoram a existência de Deus.

Portanto, a inteligência do homem e a dos animais, procede de um mesmo princípio inteligente imanente nos reinos da natureza; mas o reino animal é a última etapa em que este princípio estagia em busca da sua individualização plena e responsável, pois o despertar

da sua consciência, já no reino hominal, lhe trará a condição de Espírito perfectível.

O Homem

No reino hominal, o princípio inteligente, trazendo consigo todo o acervo de experiências multimilenares conquistadas nos reinos da natureza, inicia o processo da aquisição do domínio da razão e da consciência de si mesmo, que é o principal atributo do Espírito; não é mais “essência espiritual”, mas Espírito com individualidade própria, discernimento, responsabilidade de seus atos, conhecimento do bem e do mal, conhecimento de Deus e de suas leis..

A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período de humanidade começa, em geral, nos mundos ainda mais inferiores (LE, 607b), o que no entanto, não constitui regra absoluta; excepcionalmente pode acontecer que um Espírito desde o seu início esteja apto a viver na Terra.

Nesta fase, o estado da alma do homem corresponde ao estado da infância na vida corporal; sua inteligência esta apenas desabrochando e ensaiando para a vida.

Muitos estudiosos classificam o gênero humano como sendo um animal racional e social. Mas, segundo a Doutrina Espírita, afirmar que o homem é um animal, embora superior, é tão incorreto quanto dizer que o animal é um homem. Seu corpo se destrói como o dos animais, isto é certo, mas o seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender; porque só ele é completamente livre (LE, 592);

O que toma o homem superior ao animal são os atributos intelectuais e morais e a intuição da existência de Deus, gravada em sua consciência.

BIBLIOGRAFIA:

- KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 1º, cap. IV, questões 71 a 75; Livro 2º, cap. XI, questões 585 a 591;
 KARDEC, Allan - A Gênese, cap. II, item 27; cap. III, itens 11, 12, 13, 14, 18 e 19; cap. V, item 9; cap. VI, itens 17 a 19; cap. X, itens 10 a 19, 24 e, 25; cap. XI, item 43; cap. XII, itens 13 a 26.
 KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno – 1ª Parte, cap. III, nº 18; cap. IV, nºs 7 e, 11 a 14; cap. V nº 1 a 10;
 KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. I e III;
 Revista Espírita, de janeiro de 1862; de novembro de 1863; de julho de 1864;
 Revista Espírita, de Setembro de 1864;

Parte B - A LEI DE AMOR

O amor resume toda a doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados a altura do progresso realizado. No seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; e o amor é o requinte do sentimento (ESE cap. XI item 8).

O Espírito percorre longo caminho em busca de sua evolução.

Como vimos, o principio inteligente estagia nos três reinos para adquirir as condições necessárias e adentrar ao reino hominal, e a partir de então outra grande jornada se apresenta ao Espírito, já individualidade inteligente, o desenvolvimento da inteligência e o aprendizado do amor.

Os instintos são a germinação e os embriões dos sentimentos. Trazem consigo o progresso, como a bolota oculta o Carvalho. (ESE cap. XI item 8)

O instinto é uma inteligência não-racional. É por meio dele que todos os seres provém as suas necessidades (LE questão 73).

Pode-se observar que o Espírito se utiliza do instinto para a manutenção da vida; na busca pelo alimento, na condição da defesa e da reprodução.

Ao vivenciar a satisfação destas necessidades o Espírito experimenta sensações que se transformarão em sentimentos dos mais variados matizes.

O grande desafio em nossas existências é a educação de nosso “sentir”, que se transforma em energias através do pensamento emitido.

O aprendizado do amor se dará através do exercício da contenção, do trabalho interior desenvolvido pela inteligência. *O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio* (LE, questão 75).

Jesus veio mostrar a importância do amor, com este ensinamento ele modificou o mundo, trouxe uma nova realidade para a vida do Espírito, instaurou uma nova era para a humanidade.

Se a primeira palavra divina é o “amor”, a segunda é a “reencarnação”; pois só através da reencarnação é possível a conquista do amor e da sabedoria, as duas asas que nos aproximam de Deus.

O sangue resgatou o Espírito, e o Espírito deve agora resgatar o homem da matéria (ESE cap. XI item 8), Através da reencarnação, na matéria de que se constitui o corpo físico e toda condição da vida material, o homem pode realizar o seu processo de crescimento. Faz-se necessário que o Espírito se liberte da matéria valorizando suas faculdades espirituais.

A busca pelo conforto, a luta pela sobrevivência são sem dúvida aspirações dignas, mas o homem não pode menosprezar a importância de desenvolver suas conquistas espirituais, que constituem sua verdadeira riqueza.

O amor é à base das leis Divinas que regem todo o Universo.

Quando destas leis nos afastamos, sofremos, pois andamos na contra mão do bem.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XI, item 8.

7ª Aula - ESPÍRITO, PERISPÍRITO E CORPO FÍSICO

Parte A – ESPÍRITO: ORIGEM E NATUREZA - MUNDO NORMAL PRIMITIVO - FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS - PERISPÍRITO: ORIGEM, NATUREZA, FUNÇÕES E PROPRIEDADES - CORPO FÍSICO

ESPÍRITO:

Origem e natureza

São as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros mundos, despojados de seu envoltório corporal. Quanto ao conceito de alma para o Espiritismo é o de um ser imaterial e individual que em nos reside e sobrevive ao corpo; é o principio inteligente do Universo segundo a questão 23 do Livro dos Espíritos, que abriga o pensamento, à vontade e o senso moral. Temos ainda o perispírito, envoltório fluídico, leve, imponderável, que une o espírito e o corpo. (LE, Introdução)

Mas, como não se pode conceber o principio inteligente isolado de toda matéria, nem o perispírito sem estar animado pelo principio inteligente, as palavras alma e Espírita são, usualmente, empregadas indiferentemente uma pela outra.

Em síntese temos no homem três coisas essenciais: primeiro a alma ou principio inteligente, segundo o corpo, envoltório material que coloca o Espírito em relação com o mundo exterior; terceiro, o perispírito, envoltório fluídico intermediário entre o Espírito e o corpo. A alma é, assim, um ser simples; o Espírito um ser duplo e o homem um ser triplo. (OQE, cap. II, 14)

A morte não é senão a destruição do envoltório material; a alma abandona esse envoltório como a borboleta deixa sua crisálida; contudo, ela conserva seu corpo fluídico ou perispírito.

A morte do corpo livra o Espírito do envoltório que o amarrava a Terra e o fazia sofrer; uma vez liberto desse fardo, ele não tem mais que seu corpo etéreo, que lhe permite percorrer o espaço e transpor as distâncias com a rapidez do pensamento. A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o homem; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado Espírito. (OQE, cap. II, 12,13 e 14)

Os Espíritos são criação de Deus e se acham submetidos a sua vontade, mas quanto, ao modo porque nos criou e em que momento o fez, nada sabemos.

Os Espíritos são a individualização do principio inteligente, como os corpos são a individualização do prin-

cípio material e sua criação é permanente. (LE, cap. I, 76-83)

Assim, somos criados todos iguais, simples e ignorantes, com as mesmas possibilidades de evolução, porque sendo Deus justo e misericordioso jamais poderia criar seus filhos em desigualdade de condições.

Mundo normal primitivo

Segundo o LE, os Espíritos habitam um mundo a parte do material denominado mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas e que ainda este é na realidade o principal na ordem pois preexiste e sobrevive a tudo.

No entanto, existe uma correlação entre ambos, o mundo material e dos Espíritos, pois um sobre o outro incessantemente reage.

Ainda em relação à questão 87, se os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço, eles respondem:

- *“Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de continue a vosso lado, observando-vos e sobre vos atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados”*.

Pela sua presença permanente em nosso meio, os Espíritos são os agentes de diversos fenômenos, desempenhando um papel importante no mundo moral e até um certo ponto no mundo físico constituindo, assim, uma das forças da Natureza. (OQE, cap. II, 18)

Forma e ubiquidade dos Espíritos

Quanto a ter uma forma determinada, esclarecem os Espíritos de que na nossa percepção não, mas que na realidade seriam *“uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea”*. (LE, 88)

Os Espíritos percorrem o espaço através do pensamento, e a noção de distância depende de sua natureza mais ou menos depurada, não sendo a matéria nenhum obstáculo, pois tem a capacidade de atravessar tudo.

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido é que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos, como o sol que irradia a todos os pontos do horizonte, ou, o que se dá com um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, transmite ordens, sinais a diferentes pontos.

PERISPÍRITO:

Para Kardec o Espírito é o ser principal, pois que é o ser que pensa e sobrevive e o corpo é um acessório

designado como sendo um invólucro, uma veste da qual se despoja por ocasião da morte. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro, do qual ao contrário do corpo não se despoja, e que damos o nome de perispírito. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. (LM, cap. I, 3)

O perispírito tem sua origem do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos; passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório. (LE, cap. I, 94).

O Espírito não pode ter ação direta sobre a matéria pela sua essência espiritual e, necessita de um intermediário para que possa atuar sobre a matéria tangível, desta forma o fluido perispirítico é um veículo do pensamento, para transmitir o movimento as diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzem.

Este laço fluídico perispiritual tem sua ligação desde o momento da concepção e se une molécula a molécula, ao corpo em formação, se desfazendo da mesma maneira por ocasião do desenlace, separação, que às vezes, é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que outras é lenta, laboriosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito. (GE, cap. XI, 17-19)

A natureza do envoltório fluídico esta sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito sendo impossível para um Espírito inferior visitar mundos mais elevados, enquanto os Espíritos superiores, podem vir aos mundos inferiores, e até, encarnar neles. (GE, cap. XIV, 9)

O envoltório perispirítico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos nativos desse mundo. (GE, cap. XIV 10)

Formação e propriedades do perispírito

Tanto o corpo carnal quanto o perispírito tem origem no fluido Universal condensado e transformado em matéria tangível, porém no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispirítico e o corpo carnal têm, pois origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes. (GE, cap. XIV 7)

Tangibilidade

O perispírito, ainda que invisível para nós no estado normal, não é por isso menos matéria etérea. O Espírito pode, em certos casos fazê-lo experimentar tuna espécie de modificação molecular que o torna visível e mesmo tangível. (OQE, cap. II, 28)

Expansibilidade

O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contato corporal, pode achar-se em contato pelos seus perispíritos e permutar as suas impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição. (OP, 1ª Parte, I, 11)

Penetrabilidade

Outra propriedade do perispírito, peculiar essa à sua natureza etérea, é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado. (OP, 1ª Parte, II, 16)

Invisibilidade

Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, tendo isso de comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir, mas que nunca vimos. Pode também, como alguns fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível] a vista, quer por uma espécie de condensação, quer por uma mudança na disposição molecular.

Pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível e retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível.

Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como se dá com os gases. Quando um Espírito aparece, é que ele põe seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Entretanto, nem sempre basta à vontade para fazê-lo visível: é preciso, para que se opere a modificação do perispírito, o concurso de umas tantas circunstâncias que dele independem. (Veja-se: LM, 2ª Parte, capítulo VI.) (OP, 1ª Parte, II, 16)

Sensações

O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos.

Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas a percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou psíquico, elas se generalizam o Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera

de irradiação do seu fluido perispírico. (GE, cap. XIV 22)

O perispírito é matéria quintessenciada, princípio da vida orgânica e não intelectual, que reside no Espírito e é o agente das sensações exteriores.

No corpo os órgãos lhe servem de conduto, mas na sua ausência as sensações são gerais; não estão localizadas em nenhum órgão específico embora, “o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, contudo, não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor”. Pela sensação não ser produzida por agentes exteriores nem tampouco estar localizada, trata-se de uma reminiscência mais do que uma realidade.

A influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, a medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Enquanto denso, tem mais percepção das impressões da matéria, embora de maneira diferente. (LE, Parte 2ª cap. VI, 257)

Agente Modulador Biológico

E o Espírito que modela o corpo e “*o apropria às suas novas necessidades aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência.*” (GE, cap. XI, 110)

União do princípio espiritual à matéria

Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, Deus, em vez de unir o Espírito a pedra rígida, criou, para seu liso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, a medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar. (GE, cap. XI, 10) Por ser material, sofre as vicissitudes da matéria e com o tempo se desorganiza e decompõe tornando-se inútil para o Espírito que o abandona. (KARDEC, GE, Cap. XI, 11-13)

A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao corpo o alimento, a sua segurança, seu bem-estar, o obriga a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. (GE, cap. XI, 24)

A união com a matéria, é pois, útil ao seu progresso. (GE, cap. XI, 24)

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Introdução, ao Estudo da Doutrina Espírita, nº6, Livro 2º, cap. I, questões 76 a 95;
KARDEC, Allan - O Livro dos Médiuns - questões 245, 281 e, 282, item 30;

KARDEC, Allan - A Gênese, cap. IV item 17; cap. VI, item 19; cap. XI, itens 7, 23 e 29; cap. XIV - Fluidos, itens 7 a 12; cap. X, item 26 e, cap. XI, itens 13 e 14, cap. XIV item 9;

KARDEC, Allan - O Céu e o Inferno – 1ª Parte - cap. 3 n.º 5;

KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. I; cap. II questões 15 e 100; cap. III, questões 109 a 114;

KARDEC, Allan - Obras Póstumas - parágrafo 3º, n.º 15 e, parágrafo 5º;

Revista Espírita, de outubro de 1860.

Parte B - CUIDAR DO CORPO E DO ESPÍRITO

“O Senhor te humilhou e fez passar fome; depois, alimentou-te com esse maná, que nem tu nem teus pais conhecíeis, para te ensinar que nem só de pão vive o homem. Mas de toda a Palavra que sai da boca do Senhor é que o homem viverá” (Dt. 8, 3).

Em seguida, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo demônio. Ele jejuou quarenta dias e quarenta noites. Depois, teve fome. O tentador aproximou-se dele e lhe disse: Se és Filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães.

Jesus respondeu: Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. (Mateus, 4:4)

Nesta passagem cuja referência é citada por Moisés no Antigo testamento, Jesus lembra que embora tenhamos necessidades materiais não devemos esquecer que temos obrigações espirituais e neste sentido podemos cuidar de nosso corpo físico sem sucumbir às tentações da matéria.

Orienta o Espírito Emmanuel *“Aplicamos o sublime conceito no imenso campo do mundo. Bom gosto, harmonia e dignidade na vida exterior constituem dever; mas não nos esqueçamos da pureza da elevação e dos recursos sublimes da vida interior; com que nos dirigimos para a Eternidade.”* (Fonte Viva, 18)

Sabemos que o homem é uma alma encamada e o corpo físico é seu instrumento de evolução na matéria que necessita de cuidados constantes. Segundo Vinicius de Camargo:

“Se, pois, o pão é indispensável à vida corpórea, a luz é imprescindível a vida espiritual, considerando que esta é a vida real que sobre aquela reflete. Dai o ser a mais importante, a que requer mais atenção e cuidados. Cumpre, portanto, que o homem não porfie e lute somente pelo pão que nutre o corpo perecível, mas também, e principalmente, pela aquisição da luz que alimenta e dá crescimento ao Espírito imortal. O homem sendo, como ficou dito, uma entidade composta de alma e corpo, não pode, por isso, atender aos reclamos da vida, mantendo-se adstrito ao problema do pão”. (O Mestre na Educação, 23)

Assim, a luz é o alimento do Espírito, enquanto o pão é para o corpo.

Somos Espíritos imortais que temos um tempo para utilização de potências concedidas por Deus, para realização de tarefas evolutivas.

Estas potências formam nosso corpo e nos lembra Emmanuel, *“Que fazes de teus pés, de tuas mãos, de teus olhos, de teu cérebro? Sabes que estes poderes te foram confiados para honrar o Senhor iluminando a ti mesmo? Medita nestas interrogações e santifica o teu corpo, nele encontrando o templo divino.”* (Pão Nosso, 12)

Tal a ligação que existe entre o campo físico e espiritual que muitas impressões registradas no perispírito trazem reflexos no invólucro carnal. Por exemplo, nos lembra Emmanuel que *“As enfermidades congênitas nada mais são que reflexos da posição infeliz em que nos conduzimos no pretérito próximo, reclamando-nos a internação na esfera física, às vezes por prazo curto, para tratamento da desarmonia interior a que fomos comprometidos. Surgem, porém, outras cambiantes dos reflexos do passado na existência do corpo: culpa disfarçada e dos remorsos ocultos. São plantações de tempo certo que a lei de ação e reação governa, vigilante, com segurança e precisão.”* (Pensamento e Vida, 14)

Convém lembrar que nossa conduta na prática do bem promove alterações profundas na rota deste destino. *“Semelhantes ações funcionam quais preciosos salvo-condutos desentrançando os obstáculos em nossa caminhada para Felicidade Maior.”* (Estude e Viva)

Dispensar os cuidados necessários ao corpo é, portanto essencial uma vez que este influi de maneira importante na alma.

“Onde, então, a sabedoria? Onde, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ticaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, por se acharem em dependência mútua, importa cuidar de ambos.

Amai, pois, a vossa alma, porém, cuidai igualmente do vosso corpo, instrumento daquela. Desatender as necessidades que a própria Natureza indica, é desatender a lei de Deus. (ESE cap. XVII, 11)

Quanto a natureza do Espírito, a mesma não reside no Campo físico, como explica Hahnemann, pai da homeopatia em sua mensagem recebida em 1863: *“O corpo não dá cólera aquele que não na tem, do mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade”*

de? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nisso não pode atuar; mas, pode modificar o que é do Espírito, quando o quer com vontade firme.” (ESE, Cap. IX, 10)

BIBLIOGRAFIA

- KARDEC, Allan, O Evangelho Segundo O Espiritismo - Cap. XVII, item 10
 CAMARGO, Pedro pelo Espírito Vinicius, O Mestre na Educação - cap. XXIII
 XAVIER, Francisco Cândido pelo Espírito Emmanuel, Fonte Viva - item 18
 XAVIER, Francisco Cândido pelo Espírito Emmanuel, Pão Nosso - item 12
 XAVIER, Francisco Cândido pelo Espírito Emmanuel, Pensamento e Vida - cap. XIV
 XAVIER, Francisco Cândido pelo Espírito Emmanuel, Livro da Esperança - lição 1

8ª Aula - DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS

Parte A - PRIMEIRA – SEGUNDA E TERCEIRA ORDENS

Os Espíritos se classificam em razão do desenvolvimento, das qualidades ou imperfeições que possuem. Na realidade é ilimitado o número de ordens, pois não existe entre elas uma linha de demarcação para servir de barreira de maneira a qual se possa multiplicar ou restringir as divisões. Por essa razão foram reduzidas a três ordens principais:

Na primeira ordem encontramos aqueles que encontraram a perfeição os **Espíritos Puros** sem nenhuma influência da matéria, com superioridade moral e intelectual ante os outros, não sujeitos mais a reencarnação, por serem perfeitos.

A segunda ordem são os **Espíritos Bons** cujo desejo do bem é a sua preocupação. São benévolos, sábios, prudentes e superiores.

A terceira ordem são os **Espíritos imperfeitos** que se caracterizam pela ignorância, pelo desejo do mal e todas as mas paixões que retardam o seu desenvolvimento. (LE 96 a 99)

AS DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS

As diferentes ordens de Espíritos foram organizadas pelo nosso codificador, com o intuito de determinar a ordem e o grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos, de maneira a ser possível relacionar o grau de confiança e de estima que eles merecem (LE 100). O livro dos Espíritos inicia a classificação pela **TERCEIRA ORDEM: ESPÍRITOS IMPERFEITOS**

- Características ignorância, desejo do mal e apego as paixões que lhes retardam o desenvolvimento, por neles existir a predominância da matéria sobre o Espírito. Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Essas características não são iguais para todos, pois progridem e se modificam, em conformidade com o desenvolvimento da inteligência e moralidade. Gradativamente libertam-se da influência da matéria.

Assim, passam a se classificarem em diferentes classes:

10ª Classe - ESPÍRITOS IMPUROS

São inclinados ao mal. Insuflam a discórdia e a desconfiança. Utilizam-se de todos os disfarces para melhor enganar. Sua linguagem é chula e ignorante. Evidenciam-se pela inferioridade moral e intelectual.

9ª Classe - ESPÍRITOS LEVIANOS

São inconstantes, malignos, ignorantes, zombeteiros. Possuem uma linguagem muitas vezes espirituosa e alegre.

8ª Classe - ESPÍRITOS PSEUDOSSÁBIOS

Seus conhecimentos são bastante amplos, mas julgam saber mais do que realmente sabem. Sua linguagem é presunçosa e contem algumas verdades mescladas com os mais absurdos erros. São presunçosos, orgulhosos e teimosos.

7ª Classe - ESPÍRITOS NEUTROS

Não são bons o bastante para fazerem o bem, nem maus o bastante para praticarem o mal.

6ª Classe - ESPÍRITOS BATEDORES E PERTUBADORES

Manifestam sua presença por efeitos sensíveis e físicos, golpes, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, de ar etc.

Não formam propriamente uma classe especial na escala evolutiva. Podem pertencer a todas as classes da terceira ordem.

SEGUNDA ORDEM: ESPÍRITOS BONS

- Caracterizam pelo domínio do Espírito sobre a matéria, pelo desejo do bem. Suas qualidades existem em razão do grau de evolução que atingiram. Uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Compreendem Deus e sentem-se felizes quando fazem o bem e quando impedem o mal. Em suma, estão em busca da sabedoria e a moralidade.

OS ESPÍRITOS BONS estão classificados da seguinte forma:

5ª Classe - ESPÍRITOS BENÉVOLOS

Têm como principal qualidade a bondade. Neles o progresso realizou-se mais no sentido moral que intelectual.

4ª Classe - ESPÍRITOS SÁBIOS

Destacam-se pela amplitude de conhecimento, são livres de paixões. Dedicam-se mais pelas questões científicas, do que pelas morais. Encaram a ciência por sua utilidade.

3ª Classe - ESPÍRITOS PRUDENTES

São reconhecidos pelas qualidades morais e capacidade intelectual elevada, que permite a eles o julgamento preciso dos homens e das coisas.

2ª Classe - ESPÍRITOS SUPERIORES

Utilizam linguagem que transpira benevolência, sempre elevada, sublime. A sabedoria e a bondade se reúnem pela elevação espiritual.

PRIMEIRA ORDEM: ESPÍRITOS PUROS

- Formam uma classe única. São Espíritos que atingiram o ponto mais elevado da escala evolutiva e despojaram-se de todas as impurezas da matéria. Possuem superioridade intelectual e moral absolutas, em relação aos Espíritos de outras classes. Não estão sujeitos a reencarnação em corpos perecíveis. E são mensageiros e ministros de Deus, cujas ordens executam. (LE 113)

PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com a aptidão de tudo adquirir e de progredir em virtude de seu livre arbítrio. Pelo progresso, eles adquirem novos conhecimentos, novas faculdades percepções e, por conseguinte gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores. Passam a ver, entender, sentir e compreender ao contrário dos Espíritos atrasados.

A felicidade dos Espíritos esta na razão do progresso realizado; é inerente as qualidades que possuem são por eles absorvidas em toda parte que se encontrem, quer seja na superfície terrestre, entre os encarnados ou no espaço.

O Espírito adiantado esta liberto de todas as necessidades corporais. A alimentação e o sono não tem para ele nenhuma razão de ser. Deixa para sempre ao sair da Terra, as vãs inquietações os sobressaltos e todas as quimeras que envenenam o nosso orbe.

Os Espíritos inferiores levam com eles, para o além-túmulo seus hábitos, suas necessidades e suas preocupações materiais. Não podendo se elevar passam a participar da vida dos encarnados, misturarem-se em suas dificuldades, trabalhos e em seus prazeres.

Suas paixões e seus apetites, sempre despertados pelo continuo contato da humanidade os sobrecarregam e a impossibilidade de satisfazer-se toma para eles motivo de torturas.

Entretanto Deus não criou seres devotados ao mal, chegará o dia que cansado de sofrer experimenta uma necessidade irresistível de ser feliz. Enfim, haverá o dia em que o Espírito após haver percorrido o ciclo de existências planetárias e ser purificado por seus renascimentos e suas migrações através dos mundos, vê cerrar a série de encarnações e se abrir para a verdadeira vida onde o mal, a sombra e o erro estão definitivamente banidos.

ANJOS E DEMÔNIOS

Em todas as religiões os anjos são conhecidos por várias denominações, porém unânimes em afirmar que são seres superiores a humanidade, intermediários entre Deus e os homens.

A crença nos anjos faz parte essencial dos dogmas da igreja, que segundo ela, os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores as criaturas. São seres privilegiados devotados a felicidade suprema e eterna, desde sua formação, dotadas por uma natureza de todas as virtudes e de todos os conhecimentos, sem nada haver feito para adquiri-los.

Na doutrina Espírita a palavra anjo desperta geralmente a idéia da perfeição moral: são Espíritos puros estão no mais alto grau da escala de evolução e reúnem em si todas as perfeições.

Contudo a palavra demônio não implica a idéia de Espírito mau, a não ser no sentido moderno, pois o termo deriva da palavra grega daimon, que significa gênio, inteligência, e se aplicou aos seres incorpóreos bons ou maus, sem distinção. Mas Deus que é infinitamente justo e bom, não pode ter criado seres predispostos ao mal por sua própria Natureza e condenados pela Eternidade.

A sabedoria de Deus se encontra na liberdade de escolha que concede a cada um, porque assim, cada um tem o mérito de suas obras. Submetidos a lei do progresso, ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégio, mas o primeiro lugar a todos e franqueado à custa do esforço próprio.

Outro detalhe importante na Doutrina Espírita, é o esclarecimento de que não devemos aceitar a condição de Espíritos que são seres destinados perpetuamente a prática do mal, pois o mal é a ausência do bem. (LE, 128 a 131)

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, questões 96 a 131.

Parte B - JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES

“Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados. Bem-aventurados os que tem fome e sede de justiça, pois serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor a justiça, porque é deles o reino dos Céus”. (Mateus, 5:5 e 6, 10)

Quando Jesus esteve na Terra, trouxe e exemplificou o roteiro que devemos seguir para ir em direção ao Pai. Nas bem-aventuranças, encontram-se mensagens de esperança e fé no dia de amanhã para aquele que crê em Deus, em uma época em que as pessoas estavam sem esperanças, desacreditadas de um Pai amoroso, visto que as deturpações que faziam em

nome de Deus humilhavam, ao invés de reerguer os homens.

As palavras de Jesus, sua conduta, sua dedicação aos mais necessitados, encham de alegrias os corações mais necessitados de fé.

Nas bem-aventuranças, Ele traz claramente a idéia de um futuro melhor para os que sofrem.

Contudo, a fé no futuro traz paciência e consolação, mas não explica por que alguns sofrem tanto e outros aparentam ter uma vida sem embaraços.

É neste ponto que o espiritismo esclarece o que havia oculto sob o véu das verdades ditas por Jesus. Se Deus é justo, as causas do sofrimento são justas, contudo, certos sofrimentos, como os daqueles irmãos que nada fizeram nesta vida para merecer dificuldades tão atroz, destoam dos atributos do Criador, se não aceitarmos a pluralidade das existências.

Muitos se perguntam: Como Deus é justo se permite que eu sofra tanto? O Pai Criador é tão perfeito que nos Deus oportunidades e livre-arbítrio, ou seja, somos responsáveis pela nossa conduta e para sermos felizes, Ele nos enviou através dos tempos, seus emissários celestes com a finalidade de mostrarem o caminho da felicidade, contudo, o ser humano prefere, muitas vezes, ir por um caminho que lhe causará sofrimento e tristeza.

Todavia, o desvio do caminho do bem é opção de muitos e necessita de reparação, mesmo porque, como filhos do Criador, temos intrínsecas em nos as sementes da perfectibilidade que a humanidade pode alcançar. Quando transgredimos as Leis da vida, cometemos uma agressão a nós mesmos e, a nossa consciência como filhos do Pai, não permite a continuidade no caminho da evolução, sem repararmos os desvios que cometemos contra nossa consciência Divina e contra nosso semelhante.

Aprendizado e reparação, com base na nossa necessidade de evolução e progresso, eis como os homens necessitam entender os sofrimentos pelos quais passam.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. V, itens 1 a 3.

9ª Aula - ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Parte A - FINALIDADE-LIMITE-NECESSIDADE E JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO

- A alma
- Materialismo
- Ressurreição da carne

FINALIDADE DA ENCARNAÇÃO

O que entendemos como ENCARNAÇÃO à luz da Doutrina Espírita?

- O objetivo fundamental da encarnação é a oportunidade para o ESPÍRITO alcançar progresso intelectual e moral durante a passagem pela vida corpórea.

DEUS concede aos seus filhos o mesmo ponto de partida a mesma liberdade de agir, bem como oportunidades iguais. Pois do contrário todo privilégio seria uma preferência e toda a preferência seria uma injustiça.

A Encarnação pode ser por EXPIAÇÃO: como cumprimento da LEI DE CAUSA E EFEITO, quando o Espírito se encontra no mundo espiritual se recorda tudo que praticou em sua estadia terrena, os bons atos e seus enganos, os quais permitiram proceder erradamente. Após se arrepender pede para retornar a Terra. Vem então, na maioria das vezes, com pessoas que fez sofrer, quer sofrimentos físicos, materiais, sobretudo morais, para desenvolver no coração o verdadeiro AMOR.

Como Jesus nos ensinou: “O AMOR COBRE MULTIDÃO DE PECADOS”.

Aprende suportar, assim, as adversidades com paciência, resignação e fé. Por ter a certeza de que os sofrimentos não são eternos, poderá com mais facilidade redimir os erros do passado. Não considera mais um castigo ou punição, mas oportunidade bendita de evolução.

Pode ser uma PROVA: porém, nem sempre o sofrimento é decorrente de uma falta cometida pelo Espírito. Deseja sofrer para mais rapidamente aprimorar o seu desenvolvimento moral. Evidentemente não se pode confundir com a expiação, a qual será sempre uma prova. No entanto, nem sempre a prova será uma expiação (ESE cap. V item 9).

Pode ser também uma MISSÃO: sabe-se da existência de Espíritos missionários com a finalidade de auxiliar a aceleração do progresso intelectual, como é o caso dos cientistas Louis Pasteur, Thomas Edson e outros. Progresso moral igualmente, como na hipótese de Chico Xavier, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, etc.

Por meio desses exemplos, os encarnados podem adquirir condições para cumprirem sua parte como SER Integrante na Obra da Criação e para caminharem juntamente com a marcha progressiva Universal. A encarnação para o Espírito é um estado transitório. Contudo necessita de um instrumento adequado para atingir com sucesso o objetivo desejado a cada existência terrena.

A ALMA

Alma - Espírito encarnado, sede da vida imortal, do qual o corpo físico toma-se provisória morada do

Espírito. E indivisível. Somente o Espírito pensa, sente e transmite o movimento aos órgãos do corpo físico animados pelo fluido vital. PERISPÍRITO - princípio intermediário, semi-material, que serve de primeiro envoltório ao Espírito. Une a alma ao corpo.

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

Por que encarnamos?

- Segundo o ESE: “a passagem pela vida corpórea se faz necessária, para realizarmos com ajuda do elemento material os propósitos cuja execução Deus nos confiou”.

Pode-se compreender que a encarnação não é uma punição, nem é verdade que somente os Espíritos culpados estão sujeitos a ela. Por exemplo, o Espírito de um selvagem esta no começo de sua vida espiritual. A encarnação para ele será um meio de desenvolver a inteligência.

Mas, aquele que é esclarecido, em que o senso moral ainda não está largamente desenvolvido se vê obrigado a repetir as etapas da vida corporal cheia de angústias, enquanto já podia ter atingido o fim. E um castigo imposto pelo próprio Espírito. (ESE cap. IV itens 25 e 26)

“A CADA UM SERÁ DADO SEGUNDO SUAS OBRAS.”
JESUS

Observa-se, portanto, que ninguém pode fazer a lição de casa pelo outro na escola da vida terrena. Do princípio universal da vida e da inteligência nascem às individualidades. (LE, 144)

LIMITE DA ENCARNAÇÃO

Kardec questiona, (LE, 168) a respeito do número de reencarnações necessárias para o nosso desenvolvimento moral e o Espíritos Superiores respondem o seguinte: a cada reencarnação são dados passos no caminho do progresso. Quando já não apresentamos mais imperfeições ou impurezas, não mais precisamos das provas da vida terrena. Não existe propriamente dito limite para a encarnação, serão quantas forem necessárias e permitidas pela misericórdia divina, a fim de haver a depuração da materialidade, a medida que o Espírito possa atingir a perfeição.

Evidentemente o numero de encarnações vai depender também da individualidade de cada Espírito. (ESE cap. IV Item 24)

Faz-se mister conceituar a individualidade do Espírito, caracterizada sob três aspectos:

1. GRAU EVOLUTIVO - em que ponto cada qual se situa na escala ascendente evolutiva;
2. TENDENCIAS INATAS - cada um viveu uma historia única, somatória de experiências pessoais;
3. AS TAREFAS - cada Espírito traz consigo um propósito específico, familiar, profissional e pessoal. Como ESPÍRITO IMORTAL todos tem um papel a exercer perante o Universo.

JUSTICA DA REENCARNAÇÃO

O principio da reencarnação não é privilégio exclusivo da Doutrina Espírita, ele consiste em admitir e comprovar as existências das vidas sucessivas, pois, do contrario, seria negar um dos atributos de Deus, que é “SOBERANAMENTE BOM E JUSTO”.

Por meio da justiça da reencarnação, adquirem-se os meios para alcançar o ápice da evolução, por se proporcionar a cada um a oportunidade de realizar, em novas existências, o que não conseguiram fazer ou acabar em uma primeira prova.

O homem que tem consciência de sua inferioridade encontra na doutrina da reencarnação uma consoladora esperança (LE, 171)

A teoria de um Deus que castiga ou impõe penas eternas caiu por terra com a vinda do Consolador Prometido no dia 18 de abril de 1857. A esperança passou a brilhar sobre a Terra.

MATERIALISMO

O Espiritismo surge em época na qual o materialismo imperava.

Os Espíritos Superiores no LE ensinam: aqueles que se aprofundam mais em Ciências Naturais como os anatomistas, fisiologistas, geralmente são levados ao materialismo. Passam em crer em tudo o que vêem, não admitindo nada que possa ultrapassar o seu entendimento. Sua própria ciência os toma presunçosos. (LE, 147)

Segundo a definição do Dicionário “Espiritismo de A a Z” acredita-se que o materialismo é mais do que uma expressão filosófica negativa, é uma atitude mental em que se demora a atribuir as coisas da Terra uma importância acima da que é lhes devida.

Pode-se distinguir os materialistas em duas classes: Aqueles que pertencem à classe da negação absoluta, racionalizada a seu modo. Entendem que tudo é matéria, não existindo substancia imaterial. Para eles o homem é uma simples maquina, funciona enquanto esta montada. Desarranja-se ou para de trabalhar após a morte, somente restando a carcaça. Para eles a natureza espiritual é propriedade da matéria.

A Segunda classe de materialistas é mais numerosa do que a primeira, por representar o verdadeiro materialismo, um sentimento antinatural. Compreendem os que agem com indiferença, por falta de algo melhor.

Existe neles uma vaga aspiração pelo futuro. Mas esse futuro foi apresentado a eles de uma forma que a razão se recusa a aceitar. Como consequência vem a duvida, a incredulidade.

RESSURREIÇÃO DA CARNE

O termo “ressurreição” possui duas acepções. Etimologicamente tem sua raiz na língua grega, especificamente da palavra anástasis, cujo significado é surgir, erguer-se, levantar, sair de uma situação ate outra. Do latim, é extraída do vocábulo “ressurrectio”, ou ação de ressurgir, retomar à vida, reanimar-se.

Essa interpretação esta contida no Evangelho de Mateus (cap. 22, 28, 30 e 31) cuja expressão ressurreição significa “ressurgir dos mortos”.

Para os hebreus ela fazia parte dos seus dogmas religiosos, com exceção dos saduceus, seita judaica da época de Jesus (acreditavam que tudo findava com a morte do corpo físico).

A REENCARNAÇÃO foi conhecida na Antiguidade como “ressurreição”. O escritor espírita CELESTINO aponta o vocábulo ressurreição, que significa em aramaico (língua falada pelo povo judeu) reencarnação (em seu livro ANALISANDO AS TRADUÇÕES BÍBLICAS).

Atualmente, a ressurreição designa o retomo a vida do corpo físico que esta morto, sem vida. Esse fato está comprovado pela Ciência ser impossível, além de contrariar as Leis Divinas.

Se buscarmos ao longo da Historia da Humanidade, a REENCARNAÇÃO foi conhecida ao longo dos tempos e compartilhada na época atual com a metade da população mundial. Embora algumas religiões a considerem uma autêntica heresia.

Para o termo existem também as denominações de “PALINGENESIA” E A CRENÇA DE VIDAS SUCESSIVAS.

Compreende-se, dessa forma, que a reencarnação representa o retomo da alma ou do Espírito a vida corporal, em um veículo diverso, recém-formado, não tendo nada em comum com o anterior.

O Espírito Emmanuel ao lançar luz sob o tema, elucidou: “Busquemos o farol do amor e do entendimento, do bom ânimo e da paz, da solidariedade e do amparo, aos que partilham, conosco, os caminhos evolutivos. Não encomendes, pois, embaraços e aversões a loja do futuro, porque, a favor de nossa própria renovação, concede-nos o Senhor, cada manhã, o sol nascente de cada dia”

BIBLIOGRAFIA:

- KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, questões 132 a 148, 166 a 171, 1010 e 1010-a;
 KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. IV itens 1 a 17 e 24 a 26 ;
 PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel - item 11;
 FRANCO, Divaldo - Joanna D'Angelis - Estudos Espíritas - item 5;

Parte B - NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS, SE NÃO NASCER DE NOVO

O Divino Mestre, com essa máxima, comprova a sua crença na reencarnação. Em varias passagens dos seus ensinamentos redentores, encontram-se relatos sobre esse tema.

Jesus interroga seus discípulos:

- Que dizem os homens sobre quem sou? Eles respondem: uns dizem que sois João Batista; outros, Elias, outros Jeremias ou alguns dos profetas.

Jesus lhes disse:

- E vos, quem dizeis que sou? Simão Pedro, tomando a palavra, lhe disse: VÓS SÓIS O CRISTO, O FILHO DO DEUS VIVO. E Jesus lhe responde: sois bem-aventurado, Simão, filho de Jonas, pois não é nem a carne nem o sangue que vos revelou isto, mas meu Pai que esta nos Céus. (Mateus,16:13-17; Marcos 8: 27-30)

Tem-se a belíssima passagem, na qual após a transfiguração seus discípulos lhe interrogavam dizendo: por que dizem os escribas que é necessário que antes volte Elias?

Jesus lhes respondeu: De fato, Elias há de vir e restabelecer todas as coisas; mas, eu vos declaro que Elias já veio, não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. E assim que eles farão sofrer o Filho do Homem. Então seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que Ele falara (Mateus 17: 10- 13; Marcos 9: 11-13)

O pensamento de que João Batista era Elias e de que os profetas poderiam reviver sobre a Terra segundo Suas crenças encontra-se mais especificamente em três relatos aqui descritos. Se Jesus considerasse a crença da reencarnação um erro não deixaria de combatê-la. Por conseguinte, fica evidente a conclusão: o corpo de João não poderia ser de Elias, João tinha sido criança, conhecia-se seus pais (Zacarias e Isabel prima de Maria de Nazaré). O profeta Elias reencarnou, porém não ressuscitou.

A passagem do Cego de Nascimento: “E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E seus discípulos lhe perguntaram: Rabi quem pecou este que ali esta ou seus pais, para que nascesse cego?”

Jesus lhes respondeu: Não foram os seus pais, pois filho não herda culpa dos pais e nem ele, mas o Espírito que nele habita” (João 9: 1-2)

Tem-se o relato mais conhecido, o “O Colóquio de Jesus e Nicodemos”.

“Havia um homem dentre os Fariseus, por nome Nicodemos, senador dos Judeus. Este, uma noite, veio encontrar Jesus e lhe disse:

- Mestre, sabemos que és mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém pode fazer estes milagres, que tu fazes, se Deus não estiver com ele.

Jesus respondeu e lhe disse:

- Em Verdade, em Verdade vos digo que ninguém poderá ver o Reino de Deus senão nascer de novo.

Nicodemos lhe disse:

- Como pode nascer um homem que já é Velho? Porventura pode entrar no Ventre de sua mãe e nascer outra vez?

Respondeu-lhe Jesus:

- Em Verdade, em Verdade vos digo que quem não renasce da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não se maravilhes de eu Vos disser que é necessário nascer de novo. O Espírito sopra aonde quer, e tu ouves a sua Voz, mas não sabes de onde ele vem, nem para aonde vai. Assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

Perguntou Nicodemos:

- Como se pode fazer isto?

Respondeu Jesus:

- Tu és mestre em Israel, e não sabes estas coisas? Em Verdade, em Verdade vos digo que contamos somente o que sabemos e damos testemunho do que vimos; e tu, com tudo isso, não recebes o nosso testemunho. Se quando eu tenho falado das coisas terrenas, ainda, assim não me crês, como crerias, se eu falasse das celestiais!" (João 3:1 a 2)

Para compreender o sentido dessas palavras é igualmente necessário se ater ao significado da palavra água que não foi empregada na acepção que lhe é própria. Naquela época, os antigos tinham conhecimentos muito imperfeitos sobre as ciências físicas; acreditavam que a Terra havia saído da água. Por essa razão olhavam água como elemento absoluto.

Segundo essa crença, a água tornou-se o símbolo da Natureza material, assim como o Espírito o da Natureza inteligente.

"Se o homem não renascer da água e do Espírito" ou "na água e no Espírito", ou seja, "Se o homem não renascer com o corpo e a alma". Nesse sentido é que foi compreendido o princípio da pluralidade das existências. (ESE, cap. IV item 8)

O Divino Mestre indica o renascimento na matéria como condição primordial para a aquisição dos bens imperecíveis, para a impressão no Espírito dos Valores morais, que auxiliam o seu progresso ao reencarnar-se.

Entretanto, há conhecimento, embora uma minoria, de doutrinas anti-reencarnacionistas. Excluem a preexistência da alma, sendo ela criada ao mesmo tempo em que os corpos. Não existe, assim, entre as almas nenhuma ligação, são estranhas umas a outras. Fica assim a união das famílias reduzida apenas a filiação corporal.

Sem o princípio da reencarnação, não seria possível os Espíritos formarem no espaço, grupos, famílias

unidas pela afeição, pela simpatia e pela similitude de inclinações. Se estão encarnados outros não, continuam unidos pelo pensamento.

A Verdadeira afeição é a espiritual, de alma para alma. E a única que sobrevive a destruição do corpo material. Os laços familiares são fortalecidos pelas Vidas sucessivas, caminhando juntos para a sublimação espiritual.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. IV itens 1 a 3 e XIV;

Novo Testamento: Mateus XVI:13-17, XVII: 10-13 - Marcos VI:14-15, XVIII: 10-20 e Lucas IX:7-9

KARDEC, Allan -A Gênese - Cap. IX, itens 33 e 34.

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, questões 203 a 217 e questões 773 a 775;

10ª Aula - PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS - RETORNO A VIDA CORPORAL

Parte A - PRELUDIO DO RETORNO - UNIÃO DA ALMA AO CORPO - IDÉIAS INATAS – ENCARNAÇÕES NOS DIFERENTES MUNDOS

Sabemos que o princípio da reencarnação não é novo, ele é sabido desde a mais alta antiguidade. Os fatos espíritas, sendo uma lei da Natureza são de todos os tempos.

Equivocadamente, os antigos (filósofos indianos e egípcios) admitiam a reencarnação de Espíritos humanos retornando aos corpos de animais, ou seja, o fenômeno da Metempsicose, pensamento posteriormente corroborado pelo filósofo grego, Pitágoras.

A Doutrina Espírita, através dos Espíritos, rejeita de maneira mais absoluta esse pensamento, considerando que entre outros fatos, o Espírito não evolui.

Os Espíritos aos nos trazerem esclarecimentos sobre a pluralidade das existências corporais, renovam e elucidam uma doutrina existente desde as primeiras idades do mundo e que permanece até nossos dias no pensamento inato de muitas pessoas.

Os Espíritos da Codificação nos mostram a reencarnação de forma racional em consonância com as leis progressistas da natureza, e mais próxima da sabedoria do Criador, portanto, sem superstições.

Aqueles que rejeitam a pluralidade das existências, como explicam as diferentes aptidões existentes em cada criatura humana? Responderiam, talvez, que se as almas são desiguais, é porque Deus as fez assim. Então, por que essa superioridade inata concedida a alguns?

Essa parcialidade, esse favorecimento estará de acordo com a justiça e com o amor de Deus dedica a todas as criaturas?

Joana de Angelis nos fala no livro “Estudos Espíritas”: ...”A reencarnação é a mais excelente demonstração da Justiça Divina, em relação aos infratores das Leis, na trajetória humana, facultando-lhes a oportunidade de ressarcirem numa os erros cometidos nas existências transadas”.

Prelúdio do Retorno

Nas perguntas 330 a 343, de LE, encontramos os esclarecimentos que nos levam a ter uma visão sobre o preparo dos Espíritos para a reencarnação, constando as diferentes situações dos Espíritos na erraticidade com relação ao retomo a vida corporal:

Uns pressentem que o momento de reencarnar se aproxima, porém não sabe quando isso ocorrerá; Outros permanecem alheios a necessidade da reencarnação, e nem a compreendem.

Alguns podem antecipar sua volta ao corpo físico, solicitando-a em suas preces; pode também retardá-la, sofrendo assim, as conseqüências do seu ato.

Mesmo quando felizes em uma condição mediana na Espiritualidade, nela não podem permanecer indefinidamente, pela necessidade de progresso.

De acordo com as experiências pelas quais o Espírito deva passar, é designado para ele corpo condizente. Poderá, também, pedir um corpo com imperfeições que o ajudara no seu adiantamento, mas nem sempre é dele essa escolha. Contudo, poderá recusar o corpo escolhido por ele, mas por isso, terá que sofrer mais do que aquele que não tentou nenhuma prova. Há casos em que a união do Espírito a determinado corpo, poderá ser imposto por Deus.

O instante da reencarnação é um momento solene para o Espírito, que em sua perturbação natural, sabe que vai voltar a este mundo, mas não sabe se será vencedor em suas provas.

O prelúdio da reencarnação é uma espécie de agonia para o Espírito,

No momento da reencarnação, dependendo da esfera que o Espírito habite, seus afetos o acompanharão, encorajando-o, e muitas vezes, até o seguem durante a sua vida corpórea.

A união da Alma ao corpo

Na fecundação o ovulo é considerado um elemento passivo, pois fica parado, é o espermatozóide que vai ate o óvulo utilizando o movimento de seu flagelo para se movimentar. Quando o espermatozóide entra no óvulo, forma-se o zigoto que é a peça principal para a formação orgânica do novo organismo, pois seu corpo se formará a partir do zigoto.

Em que momento a alma se une ao corpo?

- A união começa na concepção, mas não se completa senão no momento do nascimento. Desde o momento da concepção, o Espírito designado para tomar

determinado corpo a ele se liga por um laço fluídico, que se vai encurtando cada vez mais, até o instante em que a criança vem à luz; o grito que então se escapa de seus lábios anuncia que a criança entrou para o numero dos vivos e dos servos de Deus. (LE, 344)

O momento da concepção é aquele quando o espermatozóide (célula sexual masculina), após avançar em corrida frenética, encontra o ovulo (célula sexual feminina) e ao penetrá-lo, funde seus núcleos. Após esse fenômeno, começa-se a divisão celular e o Espírito reencarnante inicia a sua ligação fluídica, molécula a molécula.

Uma vez ligado ao corpo, o Espírito nunca será substituído por outro naquele corpo. O que pode acontecer é uma renúncia do espírito ao corpo, por sua fragilidade em enfrentar a prova iminente. Nesse caso, a criança não vinga.

Se o corpo escolhido por um Espírito morrer antes do nascimento, esse Espírito escolhera outro, mas nem sempre de maneira imediata; o Espírito tem seu tempo para escolha.

Normalmente essas mortes ocorrem por fragilidade da matéria. Esse casos de mortes, que podemos chamar como prematuras, ocorrem mais como provas para os pais do que para o Espírito propriamente dito.

Uma vez da união ao corpo da criança, como “homem”, o Espírito pode sentir-se infeliz pela escolha e desejar ter outra vida. Porém, o fator escolha não é considerado no momento, porque o Espírito não se lembra da escolha, mas pode recorrer ao suicídio, se achar a carga pesada demais.

No intervalo entre a concepção e o nascimento o Espírito não goza de todas as suas faculdades numa totalidade, pois ele ainda não esta encarnado, apenas ligado ao corpo. A partir do instante da concepção, o Espírito é tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de continuo até ao nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono.

A medida que, a hora do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição, de homem, logo que entra na vida.

Essa lembrança, porém, lhe volta pouco a pouco, ao retomar ao estado de Espírito. Esse estado de perturbação é maior no nascimento do que no desencarne.

Ao nascer o Espírito não recobra imediatamente a plenitude das suas faculdades. Elas se desenvolvem gradualmente com os órgãos. O Espírito se acha nu-

ma existência nova; preciso é que aprenda a servir-se dos instrumentos de que dispõe. As idéias lhe voltam pouco a pouco, como a uma pessoa que desperta e se vê em situação diversa da que ocupava na véspera.

O feto em si, não tem uma alma uma vez que a encarnação esta para ocorrer, mas ele esta ligado a ela. A vida intrauterina é como uma planta que vegeta.

O aborto pode dar conseqüências graves tanto para o Espírito como para os pais. E considerado crime em qualquer época da gestação, perante aos olhos de Deus.

O aborto causa a interrupção de uma programação espiritual e faz com que o Espírito não se sinta amado e não entenda o que está acontecendo ou, por que ele foi rejeitado.

No caso de risco de vida da mãe, é preferível que a criança seja sacrificada, uma vez que a mãe já está encarnada. Esse feto deve ser tratado com todo respeito que qualquer encarnado o teria após desencarne. Em tudo tem a mão de Deus, e é necessário respeitarmos suas obras.

Quando uma criança, já no ventre da mãe, não tem possibilidades de viver a função dela, é como prova para os pais. Existem também, o que poderíamos chamar, ou o que chamamos de crianças natimortas, essas crianças jamais tiveram um Espírito designado ao seu corpo. Pode chegar ao tempo normal do nascimento, mas não efetiva a vida. Toda criança que sobrevive, tem necessariamente um Espírito encarnado.

O que podemos verificar de toda essa exposição, é que desde o início da vida, que se da no momento da concepção, a responsabilidade é grande, pois já temos um Espírito destinado a esse ser que se aproxima de nos através de um filho, e tem sua missão.

Idéias Inatas

As idéias inatas são o resultado dos conhecimentos adquiridos nas existências anteriores, são idéias que se conservam no estado de intuição, para servirem de base a aquisição de outras novas.

Encontramos uma série de casos de pessoas que nasceram em condições precárias e, no entanto, conquistaram destaques na ciência, na política, nas artes e em outros ramos do conhecimento humano.

Observamos também a existência de crianças precoces que, desde pequeninas, conseguem toca instrumentos musicais, fazem cálculos com precisão, ou possuem conhecimentos que são compatíveis aos de um adulto.

Diante disso, questionamos:

Como se dão tais fatos, se não buscarmos a resposta na reencarnação?

Só através dela é que sentimos a Justiça do Criador, dando a todos a oportunidade de conquista da elevação espiritual.

Como Espírito encontra-se em constante evolução, acumula de encarnação em encarnação conhecimentos, habilidades e ao reencarnar num novo corpo mantém, de forma inata, o que conquistou em existências anteriores.

Na reencarnação há um esquecimento de nossa personalidade do passado, não nos permitindo saber, salvo em condições excepcionais, quem fomos ontem.

Os nossos conhecimentos adquiridos ficam adormecidos, porém nao de maneira absoluta, porque senão a cada reencarnação teríamos que começar todo o aprendizado. Ocorre, também, que numa existência desenvolvemos mais nosso potencial intelectual e em outra mais o lado moral.

A cada nova existência o Espírito tem como ponto de partida o que aprendeu na vida anterior, acrescido certamente do que desenvolveu quando se encontrava no Plano Espiritual. Nada do que aprendemos se perde, tudo fica arquivado em nos; só vamos acumulando conhecimentos.

Encarnações nos Diferentes Mundos

Encontramos na questão 132 do LE que o objetivo da encarnação é que cheguemos à perfeição.

Assim observamos que vivemos num mundo onde se encontram encarnados Espíritos dos mais diferentes graus, tanto intelectuais quanto moral. Este mundo, como sabemos, é um mundo de provas e expiações, onde a dor supera a felicidade; o mal supera o bem e que para conquistarmos a perfeição a que estamos destinados, podemos entender que necessitamos de muitas encarnações que serão neste orbe, como em outros, de acordo com nossa condição intelecto-moral.

E por estar em constante evolução, o Espírito jamais retrograda, porém pode acontecer que não consiga acompanhar a evolução de um determinado orbe para reencarnar novamente nele, dessa forma terá, para seu próprio benefício, a oportunidade de encarnar numa nova morada. Exemplificando: sabemos que a Terra só evoluirá para um planeta de regeneração, quando a sua destinação assim indicar e que então os Espíritos que nela reencarnarem terão atingido um grau mais elevado de inteligência e amor. Assim sendo, os Espíritos que não conseguirem esta evolução, aqui certamente não reencarnarão.

Poderá também acontecer que um Espírito já voltado para bem, peca para encarnar em um planeta mais inferior a sua evolução como missão, para levar seus conhecimentos intelectuais e (ou) morais.

No LE, questões 180 a 183, temos:

Ao passar de um planeta para outro, o Espírito conservará a sua inteligência e todas as aquisições que obteve, porém pode não ter condições de manifestá-las, dependendo do corpo que escolher.

O estado físico e moral dos seres vivos não são sempre os mesmos em cada mundo, porque os mundos também estão determinados a lei do progresso e todos se iniciaram da mesma forma que a Terra.

Há mundos onde o Espírito deixa de revestir corpos materiais, e tem por envoltório o perispírito, que é tão etéreo que para nós é como se não existisse. O perispírito modifica-se quando o Espírito encarna em outro mundo, ou seja, ele se reveste na matéria própria desse mundo.

Portanto, “Nossas diferentes existências corporais não se passam só na Terra, mas nos diferentes mundos; a que passamos neste globo não é primeira, nem a última e é uma das mais materiais e das mais distanciadas da perfeição”. (LE, 172)

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, questões 172 a 178, 218 a 221-a, 222, 330 a 360;

FRANCO, Divaldo - Joanna D'Angelis - Estudos Espíritos - item 8;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier- Palavras de Emmanuel- item 41;

Parte B - CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES

“Mas se há males, nesta vida, de que o homem é a própria causa, há também outros que, pelo menos em aparência, são estranhos a sua vontade e parece golé-los por fatalidade. Assim, por exemplo, a perda de entes queridos e dos que sustentam a família. Assim também os acidentes que nenhuma providência pode evitar; os reveses da fortuna, que frustram todas as medidas de prudência; os flagelos naturais; e ainda as doenças de nascença, sobretudo aquelas que tiram aos infelizes a possibilidade de ganhar a vida pelo trabalho; as deformidades, a idiotia, e imbecilidade, etc.” (ESE, cap. v, item 6).

Aflição, segundo o Dicionário Houaiss:

- 1) estado daquele que está aflito
- 2) sentimento de persistente dor física ou moral; ânsia, agonia, angústia
- 3) profundo sofrimento

Quando o sofrimento nos visita, devemos fazer a reflexão das suas causas, visando estabelecer se são atuais ou anteriores a esta vida, mesmo tendo os esquecimentos do passado, fica-nos uma lembrança, uma intuição.

“Que todos que são atingidos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida, interroguem friamente sua consciência; que remontem progressivamente a

fonte dos males que os afligem, e verão se, o mais freqüentemente, não podem dizer: Se eu tivesse feito tal coisa eu não estaria em tal situação”. (ESE, cap V item 4)

Muitas vezes praticamos algum delito, mas conseguimos escapar das punições humanas por não haver provas suficientes, ou porque certas faltas não são puníveis nos códigos penais, ou porque a crueldade e a ingratidão foram praticadas dentro do lar, não havendo denuncia para gerar um processo. Mas diante da Lei de Deus, nada passa sem resgate, desde a mais leve a mais grave das faltas; quem semeia, tem que colher.

“Os sofrimentos produzidos por causas anteriores são sempre como os decorrentes de causas atuais, uma conseqüência natural da própria falta cometida. Quer dizer que, em virtude de uma rigorosa justiça distributiva, o homem sofre aquilo que fez os outros sofrerem. Se ele foi duro e desumano, poderá ser, por sua vez, tratado com dureza e desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer numa condição humilhante; se foi avarento, ou se empregou mal a sua fortuna, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer com os próprios filhos e assim por diante”. (ESE, cap. V item 7)

Não podemos esquecer que nem todos os sofrimentos pelos quais passamos, são conseqüências de faltas cometidas; pode tratar-se de provas escolhidas por nós quando do nosso planejamento reencarnatório, visando acabar nossa purificação e acelerar nosso adiantamento. Disso podemos dizer que toda expiação serve como prova, mas nem toda prova é uma expiação. Como diz Kardec no ESE, cap. V item 9:

“Mas provas e expiações são sempre sinais de uma inferioridade relativa, pois aquele que é perfeito não precisa de ser provado. Um Espírito pode, portanto, ter conquistado um certo grau de elevação, mas querendo avançar mais, solicita uma missão, uma tarefa, pela qual será tanto mais recompensado, se sair vitorioso, quanto mais penosa tiver sido a luta”.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. V itens 6 a 10.

11ª. Aula - RETORNO A VIDA CORPORAL - I

Parte A - FACULDADES MORAIS E INTELECTUAIS, INFLUÊNCIA DO ORGANISMO, IDIOTISMO, LOUCURA E SUICÍDIO

Faculdades Morais e Intelectuais

As qualidades morais da criatura humana, sejam boas ou más, pertencem ao Espírito que está encarnado

nela; se for um Espírito bom, suas qualidades são boas, ou seja, quanto mais elevado for, mais o homem esta propenso ao bem. Se o Espírito for um ser ainda imperfeito, logicamente sua moral esta aquém do bem.

Resumindo, podemos dizer que o homem bom é a encarnação de um bom Espírito e o homem ainda vicioso, ainda propenso ao mal, é a encarnação de um Espírito ainda imperfeito. Devemos classificar como imperfeito, para não dar a conotação de eternamente mau, pois poderíamos entender que Deus é injusto.

Como Espíritos, somos perfectíveis, ou seja, cedo ou tarde vamos caminhar para a perfeição.

O homem que age irrefletidamente ou faz as coisas sem ter muito cuidado ou o que é imprudente, leviano, incoseqüente, brincalhão, travesso ou folgazão ou as vezes ate malfazejo, e a encarnação de um Espírito brejeiro ou leviano.

Devido que o corpo humano não poder ser usado por dois Espíritos diferentes, as qualidades morais e intelectuais pertencem ao Espírito que ali esta reencarnado, dependendo do grau de elevação que tenha atingido.

Há homens inteligentes, que por essa qualidade revelam um Espírito superior ali reencarnado, são às vezes e ao mesmo tempo muito viciosos, porque o Espírito não é bastante puro e por isso sofre influências de outros Espíritos, encarnados ou não, que são mais inferiores. A evolução do ser humano não se realiza ao mesmo tempo em todos os sentidos; num tempo ele evolui intelectualmente e em outro na moralidade, mas o progresso é sempre ascendente; são as oportunidades que Deus nos da através das múltiplas reencarnações.

Sobre as diversas faculdades intelectuais e morais do homem, se seriam produtos de tantos outros Espíritos, Kardec na questão 365, do LE, nos elucida:

“... As diversas faculdade são manifestações de uma mesma causa que é alma, ou do Espírito encarnado, e não de muitas almas, como as diferentes sons do órgão são produtos de uma mesma espécie de ar e não de tantas espécies de ar quantos forem os sons. Desse sistema resultaria que, quando o homem perde ou adquire certas aptidões, certas tendências, isso significa que tantos Espíritos o possuíram ou deixaram, o que o tornaria um ser múltiplo, sem individualidade, e conseqüentemente sem responsabilidade. Isto do mais, é contraditado pelos tão numerosos exemplos de manifestações que os Espíritos provam sua personalidade e sua identidade”

Influência do Organismo

Na questão 367, do LE, Kardec pergunta se *"o Espírito, ao se unir ao corpo, identifica-se com a matéria"*? Teve como resposta:

"A matéria não é mais que o envoltório do Espírito, como a roupa e o envoltório do corpo. O Espírito, ao se unir ao corpo, conserva os atributos da natureza espiritual".

Todas as faculdades, todas as qualidades, todas as sensações pertencem ao Espírito e não ao corpo material.

Para que o Espírito encarnado possa exercer com toda liberdade as suas faculdades, há necessidade que o corpo material, ou seja, a ferramenta que ele tem para se manifestar, não esteja defeituosa; caso contrário, se toma um obstáculo.

O organismo, em certas circunstâncias, impede o Espírito de se mostrar, mas esse, com o tempo, vai dominando todos os órgãos do próprio corpo, e se mostra com todas as faculdades.

Kardec faz uma analogia do corpo defeituoso sobre o Espírito, como a da água lodosa que tira a liberdade de movimento do corpo nela mergulhado.

Sobre a influência dos órgãos materiais para o desenvolvimento das faculdades da alma, Kardec nos traz os seguintes ensinamentos:

- "Encarnado, traz o Espírito certas predisposições e, se se admitir que a cada uma corresponda no cérebro um órgão, o desenvolvimento desses órgãos será efeito e não causa. Se nos órgãos estivesse o princípio das faculdades, o homem seria máquina sem livre-arbítrio e sem a responsabilidade de seus atos. Forçoso então fora admitir-se que os maiores gênios, os sábios, os poetas, os artistas, só o são porque o acaso lhes deu órgãos especiais, donde se seguiria que, sem esses órgãos, não teriam sido gênios e que, assim, o maior dos imbecis houvera podido ser um Newton, um Vergílio, ou um Rafael, desde que de certos órgãos se achassem providos. Ainda mais absurda se mostra semelhante hipótese, se a aplicarmos as qualidades morais. Efetivamente, Segundo esse sistema, um Vicente de Paulo, se a Natureza o dotara de tal ou tal órgão, teria podido ser um celerado e o maior dos celerados não precisaria senão de um certo órgão para ser um Vicente de Paulo. Admita-se, ao contrário, que os órgãos especiais, dado existam são conseqüentes, que se desenvolvem por efeito do exercício da faculdade, como os músculos por efeito do movimento, e a nenhuma conclusão irracional se chegara. Sirvamo-nos de uma comparação trivial à força de ser verdadeira. Por alguns sinais fisionômicos se reconhece que um homem tem o vício da embriaguez. Serão esses sinais que fazem dele um ébrio, ou será a ebr-

dade que nele imprime aqueles sinais? Pode dizer-se que os órgãos recebem o cunho das faculdades”.

Idiotismo

Idiotia, segundo o Dicionário Houaiss: doença infantil de origem genética, caracterizada por retardo mental grave, perda progressiva da visão, paralisia e morte, observada em filhos de casamentos consangüíneos.

Não podemos afirmar que um Espírito que encarna com a prova ou expiação do idiotismo, é um Espírito ignorante. O que se pode dizer é que ele fez mau uso das suas faculdades em outras existências, e nesta, como cretino, repara suas dívidas.

Um idiota pode ser um Espírito dotado de grande capacidade intelectual, mas que não soube usar seu saber para o bem, influenciou muita gente nos caminhos do mal.

O Espírito sofre, pois pela deficiência do instrumento físico, não pode se manifestar adequadamente. O erro atrofia as faculdades espirituais da alma, em se prendendo aos defeitos do corpo. Se as roupas que nos agasalha precisam ser lavadas, quanto mais as vestes do Espírito, e elas se lavam pela evolução espiritual, pela prática do bem, pelo amor ao próximo.

Se queremos nos livrar do idiotismo em uma ou mais das nossas existências físicas, que comecemos a nos defender agora dessa situação constrangedora. Usemos nossa inteligência para não deturpar a verdade, nem para combatê-la.

O Espírito exerce influência sobre os órgãos físicos, isso é uma verdade incontestável, mas será que esses órgãos também não exercem influência sobre as faculdades do Espírito?

Os amigos espirituais responderam que essas influências são grandes, mas o corpo não produz as faculdades, que são atributos do Espírito.

Em complementação, Kardec nos orienta: *“Importa se distinga o estado normal do estado patológico. No primeiro, o moral vence os obstáculos que a matéria lhe opõe. Há, porém, casos em que a matéria oferece tal resistência que as manifestações anímicas ficam obstadas ou desnaturadas, como nos de idiotismo e de loucura. São casos patológicos e, não gozando nesse estado a alma de toda a sua liberdade, a própria lei humana a isenta da responsabilidade de seus atos”.*

É muito comum que o idiota quando no estado de Espírito, tenha consciência que seu estado mental, é consequência de uma prova ou expiação.

Loucura:

Loucura, segundo o Dicionário Houaiss: distúrbio, alteração mental caracterizada pelo afastamento mais ou menos prolongado do indivíduo de seus métodos habituais de pensar, sentir e agir; sentimento

ou sensação que foge ao controle da razão; ato ou fala extravagante, que parece desarrazoado; atitude, comportamento que denota falta de senso, de juízo, de discernimento; atitude imprudente, insensata.

A loucura é uma distorção da força mental em uma ou inúmeras reencarnações. Ela não tem o poder de desequilibrar o Espírito, que é todo harmonia, por ter saído de Deus, mas, causa-lhe impressões, como que condicionamento das idéias que o próprio Espírito fórmula.

O Espírito ao receber um corpo, se esse traz alguma deficiência, sofre dificuldades, de modo que suas faculdades sejam reduzidas ou mesmo paralisadas. Ele não perde os, que são imperturbáveis na sua moradia de origem.

A loucura é um estado patológico deficiente; os problemas cerebrais não podem dar ao Espírito condições normais para se manifestar adequadamente. O LE nos diz que, em muitos casos, o Espírito livre mantém-se “louco” por causa da seqüência de idéias desorganizadas que repetiu durante a existência toda, ou seja, atos repetitivos.

Em todas as manifestações dessas doenças é o corpo o que está desorganizado, mas, não podemos esquecer que esse corpo tem certa influência na mente viva da alma, impressionando-a a ponto de mostrar enfermidades imaginárias.

Como ninguém foi criado louco, ela é uma provação dolorosa, portanto são conseqüências de ações negativas de um passado.

A loucura pode provocar o suicídio, quando o Espírito não suporta o sofrimento por não poder se manifestar livremente e a única maneira de acabar com isso é procurar a morte do corpo físico e assim, voltar a condição de Espírito livre.

Suicídio:

Na questão 944, do LE: O homem tem o direito de dispor da sua própria vida?

R) Não; somente Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei.

Nem sempre o suicídio é voluntario, porque o louco não tem consciência do que faz.

Martins Peralva, em “Pensamento de Emmanuel, cap. 35, nos que a principais motivações para esse ato extremo, pode ser:

- a) Falta de fé;
- b) Orgulho ferido;
- c) Esgotamento nervoso;
- d) Loucura;
- e) Tédio da vida;
- i) Moléstias consideradas incuráveis;
- g) Indução de terceiros, encarnados ou desencarnados.

Kardec, no cap. V de O ESE fala também da embriaguez, das idéias materialista, ou seja, que não acreditam que a vida continua após a morte do corpo físico.

Aquelas pessoas que recorrerem ao suicídio para fugir das misérias e decepções do mundo, são Espíritos covardes. Deus ajuda aos que sofrem e não aos que não tem força ou coragem para enfrentarem as provas pelas quais têm que passar.

Responderão por homicídio, todos aqueles, encarnados ou desencarnados, que foram responsáveis por levarem uma pessoa ao suicídio.

São também responsáveis, tanto aquele que partiu para o ato extremo por causa do desespero, por falta do necessário para continuar vivendo, quanto àqueles que foram responsáveis diretamente por isso ou que poderiam ajudar e não o fizeram.

Cada um responderá proporcionalmente pelo ato praticado.

O homem que se suicida com o fim de impedir que a vergonha envolva sua família, Deus levará em conta a sua intenção, atenuando-a, mas cometeu falta.

Quando ao suicídio para salvar outros ou ser útil aos semelhantes, Kardec nos elucida no LE, 951:

“Todo sacrifício feito a custa da própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque é a prática da lei de caridade. Ora, Sendo a vida o bem terreno a que o homem da maior valor aquele que a renuncia pelo bem dos seus semelhantes não comete um atentado: é um sacrifício que ele realiza. Mas ante de o realizar deve refletir se a sua vida não poderá ser mais útil que a sua morte”.

No LE, 953: Quando uma pessoa vê a sua frente uma morte inevitável, e terrível, é culpada por abreviar de alguns instantes o seu sofrimento, por uma morte voluntária? Os Espíritos respondem:

“Sempre é culpado de não esperar o termo fixado por Deus. Aliás, haverá certeza de que tenha chegado, malgrado as aparências, e não se pode receber um socorro inesperado no derradeiro momento?”

Podemos, dentro da codificação, no Céu e Inferno, segunda parte, item V ver relatos de vários suicidas desencarnados, mostrando as mais diversas em que se encontram no mundo espiritual.

O suicídio, longe de ser a porta da salvação, é o sombrio pórtico de inimagináveis torturas.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, cap. XV - A Loucura e suas causas; Livro 2º, cap. VII, questões 361 a 378;

KARDEC, Allan - A Gênese - cap. II, itens 27 e 28; cap. XI, itens 13 e 14;

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. V itens 14 a 17;

KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - tópico: Loucura, suicídio e obsessão; cap. II, questão 135;

KARDEC, Allan - Obras Póstumas - As cinco alternativas da Humanidade - parágrafo 5º, item 7;

Bibliografia Complementar:

PERALVA, Martins - O Pensamento de Emmanuel - item 35;

Parte B - O JUGO LEVE

Conceito de jugo

Peca de madeira assentada sobre a cabeça dos bois para atrelá-los a uma carroça ou arado; canga. Sujeição imposta pela força ou autoridade; opressão. (Dicionário Houaiss)

A palavra jugo significa submissão, domínio, opressão. Os judeus, na época de Jesus, estavam sob o jugo romano. O Mestre, no entanto, convidou-nos a aceitar o seu jugo, acrescentando que ele era suave, o que, a primeira vista, parece uma contradição, tanto mais se lembrarmos de que as diretrizes religiosas conclamando ao cumprimento dos deveres, ao equilíbrio e a renúncia, sempre foram consideradas austeras, difíceis de serem seguidas.

Mateus, no cap. II: 28 a 30 do seu Evangelho, narra o “jugo leve” da seguinte forma: “Vinde a mim, todos vós que sofreis e que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e aprendei de mim que sou brando e humilde de coração, e encontrareis o repouso de vossas almas, porque meu jugo é suave e meu fardo é leve”.

O jugo, por um motivo perfeitamente evidente, é símbolo de servidão, de opressão, de constrangimento. A passagem dos vencidos sob o jugo romano é suficientemente explícita. O jugo simboliza a disciplina de duas maneiras: ou ela é sofrida de modo humilhante, ou a disciplina é escolhida voluntariamente e conduz ao domínio de si, a unidade interior a união com Deus.

“Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação em a fé no futuro, em a confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente dúvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que eu vos aliviarei.” Entretanto, faz depender de uma condição a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei; mas, esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade”. (ESE, cap. 6, item 2)

Nessa passagem evangélica, Jesus por ser brando e humilde de coração, nos convida a irmos até Ele. Ir até Jesus significa não apenas comparecer a um centro espírita, a uma igreja, templos ou qualquer outro local religioso, pois apenas a presença física de nada vale, ou seja, nada significa para nossa evolução. Devemos estar em Espírito, com o coração aberto para que possamos receber aquilo que precisamos e merecemos e não esperar obter “milagres”.

Muitos apenas querem receber, sem nada fazerem por merecer e, assim como entraram vazios, saem vazios, porque não aproveitaram aqueles momentos de ensinamentos do Evangelho, para refletirem sobre a vida, o que esta fazendo dela, o porque da sua família desagregada, o porque dos sofrimentos, o porque de seu orgulho, e de seu egoísmo, e descobrirem que é fundamental para a saúde espiritual, portanto, precisamos aprender também a ser manso e humilde. Para que possamos receber o alívio que Jesus nos promete, é necessário o aprendizado da lei de Deus, porque o jugo é suave e o fardo é leve.

Jesus conhecia perfeitamente as nossas dificuldades, afirmando, inclusive, que não viera chamar os justos, isto é, aqueles já identificados com o bem, mas os pecadores, ou seja, a imensa maioria dominada, ainda, pelo egoísmo e pela ilusão (Mateus, 9: 12 e 13). Ele sabia, em consequência, que os frutos de seu trabalho não surgiriam de imediato.

Essa compreensão da natureza humana caracterizava também os primeiros seguidores da Boa Nova, que não aguardavam ou exigiam demonstrações de grandeza espiritual de ninguém, devendo o cristão identificar-se por seu sincero e perseverante esforço de melhoria. Alias, lendo-se os textos evangélicos, particularmente as cartas que Paulo dirigiu as diversas comunidades por ele fundadas, vê-se que estas se compunham de pessoas ainda falíveis, pois em suas missivas o apóstolo trata de desentendimentos, dúvidas, quedas... Percebe-se, contudo, que existia naqueles agrupamentos uma disposição autêntica para a vivência do Evangelho e por isso recorriam ao Grande trabalhador rogando esclarecimento e orientação. Com o tempo, infelizmente, aquela atitude sensata e objetiva foi esquecida, adotando o Cristianismo uma visão dualista segundo a qual apenas os indivíduos excepcionalmente bons estariam bem espiritualmente, achando-se os demais em falência moral, sob ameaça do inferno após a morte.

Diversos fatores contribuíram para esta mudança, entre elas a pregação centrada no pecado e não na promoção do bem, o retorno a concepção antiga de um Deus vingativo, e não o Pai mencionado por Jesus, e a perda do contato com o mundo espiritual,

através da mediunidade, banida dos ambientes cristãos.

A Doutrina Espírita nos permite entender o convite do Mestre, tanto em seu significado quanto em sua aplicação, lembrando que a submissão ao egoísmo é caracterizada por conflitos, apego e ansiedade que, realmente, representam pesado fardo a dificultar a nossa marcha, que se faz penosa e cheia de sobresaltos.

O jugo de Jesus é suave por nos libertar desses prejuízos, conduzindo-nos, progressivamente, a vivência do amor e da caridade.

O Espiritismo retoma, assim, a tradição crista original, pois reconhece as nossas deficiências e nos recomenda corrigi-las, propondo a ação no bem como valioso recurso para essa realização. Foi por isso que Allan Kardec afirmou: “Conhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar as suas más tendências” (ESE, cap. XVII, item 4)

BIBLIOGRAFIA:

- 1) Kardec, Allan, “O Evangelho Segundo Espiritismo, Cap. VI, itens 1 e 2
- 2) Kardec, Allan, “O Evangelho Segundo Espiritismo, Cap. XVII, item 4
- 3) Emmanuel (Espírito), “Roteiro”, psicografia de Francisco Cândido Xavier

12ª Aula - RETORNO A VIDA CORPORAL - II

Parte A - DA INFÂNCIA - SIMPATIAS E ANTIPATIAS TERRENAS - ESQUECIMENTO DO PASSADO - SEXO NOS ESPÍRITOS

DA INFÂNCIA:

Frequentemente, ocorre ser o Espírito que anima o corpo de uma criança, tão desenvolvido, ou mais ainda, do que o de um adulto, conforme o seu progresso anterior. Enquanto criança, os órgãos da inteligência estando ainda em desenvolvimento, não lhe põem a disposição todas as faculdades de um adulto. A sua inteligência permanecerá limitada, até que a idade amadureça e ele domine totalmente o novo organismo.

A perturbação que acompanha a encarnação não cessa de súbito com o nascimento e só se dissipa com o desenvolvimento dos órgãos. (LE, 380).

Segundo Emmanuel no livro “O Consolador”, o Espírito no período infantil, até os sete anos, ainda se encontra em fase de adaptação a nova existência. Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são mais vivas, tomando-se mais susceptível de renovar o caráter e estabelecer novo caminho na consolidação dos princípios de responsabilidade,

se encontrar nos pais legítimos representantes do colégio familiar.

Eis por que o lar é tão importante para a edificação do homem e por que tão profunda é a missão dos pais perante as leis divinas, pois é aí que a criança deve receber as bases do sentimento e do caráter. O estado infantil é uma necessidade do Espírito e corresponde aos desígnios da Providência, pois é um tempo de repouso para o Espírito (LE, 382). O objetivo da encarnação é o aperfeiçoamento do Espírito e o estado de infância toma-o acessível as impressões que recebe; sua nova fase de vida vai fundamentar-se nos novos registros inseridos a partir de então.

Daí os novos rumos limitados e dependentes deles e o aumento da probabilidade de sucesso na nova vida. As sábias leis divinas colocam-no em um meio onde ele só haure o que é útil, o que convém, junto daqueles que estão incumbidos de educá-lo e talvez capacitados a lhe auxiliar o adiantamento. Aos pais e professores cumpre ponderar seriamente sobre este aspecto, pois o Espiritismo abre um novo capítulo na Psicologia Infantil e na Pedagogia, mostrando a importância da educação da criança, não apenas para a vida em curso, mas também para a sua perene e definitiva evolução espiritual.

Os estabelecimentos de ensino propiciam instruções, mas somente a família consegue educar; a universidade forma o cidadão, mas somente o lar edifica o Espírito.

O primeiro sinal de vida da criança é expresso pelo choro para excitar o interesse da mãe e provocar os cuidados necessários (LE, 348). Se a sua manifestação fosse em hosanas de alegria, as reações seriam tão diferentes que poucos se inquietariam com as suas necessidades. Em tudo erige-se a sabedoria divina.

A mudança que se opera no caráter das criaturas ao atingirem certa idade, particularmente a partir da adolescência, deve-se ao fato de o Espírito retomar paulatinamente a sua natureza e mostrar-se qual era em encarnação anterior.

O que o Espírito foi, é ou será, permanece oculto na inocência da criança. Isso permite que, no caso de Espíritos antagonicos, receba todas as manifestações de carinho e amor essenciais para que se lhe conceda a oportunidade adicional de redimir-se. Assim, não procederiam os pais, se ao invés da criança cheia de graça e ingenuidade, se encontrassem sob os traços infantis um Espírito adulto, mostrando o seu verdadeiro caráter e instinto.

A infância tem ainda outra utilidade: os Espíritos não ingressam na vida corpórea senão para se aperfeiçoarem, para se melhorarem; a debilidade dos primeiros

anos os toma *flexíveis*, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir. E então que se pode reformar o seu caráter e reprimir as suas más tendências.

Esse é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão que responder. E assim que a infância não é somente útil, necessária, indispensável, mas ainda a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo (LE, 385).

Simpatias e Antipatias Terrenas

Simpatia, segundo Dicionário Houaiss, é a afinidade moral, similitude no sentir e no pensar que aproxima duas ou mais pessoas; relação que há entre pessoas que, tendo afinidades, se sentem espontaneamente atraídas entre si; impressão agradável, disposição favorável que se experimenta em relação a alguém que pouco se conhece; estado afetivo próximo ao amor; faculdade de compenetrar-se das idéias ou sentimentos de outrem. Antipatia é aversão espontânea, irracional, gratuita por (alguém ou algo); malquerença, repulsão; comportamento que expressa essa aversão.

Frequentemente, durante a romagem terrena, dois seres sentem-se naturalmente atraídos um pelo outro, em circunstâncias aparentemente fortuitas; ou inversamente, a sensação que surge é de antipatia e rejeição. Estes personagens não se reconhecem, porém, esta primeira impressão é resultante de encarnações anteriores, cujas experiências felizes ou desagradáveis emergem da memória espiritual de cada um.

Nem sempre é recomendável que eles se reconheçam; a recordação das existências passadas teria inconvenientes maiores do que pensais. Após a morte eles se reconhecerão e saberão em que tempo estiveram juntos (LE, 386a). Afora estas circunstâncias, dois Espíritos que tenham afinidades se procuram sem que necessariamente se hajam conhecido em épocas remotas; fazem-no por identidade de objetivos e metas.

Além de os encontros que se dão entre certas pessoas não serem obra do acaso, mas sim o efeito de relações simpáticas, há, entre os seres pensantes, ligações que ainda não conheceis. O magnetismo é a bússola desta ciência, que mais tarde compreendereis melhor (LE, 388). Assim como a atração de um ser para outro resulta da simpatia, Espíritos antipáticos se reconhecem sem se falarem.

Dois Espíritos não são necessariamente maus pela ausência de simpatia, mas também pela falta de similitude do modo de pensar. Tal acontece por não serem afins. À medida que eles se elevam, as diferenças se anulam e a antipatia desaparece. Um Espírito mal

sente antipatia por aquele que possa julgá-lo e desmascará-lo. Ao sentir sua aproximação, já pela primeira vez percebe iminente desaprovação; reage então sob a forma de uma repulsa que se transforma facilmente em rancor, inveja e uma inspiração de fazer o mal.

O bom Espírito, por sua vez, pode afastar-se do mau porque sabe que não será por ele entendido; porém, consciente de sua superioridade não alimenta rancor nem inveja; limita-se a evitá-lo.

ESQUECIMENTO DO PASSADO:

O Espírito quando reencarna, esquece totalmente o seu passado; porém, muitas pessoas acreditam que a lembrança de vidas anteriores, no decorrer da vida presente, seria de grande benefício. Mas, em cada reencarnação manifestam-se as tendências decorrentes da natureza do Espírito, a orientar seu comportamento mais correto, as boas inclinações, indicam o progresso já realizado e as más, as paixões a serem superadas.

Inúmeras vezes, Espíritos que foram acerbos inimigos numa determinada vida, renascem no seio de uma mesma família, a fim de removerem as arestas e aprenderem a se amar; se relembressem do passado, em muitos casos essa reconciliação se tomaria extremamente difícil.

O homem nem pode nem deve saber tudo; Deus assim o quer, na sua sabedoria. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa sem transição da obscuridade para a luz. Pelo esquecimento do passado, ele é mais ele mesmo (LE, 392).

Em cada nova existência, o Espírito usufrui do conhecimento conquistado nas vidas passadas, estando em melhores condições de distinguir o bem do mal; ao retomar ao plano espiritual, descortina-se diante dele sua vida pregressa. Vê as faltas que cometeu e que deram origem aos seus sofrimentos, assim como o modo como as teria evitado; isto lhe servira de orientação, caso tenha o mérito de escolher por si próprio uma nova encarnação, a fim de evitar e reparar os erros cometidos. Ele então escolhe provas semelhantes as que não soube aproveitar, ou os embates que melhor possam contribuir pra o seu adiantamento.

Mas, se não temos, durante a vida corpórea, uma lembrança precisa daquilo que fomos e do que fizemos de bem ou de mal em nossas existências anteriores, temos, entretanto, a sua intuição. E as nossas tendências instintivas são uma reminiscência do nosso passado, as quais a nossa consciência, - que representa o desejo por nós concebido de não mais cometer as mesmas faltas, - adverte que devemos resistir (LE, 393). Se o homem não tem, portanto, lembranças

precisas do passado, tem sempre a voz da consciência e suas tendências instintivas, que lhe permite o conhecimento de si mesmo.

Existem mundos mais evoluídos, onde seus habitantes guardam lembranças claras de suas existências passadas; mas isto é resultado da condição superior por eles conquistada, e que os leva a uma melhor compreensão e melhor aproveitamento da liberdade que Deus lhes permite desfrutar. Nesses mundos, onde não reina senão o bem, a lembrança do passado nada tem de penosa; é por isso que neles se recorda com freqüência a existência precedente, como nos lembramos do que fizemos na véspera.

Quanto à passagem que se possa ter tido por mundos inferiores, a sua lembrança nada mais é, como dissemos, do que um sonho mau (LE, 394). Mesmo em mundos como a Terra, e em casos muito especiais, existem pessoas que sabem o que foram e o que faziam; contudo, abstêm-se de dizê-lo abertamente, pois, do contrário, fariam extraordinárias revelações sobre o passado.

Assim, cabe ao homem suportar resignadamente as provas e expiações que lhe são pertinentes, sem a preocupação desnecessária de desvendar suas vidas passadas, a cada nova existência a justiça divina dar-lhe-á a oportunidade de retomar o curso do aprendizado interrompido, propiciando-lhe os recursos necessários para os devidos reajustes. Observando seu próprio caráter, ele sentirá, cada vez mais, a necessidade de superar suas imperfeições, pois basta que estude a si mesmo, e poderá julgar o que foi, não pelo que é, mas pelas suas tendências (LE, 399).

SEXO DOS ESPÍRITOS

No LE, 200 a 202, Kardec questiona:

“Têm sexos os Espíritos?”

“Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos.”

Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?

“Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.”

Quando errante, que prefere o Espírito; encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?

“Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.”

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona proações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.”

Os Espíritos, em sua essência, têm sexo, não representado exteriormente por órgãos genitais, mas sim correspondente as características psicológicas de cada individualidade. Assim, nos Espíritos que simpaticizam mais com o estilo masculino, as virtudes tidas como masculinas apresentam maior relevo, enquanto que, nos Espíritos que se adéquam mais ao estilo feminino, ressalta um maior aperfeiçoamento das virtudes femininas. Dessa forma, a masculinidade e a feminilidade representam características interiores de cada individualidade.

O que atrai os Espíritos entre si não é a exterioridade física, mas sim a afinidade no pensar e no agir.

A escolha do sexo para o Espírito que vai reencarnar não está sujeita aos preconceitos da nossa sociedade terrena, onde ainda prevalece o machismo. Essa escolha leva em conta a necessidade de evoluir rumo à perfeição, que só se alcança adquirindo todas as virtudes dos homens e das mulheres. Todos nos temos de renascer incontáveis vezes como homem e como mulher, tantas vezes quantas necessárias para nos tornarmos mais próximos da perfeição.

Não se deve supervalorizar o sexo físico, que é, em última instância, um instrumento para as tarefas específicas da paternidade ou maternidade.

Outro tópico importante é a importância da sexualidade equilibrada para uma vida saudável. Em caso contrário, causamos danos sérios ao nosso psiquismo e ao nosso organismo.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 2º, cap. IV, cap. VII, cap. VIII

KARDEC, Allan - A Gênese - cap. XI, cap. XII

KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. II, cap. III,

KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno - cap. III, 2º Parte, Cap. II, Cap. VIII

KARDEC, Allan - Obras Póstumas - As cinco alternativas da Humanidade

Revista Espírita, de junho de 1863;

Revista Espírita, de janeiro de 1866;

Revista Espírita, de junho de 1869;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier- Religião dos Espíritos;

Parte B - SE ALGUÉM TE FERIR NA FACE DIREITA

“Aprendestes que foi dito: olho por olho e dente por dente. - Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; que se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis também a outra; - e que se alguém quiser pleitear contra vos, para vos tomar a túnica, também lhes entregueis o manto; - e que se alguém vos obrigar a caminhar mil passos com ele, caminheis mais dois mil. - Daí aquele que vos pedir e não repilais aquele que vos queira tomar emprestado. (S. MATEUS, v: 38 a 42.)

Jesus, quando esteve entre nós, procurou nos apresentar uma visão diferenciada da vida. Sua doutrina é a antítese de tudo aquilo que nos ensina o Espírito do mundo. O homem, no seu atraso espiritual, procurou fazer o melhor ao seu alcance para adaptar os ensinamentos do Mestre aos interesses da comunidade. E, foi sob a inspiração do Evangelho que se construiu a civilização ocidental. Ninguém em sã consciência poderia dizer que a doutrina ensinada pelo Cristo não teve um papel fundamental no crescimento da humanidade.

Mas o homem, em seus limites de entendimento, nunca conseguiu assimilar determinados conceitos encontrados nos discursos de Jesus. E, um deles, é o da humildade. Na introdução desta lição, Ele mostra que já no seu tempo, não havia mais sentido os homens continuarem fazendo uso das antigas leis civis ensinadas por Moisés: olho por olho, dente por dente, dizia o antigo profeta. Eu, porém vos digo, disse o Cristo: se alguém vos ferir na face direita, oferece-lhe a outra. Se alguém tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa. Da a quem te pede e não voltes às costas ao que deseja que lhe emprestes.

Foi assim que esse jovem na faixa dos trinta anos chocou a sociedade do seu tempo e continua chocando até os dias atuais os homens contemporâneos, que não conseguem compreender certos ensinamentos revolucionários. Jesus, porém, veio nos ensinar as bases morais que devem reger o comportamento dos seres humanos e não poderia fazê-lo se não usasse de um verbo forte, capaz de impressionar pela gravidade das idéias. Este texto introdutório é a base de uma sociedade justa e fraterna, onde os homens tratam-se como irmãos e procuram suportar as imperfeições uns dos outros.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo 12, itens 7 e 8, Allan Kardec, faz um comentário muito feliz da lição, mostrando que os homens ainda se conduzem na vida dominados pelo orgulho e pelo egoísmo. Não poderemos construir uma sociedade mais justa e fraterna se os homens não se tratarem como irmãos. Infelizmente os sistemas que hoje governam a humanidade elegeram a competição como instrumento de progresso. Perdido na exaustão da vida social, o homem não consegue encontrar saída para seus problemas. Competir é a ordem do momento. Infelizmente esta conduta gera disputas e desentendimentos, estimulando a vileza e a avareza. As conseqüências para o futuro da humanidade em médio prazo serão danosas.

O Codificador afirma que há mais coragem em suportar um insulto do que em se vingar. Mas só pode vivenciar este estado de Espírito aquele que acredita

que exista algo além dessa vida. Para os materialistas, para os que se conduzem nas malhas do niilismo, não há motivos para que suportem as injustiças cometidas por pessoas que não compreendem ainda que todos somos filhos de um mesmo Pai. O trabalho de esclarecimento é imenso e esta quase todo por fazer. Os espíritas têm em mãos um precioso material doutrinário, capaz de apresentar ao homem novas opções de vida, fundamentadas nos princípios de imortalidade, da reencarnação e da lei de causa e efeito.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XII, item 7 e 8;

13ª Aula - EMANCIPAÇÃO DA ALMA

Parte A - SONO, SONHOS - VISITAS ESPÍRITAS ENTRE OS VIVOS – TRANSMISSÃO OCULTA DO PENSAMENTO - CATALEPSIA, LETARGIA OU MORTE APARENTE

O SONO E OS SONHOS

Todos nos encarnados no planeta Terra, necessitamos de prover as necessidades de nosso organismo físico. Portanto, alimentação, higiene, vestuário, fazem parte do atendimento de necessidades que devemos realizar. O sono é momento de descanso para nosso organismo biológico, uma vez que quando dormimos, o nosso organismo se recupera das fadigas do dia-a-dia. Contudo, não podemos esquecer de que se o nosso corpo físico necessita de descanso para recuperar as energias gastas durante o dia, mas, o mesmo não acontece com nosso corpo perispiritual.

Sonhos do subconsciente

Caracterizam-se pela incoerência, falta de nitidez, confusão. As idéias, pensamentos e impressões que afetaram nosso pensamento no estado de vigília irão ter papel importante, associados aos fatos comuns da vida e o temperamento imaginativo ou emocional, que, registrados em nosso aparelho físico (ainda imperfeito para registrar com nitidez a realidade espiritual), nesta confusão que se verifica na maioria dos sonhos que temos. (LE, 405)

Sonhos reais ou inteligentes

São as reproduções do que se vê, ouve ou sente do contato com os Espíritos, encarnados ou desencarnados. São visões perfeitas, diretas e objetivas e são tidos, geralmente, por Espíritos mais elevados e com clarividência definida.

É por isto que nem sempre o homem se lembra desses sonhos, pois que ainda tem a alma em desalinho e não lhe resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha e não lhe resta mais do que a

lembrança do que o preocupa em estado de vigília. No entanto, quando esses sonhos são lembrados, revelam nitidez, clareza, lógica e colorido, características dos sonhos reais. Este fato pode acontecer com relação aos Espíritos encarnados mais elevados, que podem ter uma clarividência mais definida porque guardam na memória, ao voltarem, os acontecimentos verificados, quer digam respeito a existência presente ou as vidas passadas, ou ao que lhes vai suceder no futuro.

Para ilustração desses sonhos lúcidos, pode-se mencionar o sonho de Joana D'Arc, de Jacó e dos antigos profetas judeus; são lembranças da vida espiritual que a alma vê, inteiramente desprendida do corpo físico. Eles são verdadeiros no sentido de apresentarem imagens reais para o Espírito, mas que, frequentemente, não tem relação com o que se passa na vida corpórea. Muitas vezes, ainda, como já dissemos, são uma recordação. Podem ser, enfim, algumas vezes, um pressentimento do futuro, se Deus o permite, ou a visão do que se passa no momento em outro lugar, a que a alma se transporta.

VISITA ESPÍRITA ENTRE VIVOS

O Espírito, durante o sono, recobra em parte a sua liberdade, ou seja, ele se afasta do corpo. A faculdade que a alma possui de emancipar-se e de desprender-se do corpo durante a vida física pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. Enquanto o corpo acha-se mergulhado em sono, ou mesmo em estado de vigília, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer a outras pessoas.

Do principio de emancipação da alma durante o sono parece resultar que temos, simultaneamente, duas existências: a do corpo, que nos dá a vida de relação exterior, e a da alma, que nos dá a vida de relação oculta, no entanto, no estado de emancipação, a vida do corpo cede lugar a da alma, mas não existem, propriamente falando, duas existências; são antes duas fases da mesma existência, porque o homem não vive de maneira dupla (LE, 413).

O perispírito, tanto do encarnado quando do desencarnado, é sempre um envoltório semimaterial, o qual, se visível, tem uma aparência tão idêntica a real, que se torna possível a muitas pessoas estar com a verdade quando dizem ter visto o encarnado, ao mesmo tempo, em dois pontos diversos. Através dos sonhos, o homem tem a oportunidade de encontrar-se com amigos e parentes. Os laços de amizade, antigos ou novos, reúnem assim, freqüentemente, diversos Espíritos que se sentem felizes em se encontrar (LE, 417). Essas visitas são significativas, na medida em que rica, ao despertar, uma vaga intuição, que é

origem de certas idéias que surgem espontaneamente.

TRANSMISSÃO OCULTA DO PENSAMENTO:

Todo pensamento irradia as características do estado mental que o envolve - felizes ou menos felizes. Emitindo uma idéia, o homem passa a refletir as que se assemelham, mantendo-o em comunicação com todas as mentes que tenham o mesmo modo de pensar. Da mesma forma que os indivíduos influenciam, são também influenciados. Pelos desejos, pela fixação de seus interesses, emitem e captam certa ordem de idéias em regime de influências recíprocas. E nesse regime que, durante o sono, os Espíritos comunicam entre si suas idéias. Portanto, mesmo que a “mente” do homem não queira, o Espírito revela a outros o objeto das suas preocupações.

Podemos dizer que o pensamento, energia emanada do ser pensante de maneira contínua (e é fragmentário nos irracionais), se propaga no meio do fluido universal e vai encontrar guarida nas mentes que estiverem sintonizadas com aquela faixa de pensamento específica.

Por isso essa transmissão pode ocorrer de desencarnado para desencarnado; de encarnado para encarnado; de desencarnado para encarnado e encarnado para desencarnado. Portanto, as palavras-chaves serão: SINTONIA e TIPO DE PENSAMENTO.

Os Espíritos podem captar o pensamento de outros Espíritos, mas para isso alguns fatores determinantes serão importantes, como nível evolutivo dos Espíritos em questão; grau de maior ou menor emancipação de seu corpo de carne e finalmente sintonia. Cada Espírito, segundo a Codificação, é uma unidade indivisível, que pode irradiar seus pensamentos para diversos pontos, sem que se fracione para tal efeito. E nessa transmissão oculta de pensamentos que alguns Espíritos têm, muitas vezes, as mesmas idéias, sem necessidade da exteriorização da linguagem falada; é assim que expressam-se na linguagem dos Espíritos.

Muitas experiências científicas já demonstraram a realidade dos pensamentos e a possibilidade de transmiti-los, telepaticamente, isto é, independente dos órgãos da fala ou independente da escrita ou de qualquer outro meio de comunicação ostensivo. Se formos um pouco mais observadores, constataremos que, frequentemente, estamos exercitando esta faculdade, mesmo sem perceber, isto é, de forma inconsciente.

O pensamento e a vontade são a ferramenta por excelência, com a qual tudo podemos transformar em nos e a roda de nos. Tenhamos somente pensa-

mentos elevados e puros; aspiremos a tudo o que é grande, nobre e belo. Pouco a pouco sentiremos regenerar-se o nosso próprio ser, e com ele, do mesmo modo, todas as camadas sociais, o globo e a Humanidade! E, em nossa ascensão, chegaremos a compreender e a praticar melhor a comunhão universal que une a todos os seres.

CATALEPSIA, LETARGIA OU MORTE APARENTE

Antes de entrar no estudo destes conceitos no espiritismo, vamos conceituar os termos letargia e catalepsia:

Letargia é definida como: sonolência mórbida ou estado de sono profundo verificado em algumas doenças;

Catalepsia é definida como: síndrome nervosa, de índole histérica, caracterizada pela suspensão parcial da sensibilidade externa e dos movimentos voluntários e, principalmente, por extrema rigidez muscular. Os letárgicos e os catalépticos vêem e ouvem o que esta ao seu redor, apesar de não poderem se comunicar, por que seu corpo físico fica com uma perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada.

Na letargia há a suspensão total das forças vitais do organismo físico, dando a aparência da morte e tem causas naturais. Já na catalepsia a suspensão fica localizada, onde a inteligência pode manifestar-se livremente, não confundindo com a morte e além de natural, pode também ser provocada e desfeita pela ação magnética.

BIBLIOGRAFIA

Kardec, Allan, “O Livro dos Espíritos”, questões: 400 a 412; 413 a 424

DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor. Rio de Janeiro: FEB, 2007 Primeira parte, cap. VI, p. 121, 129 e 132

Parte B - PASSAGENS SOBRE RESSURREIÇÃO

Ressurreição significa ressurgir no mesmo corpo físico, o que a ciência demonstra ser impossível. Pois, após a dispersão dos elementos (hidrogênio, carbono, etc.) constitutivos do corpo biológico, impossível se faz a sua reintegração, uma vez que estes elementos retornam a natureza, compondo novos corpos.

Desta maneira, pode-se entender o termo ressurreição como uma figura simbólica para a reencarnação.

Jesus disse que “...não vim derogar as Leis, mas dar-lhes cumprimento”, portanto, nada do que Jesus realizou em sua época, poderia contrariar as Leis Divinas. Assim sendo, as passagens onde o Mestre “ressuscitou” aquelas pessoas, teria que ter um fundamento mais lógico.

O entendimento do que são catalepsia e letargia, nos auxiliam a entender, juntamente com as instruções

dos Espíritos, que as ressurreições que Jesus provocou são casos de letargia e/ou catalepsia (que a ciência médica desconhecia).

Na época do advento de Jesus, houve alguns casos de passagens de ressurreição, por exemplo:

A filha de Jairo: A menina estava desacordada já algum tempo e os médicos da época davam-na como estando morta. Contudo, ao solicitar a Jesus que auxiliasse sua filha, o pai da menina estava sendo humilde, pedindo auxílio a Deus. Ele acreditava que Jesus iria curar sua filha.

O filho da viúva de Naim: A mãe do jovem estava desesperada porque seu único filho havia desencarnado. Recorreu a Jesus e ele dirigiu-se ao menino dizendo: “levanta-te” e o menino levantou-se e pôs-se a andar.

Lazaro, irmão de Marta e Maria: Jesus, pois, como-vendo-se outra vez, profundamente, foi ao sepulcro: era uma gruta, e tinha uma pedra posta sobre ela. Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque está morto há quase quatro dias. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus? Tiraram então a pedra. E Jesus, levantando os olhos ao céu, disse Pai, graças te dou, porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves; mas por causa da multidão que esta em redor é que assim falei, para que eles creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isso, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!

Saiu o que estivera morto, ligados os pés e as mãos com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir. Jesus, como Espírito puro, já possuía o amor incondicional, tinha magnetismo suficiente e sabia como utilizá-lo em seus atendimentos de cura.

BIBLIOGRAFIA

LE, Livro Segundo, 1010

ESE, Cap. IV itens 1 a 17

Velho Testamento, I Reis, 17: 17 a 24

Velho Testamento, II Reis, 4:2o a 32 e 36

Velho Testamento, 13:21

N.T Lucas 7: 11-15 e 8:49-55

N.T João 11-1-46

N.T Atos dos Apóstolos,9:36-42 e 20:9-12

14ª Aula - VIDA ESPÍRITA - I

Parte A - ESCOLHA DAS PROVAS - RELAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO - RELAÇÕES SIMPÁTICAS E ANTIPÁTICAS DOS ESPÍRITOS

ESCOLHA DAS PROVAS

Após cada existência, os Espíritos vêem o progresso que fizeram e compreendendo o quanto ainda lhes falta em pureza para atingirem a felicidade real, esco-

lhem assim as provas, que irão passar, antes de reen- carnarem, pois somente fora da matéria pode o Espírito refletir acertadamente sobre as verdades eter- nas.

Nem todos o fazem após o desencarne, há os que acreditam em penas eternas isso para eles é um cas- tigo.

Alguns solicitam suas provas para a vida presente ou mesmo para a futura, nisso consiste o seu livre arbí- trio, lembrando-nos sempre que nada acontece sem a permissão de Deus.

Para os Espíritos mais próximos de sua origem (sim- ples, ignorantes e carecidos de experiências) Deus lhes supre as inexperiências, Traçando-lhes o cami- nho que devem seguir, porém, pouco a pouco, o Pai os deixa escolher, à medida que o discernimento, juntamente com o progresso espiritual, vai evoluin- do. Deus sabe esperar, não Se precipita, mas ainda assim, há encarnações expiatórias, para Espíritos vacilantes, necessitados da experiência corpórea.

Essa escolha dos Espíritos é apenas para o gênero das provações, dando-lhes conhecimento da natureza das vicissitudes, porém as particularidades correm por conta das conseqüências das próprias ações, igno- rando assim, se terão êxito ou não.

O Espírito escolhe provas que queira sofrer, de acor- do com a natureza de suas faltas, as que o levem a expiação destas e a progredir mais rapidamente. Para os encarnados pode parecer natural que se escolham as provas menos dolorosas, ao Espírito, não. Uns impõem a si mesmos uma vida de misérias e priva- ções, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, outros ainda, se deci- dem a experimentar suas forcas nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício.

Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou de seu livre-arbítrio. Quanto mais difíceis as provas, maior o mérito, se sair vitorioso.

Espíritos mais atrasados podem pedir para nascer entre outros mais adiantados para progredirem, mas poderão ficar deslocados entre eles e são os que às vezes nos dão um triste espetáculo de ferocidade em meio da civilização; isso não quer dizer que retroce- deram.

Nas provações por que lhe cumpre passar para atingir a perfeição o Espírito não tem que sofrer tentações de todas as naturezas. Há Espíritos que desde o co- meço tomam um caminho que os exime de muitas

provas. Os que se deixam arrastar para o mau caminho, correm todos os perigos que esse caminho apresenta.

Quando errante, pouco importa ao Espírito encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher, o que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.

Para o tipo de provas que necessitamos, precisamos de mundos de expiações e provas.

O Espírito pode enganar se quanto à eficiência da prova que escolheu:

1) pode escolher uma que esteja acima de suas forças e sucumbir (diferente de expiação);

2) pode também escolher alguma que nada lhe aproveite, como sucederá se buscar vida ociosa e inútil, mas ao voltar ao mundo dos Espíritos, verifica que nada ganhou e pede outra que lhe faculte recuperar o tempo perdido.

“É o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o torna adequado as suas novas necessidades, ele o aperfeiçoa, o desenvolve e completa o organismo a medida que sente a necessidade de manifestar novas faculdades, numa palavra, ele o talha conforme sua inteligência”. (GE - cap. XI - item II)

Em alguns casos não é permitida ao Espírito a escolha do seu invólucro corpóreo, dependerá sempre da evolução adquirida. Em outros, quando o Espírito já conquistou essa evolução, solicita impedimentos físicos que o imunize ante a possibilidade de reincidência nos erros, pois, os compromissos morais adquiridos conscientemente na carne, somente na carne, podem ser resolvidos.

Nem sempre o Espírito requisita deliberadamente determinadas provas, de vez que, em muitas circunstâncias quais aquelas que se verificam no suicídio ou na delinqüência, caímos de imediato, na desagregação ou na insanidade das próprias forças, lesando o corpo espiritual, o que nos constrange a renascer no berço físico exibindo defeitos e moléstias congênicas, em aflitivos quadros expiatórios.

O erro de uma encarnação passada pode influenciar na encarnação presente, predispondo as doenças que tem a sua causa profunda na estrutura do corpo espiritual.

A carne é assim como um filtro que retém as impurezas do corpo perispiritual, liberando-o de certos males adquiridos.

Embora conhecedores que somos da Lei de Causa e Efeito, não podemos generalizar os casos, não podemos nos esquecer daqueles missionários que pedem

provações em enfermidades para serem instrumentos da descoberta da cura. Há, também, outros Espíritos que pedem duras provas, e ao saírem vitoriosos, podem evoluir mais rapidamente.

Suportemos nossas provas, com a certeza do Amor de Jesus e com o amparo dos Amigos Espirituais, emissários do Pai, a nos protegerem, porém sem nos esquecermos de fazer a nossa parte. Ajuda-te a ti mesmo e o Céu te ajudará.

Todavia, as súplicas justas são atendidas mais vezes do que supomos. Muitas vezes, também, (na maioria das vezes) a ajuda nos sugere a idéia que nos fará sair da dificuldade pelo nosso próprio esforço.

RELAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO

Os Espíritos de diferentes ordens estão misturados na espiritualidade, como quando encarnados, homens bons e maus se encontram o tempo todo, se relacionam, mas sem que isso, os obrigue a conviverem mais intimamente.

Os da mesma ordem se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos unidos pela simpatia e pelos propósitos; os bons, pelo desejo de fazer o bem; os maus, pelo desejo de fazer o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se encontrarem entre os seres semelhantes a eles.

As diferentes ordens de Espíritos estabelecem entre si uma hierarquia de poderes que é exercida por meio de uma ascendência moral irresistível, em relação à superioridade moral elevada.

A condição dos Espíritos na vida além túmulo, sua elevação, sua felicidade, depende da respectiva faculdade de sentir e de perceber, que é sempre proporcional ao seu grau evolutivo.

Os Espíritos Superiores vão por toda parte, para exercerem a sua influência sobre bons e maus. Para combater as más tendências destes, a fim de auxiliá-los a evoluir, é uma missão; porém, as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que não levem a elas o distúrbio das más paixões.

As almas colocam-se e agrupam-se no espaço segundo o grau de pureza do seu respectivo invólucro, a condição do Espírito está em relação direta com a sua constituição fluídica.

Os Espíritos inferiores se comprazem em nos levar ao mal pelo despeito de não terem merecido estar entre os bons. O desejo deles é o de impedir, tanto quanto puderem, que os Espíritos ainda inexperientes atinjam o bem Supremo; querem fazer os outros provarem aquilo que eles provam.

O poder que um homem goza na Terra não lhe dá supremacia no mundo dos Espíritos, o maior na Terra pode estar na última classe entre os Espíritos, enquanto o seu servidor poderá estar na primeira. Jesus disse: “Quem se humilhar será exaltado, e quem se exaltar será humilhado”.

Aquele que teve poder na Terra, ao se ver inferiorizado entre os Espíritos, sobretudo os orgulhosos e invejosos, irão se sentir humilhados. O domínio do mandatário sobre o subordinado, na espiritualidade, só continuará a existir se a superioridade for moral.

Os Espíritos se vêem e se compreendem, a palavra é material: é reflexo da faculdade espiritual (LE, 282). O fluido universal estabelece entre eles constante comunicação; é o veículo da transmissão de seus pensamentos, como, para nós, o ar e o som. É uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro.

Os Espíritos, reciprocamente, não podem dissimular seus pensamentos. Não podem ocultar-se uns dos outros. Podem afastar-se uns dos outros, mas sempre se vêem. Isto, porém, não constitui regra absoluta, porquanto certos Espíritos podem muito bem tomarem-se invisíveis a outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo.

Os Espíritos comprovam suas individualidades pelo perispírito, que os torna distinguíveis uns dos outros, como faz o corpo entre os homens.

Os Espíritos se reconhecem por terem coabitado a Terra. O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o amigo. E, assim, de geração em geração se reconhecem no mundo dos Espíritos. vemos a nossa vida pretérita e vemos nela como em um livro. vemos a dos nossos amigos e dos nossos inimigos, vemos a sua passagem da vida para a morte.

Deixando seus despojos mortais é necessário algum tempo para que a Alma se reconheça a si mesma e sacuda o véu material.

Após este estágio, vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam.

A alma no seu regresso ao mundo dos Espíritos, é acolhida da seguinte forma:

- A do justo, como bem-amado irmão, desde muito tempo esperado.
- A do mau, como um ser que se despreza (ele próprio).

Os Espíritos impuros, quando da chegada de outro Espírito mau entre eles, ficam satisfeitos por verem seres que se lhes assemelham e que também são privados da infinita ventura, qual na Terra um ladrão entre seus iguais.

Nossos parentes e amigos costumam vir ao nosso encontro quando deixamos a Terra. Os Espíritos vão ao encontro da Alma como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, e ajudam-na a desprender-se dos liames corporais. Isso é uma graça concedida aos bons Espíritos que se encontram com os que os amam. Ao passo que aquele que se acha manchado, permanece em isolamento, ou só tem ao seu redor os que lhe são semelhantes: isso é uma punição. Muitas vezes, os seres amados estão ao lado e eles não conseguem vê-los.

A reunião de parentes e amigos depois da morte depende da elevação deles e do caminho que seguem, procurando progredir. Se um está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não podem os dois conservar-se juntos. Ver-se-ão de tempos a tempos, mas não estarão reunidos para sempre, senão quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Acresce que a privação de ver os entes queridos e amigos é, às vezes, uma punição.

Essa punição é uma forma do Espírito mais rapidamente despertar, e imposta pelo próprio Espírito por sua sintonia espiritual.

RELAÇÕES SIMPÁTICAS E ANTIPÁTICAS DOS ESPÍRITOS

Ha afeições entre os Espíritos, do mesmo modo que entre os homens, sendo, porém, que mais forte é o laço que prende os Espíritos uns aos outros, pois quando carentes de corpo material, esse laço não se acha exposto as vicissitudes das paixões. Havendo aversões somente entre os Espíritos impuros, e são estes que excitam as inimizades e as dissensões entre os homens.

Na erraticidade os que foram inimigos enquanto encarnados, compreendem como era estúpida a atitude e pueril o motivo; apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, porém se foi por motivo material e desaparecendo a matéria, poderão rever se sem ressentimento; da mesma forma que dois escolares que não se gostavam, chegando a idade da razão reconhecem quão pueril eram suas brigas infantis.

A lembrança dos atos maus que dois homens praticaram um contra o outro, induz os Espíritos, quando desencarnados, a se afastarem um do outro.

Aqueles a quem foi feito o mal neste mundo, se são bons, eles perdoam, segundo o arrependimento do executor deste mal. Se maus é possível que guardem ressentimento do mal que foi feito e queiram vingança, não raro, em outra existência. Deus pode permitir que assim seja, como um castigo.

Não são suscetíveis de alterar-se as afeições individuais dos ESPÍRITOS, por não estarem eles sujeitos a enganar-se. Falta-lhes a máscara sob que se escondem os hipócritas. Dai vem que, sendo puros, suas afeições são inalteráveis. Suprema felicidade lhes advém do amor que os une.

Continua a existir sempre, no mundo dos Espíritos, a afeição mútua que dois seres se consagraram na Terra, desde que originada de verdadeira simpatia. Se, porém, nasceu principalmente de causas de ordem física, desaparece com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra, porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor-próprio.

“A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra. Não pertencem decerto a uma ordem elevada os Espíritos que a empregaram. Necessariamente, limitado sendo o campo de suas idéias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a idéia de que, criados um para o outro, dois Espíritos tenham, fatalmente, que se reunir um dia na eternidade, depois de haverem estado separados por tempo mais ou menos longo”. (LE, 303a)

Não há almas que desde suas origens, estejam predestinadas a união. Cada um de nós não tem, n’alguma parte do Universo, sua metade, a que fatalmente um dia reunirá. Não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.

A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade. A identidade necessária a existência da simpatia perfeita apenas consiste na igualdade dos graus da elevação (todos - pensamento, sentimento e conhecimento).

Todos os Espíritos serão simpáticos no futuro. Um Espírito, que hoje esta numa esfera inferior, ascenderá, aperfeiçoando-se, a que se acha tal outro Espírito. E ainda mais depressa se dará o encontro dos dois, se o mais elevado, permanecer estacionário em razão de não bem realizar suas provas. Podem deixar de ser simpáticos um ao outro dois Espíritos que já o sejam, se um deles for preguiçoso.

BIBLIOGRAFIA:

A Gênese - cap.XI - Encarnações dos Espíritos e Reencarnação
Após a Tempestade - Joanna de Angelis - item 24
Depois da Morte - Leon Denis – 2ª parte - cap. XIII - As Provas e a Morte e cap. XXXIII
Emmanuel - Emmanuel - cap. XXXII - Dos Destinos
O Consolador - Emmanuel - perguntas 175 a 178 e 239 a 252
O Livro dos Espíritos - perguntas de 258 a 273, 274 a 303 e 663
O Problema do Ser, do Destino e da Dor - Leon Denis - cap. VIII, XIII, XIV e XV
Religião dos Espíritos - Emmanuel - “Cadinho”, “Herança”, “Examinadores”, “Doenças Escolhidas”, “Em Plena Prova”
Revista Espírita - Setembro e outubro de 1864 - Estudos Morais
Revista Espírita - julho de 1864 - Instruções dos Espíritos - O castigo pela Luz - Médiun Sr. A. Didier
Revista Espírita - setembro de 1863 - Perguntas e Problemas Sobre a Expição e a Prova
Revista Espírita novembro de 1860 - Relações Afetuosas dos Espíritos
Vida e Sexo - Emmanuel- cap. XXIV

Parte B - RECONCILIAR-SE COM SEUS ADVERSÁRIOS

“Se teu irmão pecar contra ti, vai, e corrige-o entre ti e ele somente; se te ouvir; ganho terás o teu irmão. Então, chegando-se Pedro a ele, perguntou: Senhor; quantas vezes poderá pecar meu irmão contra mim, para que eu lhe perdoe? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes” (Mateus 18:15, 21 e 22)

“Portanto, se estás fazendo a tua oferta diante do altar; e te lembrar aí que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar; e vai te reconciliar primeiro com teu irmão, e depois virás fazer a tua oferta.

Reconcilia-te sem demora com o teu adversário, enquanto estas a caminho com ele, para que não suscite que ele te entregue ao juiz, e que o juiz te entregue ao seu ministro, e sejas mandado para a cadeia. Em verdade te digo que não sairás de lá, enquanto não pagares o última ceitil” (Mateus 5:23-26).

A misericórdia consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam alma sem elevação, nem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio das almas elevadas. Com que direito podemos pedir o perdão das nossas faltas, se não perdoamos as dos outros? Como rezar o Pai Nosso? Será realmente que quando nos sentimos ofendidos, o primeiro a ofender não fomos nós mesmos? Será que não nos escapou nenhuma ação ou palavra injuriosa; sem que o percebêssemos?

Mahatma Gandhi quando libertado de uma prisão britânica, ao lhe perguntarem se perdoaria aos que o prenderam, ele respondeu que nada havia a perdoar. Esse deve ser o tipo de amor que unirá todas as pessoas, um amor universal, sem melindres.

Jesus quando ensinou o Pai Nosso, acrescentou: “Se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoara as ofensas”.

Desta belíssima oração que Ele nos ensinou no Sermão do Monte, somente fez referência ao perdão das ofensas, mostrando dessa forma a importância do perdão.

Quem perdoa obtém a graça da consciência tranqüila, toma-se inacessível ao mal, da impulso evolutivo a própria alma.

Sabemos que a morte não nos livra dos nossos inimigos, os Espíritos vingativos perseguem muitas vezes, com seu ódio no além túmulo; porque estando o Espírito aprisionado em seu corpo, fica mais fácil para o desencarnado atormentar. Nisso reside à causa da maioria dos casos de obsessão.

Para tranqüilidade futura, Jesus recomenda nos reconciliarmos com os nossos inimigos, o quanto antes, para que não se perpetuem nas existências futuras, o ódio, o mal.

Perdão e esquecimento ao Espírito evangelizado é a mesma coisa, mas para muitos de nos o perdão é simplesmente renunciar a vingança.

Jesus ainda recomendou que quem fosse fazer uma oferenda, primeiro reconciliasse com os seus adversários e só depois voltasse para dar a oferenda, com o coração limpo.

O perdão deve ser irrestrito e incondicional. Quando Pedro perguntou a Jesus quantas vezes deve-se perdoar, ele lhe disse que deveria perdoar setenta vezes sete, isso não queria dizer perdoar quatrocentos e noventa vezes apenas, mas infinitamente; perdoar com o coração e não só com os lábios, como aquele que diz: “Eu perdôo, mas nunca mais quero vê-lo”, esse não perdoou realmente.

Perdoar é doar amor, é misericórdia. O perdão se reconhece pelos atos muito mais que pelas palavras. Libertemo-nos de todas as amarras perniciosas que ainda nos prendem e sigamos livres de nossos defeitos mesquinhos na estrada que leva-nos ao Pai.

Sejamos indulgentes com os que nos caluniam, pois a indulgência acalma, corrige e atrai. Saibamos pedir perdão das calúnias que fazemos; assim conseguiremos nos reconciliar com os nossos inimigos já nessa encarnação.

Que o Amor do Pai possa unir a todos seus filhos.

BIBLIOGRAFIA:

O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. X - itens 3, 5 e 8; cap. XII itens 5 e 8

Pão Nosso - Emmanuel - cap. 120 - Conciliação

Joana de Angelis Responde - perguntas 21, 171 a 173

Renovando atitudes - Amar, não sofrer

Crônicas Evangélicas - Paulo Alves de Godoy - cap. VIII- Caminhe mais uma milha

O Evangelho dos Humildes - Eliseu Rignonatti - cap. V - itens 25 e 26

O Sermão da Montanha - Rodolfo Calligaris - Reconcilia-te sem demora com teu adversário

15ª Aula - VIDA ESPÍRITA - II

Parte A - LEMBRANÇAS DA EXISTÊNCIA CORPÓREA

Regressando a erraticidade, o Espírito vai se lembrando, pouco a pouco, não só da última existência na Terra, mas, também daquelas que a precedem. Isso acontece após o período de perturbação, maior ou menor, pelo qual o Espírito passa. Essas lembranças podem ser dos mais minuciosos pormenores, mas, de modo geral, ele só se interessa pela lembrança daqueles fatos e pensamentos vivenciados que tenham tido influência no seu estado atual na erraticidade. Evidente que, ao despertar no plano espiritual, o Espírito passa pelo espanto natural decorrente dos anos que passou na vida corpórea, cujas impressões se apagam gradualmente da memória. Após a libertação do corpo e livre do período de perturbação que se segue a morte, o Espírito passa a ter uma compreensão mais nítida dos objetivos da vida material e da necessidade de purificação para chegar ao estado de Espíritos Puros. São desenhados na memória do Espírito as lembranças por esforço da própria imaginação ou como um quadro que se apresenta a vista. De forma que, lembra-se de todos atos de mais interesses e os outros ficam na mente mais ou menos vagos ou esquecidos de todo. As lembranças serão perfeitas apenas dos fatos principais que possam auxiliá-lo na trajetória da evolução. Por isso, frequentemente conserva a lembrança dos sofrimentos que vivenciou e essa lembrança lhe faz compreender melhor a felicidade no plano espiritual.

São sempre gratos aos que se lembrem deles, dependendo do seu grau evolutivo não dão importância aos objetos que lhe pertenceram, assim como também consideram o seu antigo corpo como uma roupa imprestável. O que realmente os atrai são o pensamento e a saudade das pessoas queridas.

Os Espíritos inferiores sentem saudades das sensações que tenham desfrutado na Terra e desejariam poder ainda ter a satisfação que sentiam enquanto estavam na matéria e que os gratificavam. Por isso, procuram satisfazer esse desejo material pela chamada vampirização. Por esse processo, utilizam das pessoas que vibram na esfera das mesmas sensações impuras, para satisfazer as suas paixões. Assim sendo, “bebem”, “fumam”, “comem” e “fazem sexo” utilizando pessoas como instrumento, conseguindo o fim desejado. Certamente que esse procedimento acarreta a uns e outros a expiação mediante sofrimento.

mentos futuros, pelas induções exercidas sobre esse ou aquele indivíduo. Os Espíritos elevados, não sentem saudades da sua felicidade material. Para eles a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.

Aqueles Espíritos que deram começo a trabalhos de vulto com uma finalidade útil e que os vêem interrompidos pela morte, não lamentam, no outro mundo, por tê-los deixado inacabados, porque vêem que outros estão destinados a concluí-los. A estes procuram influenciar para que os concluam e continuam a ter no mundo dos Espíritos o objetivo que tinham na Terra: o bem da humanidade. Conforme a elevação do Espírito, ele passa a apreciar os trabalhos de arte ou literatura que tenha produzido de outro ponto de vista e não é raro condenar o que de maior admiração lhe causava. E também, de acordo com a sua elevação e a missão que tenha a desempenhar, se interessa pelos trabalhos que se executam na Terra, no campo das artes e das ciências, desde que considerem úteis segundo uma visão bem diferente da nossa. Quanto ao amor pela pátria, o princípio é sempre o mesmo. Para os Espíritos elevados, a pátria e o Universo. Na terra, a pátria, para eles, esta onde se ache o maior número das pessoas que lhes são afins.

COMEMORAÇÃO DOS MORTOS - FUNERAIS

Quando nos lembramos de forma equilibrada e amorosa daqueles que partiram para o plano espiritual, esta lembrança poderá aumentar-lhes a felicidade ou servir de lenitivo aos sofrimentos. Isso independe de ser o dia de comemoração dos mortos. No dia de finados, só ocorrem ao cemitério atraídos pelas pessoas que os chamam pelo pensamento. Os esquecidos, cujos túmulos não são visitados, a esses nada mais os prende a Terra. De qualquer forma, o que importa é a lembrança e o afeto que lhe devotamos. Aprece, por sua vez, é que santifica o ato da comemoração, independente do lugar, desde que seja feita com o coração. A preferência para ser enterrado neste ou naquele lugar só denota inferioridade moral, já que se sabe que a alma se reunirá, mais cedo ou mais tarde, aos Espíritos que lhes são caros, sem depender do lugar onde estejam os despojos mortais. É um costume piedoso reunir no mesmo lugar os restos mortais dos membros de uma mesma família, mas destituído de importância para os Espíritos. Aqueles que já possuem certa elevação, libertos das vaidades terrenas, vêem como futilidade as honras que lhes prestam aos despojos mortais, diferentemente dos Espíritos ainda pouco elevados, que sentem grande prazer nisso e até se aborrecem com o pouco caso que se lhes façam. Geralmente o Espírito assiste ao enterro do seu corpo, mas tal não acontece

se estiver em estado de perturbação. Quase sempre assiste aos lances do inventário e partilha dos bens que tiver deixado e toma conhecimento do comportamento dos seus herdeiros e legatários, avaliando, para sua tristeza ou alegria, os verdadeiros sentimentos deles.

PERDA DE PESSOAS AMADAS MORTES PREMATURAS

Desde épocas remotas, a morte vem sendo revestida por um aspecto lúgubre e entendida com um acontecimento que espalha a dor e a desolação, atingindo indiscriminadamente todas as idades. Daí a revolta das criaturas questionando a justiça divina, por sacrificar jovens fortes, com todo um futuro de realizações pela frente. Todos lamentam profundamente a partida de um ente querido, principalmente quando se trata de mortes prematuras, muitas vezes arrimo de família. No entanto, importa ao homem elevar-se para compreender que o bem está muitas vezes onde aparentemente ele só vê fatalidade; a justiça divina não pode ser dimensionada pela justiça dos homens. A morte é preferível, para a encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias honradas e partem o coração de uma mãe. A morte prematura, frequentemente, é um grande benefício que Deus concede aquele que se vai, e que se encontra, assim, preservado das misérias da vida, ou das seduções que teriam podido arrastá-lo a sua perdição, atrasando assim, o processo evolutivo do Espírito que aparentemente desencarnou prematuramente.

Dois amigos que se achem detidos numa mesma prisão, ambos alcançarão um dia a liberdade, mas um a obtém antes do outro. Seria caridoso que o que continuou preso se entristecesse porque o seu amigo foi libertado primeiro? Não haveria, de sua parte, mais egoísmo do que afeição em querer que do seu cativo e do seu sofrer partilhasse o outro por igual tempo? Ou ainda numa outra hipótese, se um amigo que convive conosco, estivesse numa penosa situação de enfermidade, sua saúde ou seus interesses exigem que vá para outro país, onde estará melhor em todos os sentidos? Deixaria temporariamente de estar ao nosso lado, mas poderíamos nos corresponder com ele sempre: a separação seria apenas material, seria correto impedirmos a sua viagem, somente para satisfazer o nosso interesse? O mesmo acontece com as pessoas que se amam na Terra. O que parte primeiro se liberta e só nos cabe felicitá-lo, aguardando com paciência o momento em que por nossa vez também estaremos libertos.

Assim sendo, no mundo espiritual, o conceito de morte é bem diferente daquele conceito que temos

aqui na vida material. Os Espíritos desencarnados encaram-na como um processo de libertação, dando a ela uma continuação oposta àquela que lhe é dada no mundo carnal. Por isso que o Espiritismo propicia um quadro bastante diverso sobre a morte, dando a ela um aspecto mais consolador. Diante do princípio da reencarnação, o reencontro dos Espíritos se toma uma questão de tempo.

O Espírita, portanto, sabe que a alma vive melhor quando liberta do corpo material, que esta separação é temporária e que ambos prosseguem enlaçados pelos mútuos pensamentos de amparo, proteção e contentamento. Sabe ainda que a revolta afeta os que se foram, porque ela de alguma forma revela não aceitação da vontade divina. E muito mais produtivo e caridoso as boas obras realizadas em memória daqueles que se foram para a pátria espiritual. Importa assim compreender essa realidade espiritual e cultivar harmoniosa permuta de fluidos revigorantes, através de vibrações de carinho, pedindo a Deus que abençoe os que se anteciparam na grande viagem, de modo que as lágrimas cedam lugar às aspirações de um futuro reino pleno de felicidade, conforme prometido por Jesus.

SORTE DAS CRIANÇAS DEPOIS DA MORTE

O nosso Codificador pergunta aos Espíritos Superiores se o Espírito de uma criança morta em tenra idade é tão adiantado como de um adulto, a resposta é simples e sucinta “às vezes bem mais, porque pode ter vivido mais e possuir maiores experiências, sobretudo se progrediu (LE, 197). Sinaliza que antes de ser criança é um Espírito encarnado. A duração da vida da criança pode ser para o Espírito um complemento de uma vida interrompida, antes do tempo determinado. Seu desencarne é frequentemente uma prova ou expiação para os pais. O destino do Espírito de uma criança após o seu desencarne é recomeçar uma nova existência. Aqueles Espíritos que são viciosos progrediram menos e têm então de sofrer as consequências de seus atos, não dos seus atos de infância, mas sim de suas existências anteriores. Desta forma que a Justiça Divina se mostra a todos.

BIBLIOGRAFIA:

- Kardec, Allan - LE - 304 a 329 e 934 a 936
- Kardec, Allan - ESE - cap. V- Item 21
- O Pensamento de Emmanuel - Item 34
- Simonetti, Richard - Quem tem Medo da Morte?
- Náufel José - Do ABC ao Infinito - 1º volume

Parte B - DEIXAI OS MORTOS ENTERRAR OS SEUS MORTOS

Quando Jesus com suas sandálias pisava a “Terra Santa”, a Palestina, tinha como auxiliares mais diretos os doze discípulos, que mais tarde seriam os A-

póstolos, como conhecemos hoje. Porém, além dos doze Ministros do Seu Evangelho, havia outros 70 discípulos, aos quais Jesus convidava de acordo com as circunstâncias e as possibilidades do momento. Um certo dia, diante de um rapaz que se aproximou dele, disse-lhe:

“Segue-me. E ele lhe disse: Senhor, permita-me que vá primeiro enterrar o meu pai. E Jesus lhe respondeu: Deixa que os mortos enterrem os seus mortos, e tu vai e anuncia o Reino de Deus.” Lc, 9: 59-60 e Mt, 8: 18-22

O que poderiam significar essas palavras: Deixai que os mortos enterrem os seus mortos? Elas possuem um sentido bastante amplo, que somente um conhecimento completo da vida espiritual pode dar a interpretação mais profunda e um entendimento mais amplo. A vida espiritual é a verdadeira vida, é a vida normal para qualquer Espírito. A nossa existência na Terra é transitória e passageira, é uma espécie de morte se for comparada ao esplendor e a atividade da vida espiritual. O corpo físico representa apenas uma roupa grosseira que reveste o Espírito temporariamente, funciona como uma prisão que prende o Espírito na Terra durante um determinado tempo. Quando o Espírito se liberta dessa prisão se sente muito feliz com a liberdade que lhe permite um meio de compreensão do sentido da vida de um modo muito mais abrangente.

De forma que, o respeito que devemos aos “mortos” não se refere a matéria, ou seja, ao corpo físico, mas, pelo respeito, pela lembrança e pela afeição ao Espírito ausente do corpo material. Quando Jesus disse ao rapaz que deixasse aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos, não estava de maneira nenhuma com a intenção de desprezar o corpo do pai daquele rapaz, mas, aproveitou aquela oportunidade para ensinar que o Espírito é muito mais que o corpo e que a verdadeira pátria é a pátria espiritual, de onde todos nos temos a origem. Quem passa pela sepultura, continua trabalhando, porque permanece vivo em outros planos, no esforço e na luta do auto aprimoramento, a morte só existe nos caminhos do mal, onde as sombras impedem a visão da vida maior.

Por outro lado, Emmanuel através da psicografia de Francisco Cândido Xavier no livro Fonte viva, esclarece-nos que Jesus não recomendou ao rapaz que deixasse aos “cadáveres” o cuidado de enterrar os “cadáveres” e sim que deixasse aos mortos o cuidado de enterrar os mortos. Isso porque, existe uma grande diferença entre um cadáver e um morto. O cadáver é carne sem vida, enquanto um morto é alguém ausente da vida. Desse modo, há muita gente que peram-

bula nas sombras da morte sem morrer. Distantes do aprimoramento espiritual, muitas pessoas se fecham no egoísmo e na vaidade desmedida, recusando-se a participar das experiências coletivas, e como sabemos no isolamento não há progresso.

Há milhares de pessoas que dormem, indefinidamente, enquanto passam os dias de experiência sobre a Terra. Percebem a produção incessante da natureza, mas não lembram-se da obrigação de fazer algo em benefício do progresso coletivo. Diante da árvore que se cobre de frutos ou da abelha que tece o favo de mel, não lembram-se do pequenino dever de contribuir para a prosperidade comum. De uma maneira geral, se assemelham a mortos preciosamente adornados.

Disse o apóstolo Paulo: “Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e o Cristo te iluminará” (Efésios, 5:14). Isso equivale dizer que devemos acordar para a vida superior e nos levantar para realizar boas obras e o Senhor nos ajudará, para que possamos ajudar os outros.

Perambulamos pelas sombras da morte sem morrer quando nos afundamos nos abismos do ouro, das conquistas passageiras e nos abismos dos vícios e ilusões de todos os matizes. Pela tentação da riqueza moramos em túmulos de cifrões, derrotados pelos maus hábitos, enclausurando-nos nas grades das sombras, atormentados pelos desenganos e frustrações.

Passar pela vida, sem perambular pelas sombras da morte é aprender a participar da luta coletiva; é sairmos de nos mesmos a cada dia buscando sentir a dor do vizinho, as necessidades do próximo. É despertar, é acordar e viver com todos, por todos e para todos, porque, ninguém pode suspirar tão somente para si. Em qualquer parte do Universo somos usufrutuários do esforço e do sacrifício de milhões de pessoas.

Desta forma, se estivermos diante de algum cadáver, que nada mais é do que carne sem vida, devemos lhe oferecer a benção da sepultura, mas em se tratando de assunto espiritual, deixemos sempre aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos.

BIBLIOGRAFIA

Kardec, Allan - ESE - cap. XXIII, itens 7 e 8

Xavier, Francisco Cândido - Pelo Espírito Emmanuel - Fonte viva - lições 66 e 143

Xavier, Francisco Cândido - Pelo Espírito Emmanuel - Pão Nosso - lição 68

A Doutrina Espírita designa como erraticidade o estado em que os espíritos se encontram entre duas encarnações, denominando-os de espíritos errantes, termo usado pela primeira vez na questão 224 do LE: “Que é a alma nos intervalos das encarnações?”

- Espírito errante que aspira a um novo destino e o espera.

Necessário se faz a distinção dos vocábulos erraticidade e mundo Espírita: o primeiro implica a condição de um estado subjetivo pertinente aos espíritos de segunda e terceira ordens, isto é, Espíritos Superiores e Espíritos Imperfeitos; o segundo, equivale ao local em que preexistem e sobrevivem todos os Espíritos. Os de primeira ordem, denominados puros, e que não se encontram na erraticidade, não tem mais a necessidade de reencarnarem, e assim, continuam a vida no mundo espiritual.

Por se encontrarem aguardando uma nova oportunidade de crescimento através da encarnação em mundos físicos adequados ao seu grau evolutivo, os espíritos se preparam buscando ampliação de seus conhecimentos, esta espera pode ser ou não longa, às vezes se estende por um determinado período de tempo, porém, nunca é perpétuo.

Inseridos na condição de Espíritos errantes, o livre-arbítrio está presente nas decisões a serem tomadas, mas para alguns, é indício de expiação imposta por Deus para que se adiantem na escala evolutiva, isso porque estar em erraticidade, não significa sinal de inferioridade, haja vista que os Espíritos se encontram por toda a parte. Portanto, apenas os que devem reencarnar são considerados errantes, e os Espíritos puros já se encontram em seu estado definitivo, pelas próprias qualidades íntimas conquistadas através do esforço individual.

Em erraticidade, os Espíritos analisam e refletem sobre o seu passado, sempre objetivando o aperfeiçoamento e, ao percorrerem os lugares, observam e escutam com interesse os conselhos dos encarnados mais esclarecidos, e dessa forma, as idéias novas surgem em seu íntimo, predispondo-os à aceitação dos desígnios divinos.

Portando consigo as paixões que lhes são inerentes e através do desejo e da vontade de melhorar-se, a verdade surge lenta e gradual, indicando-lhes o caminho a seguir, impulsionando-os a uma nova existência no mundo material. Muitos se sentem felizes, outros se sentindo infelizes, entrevêm o que lhes faltam para atingirem a felicidade. Algumas vezes não lhes é permitido, ainda reencarnar, constituindo assim de aprendizado para melhor valorização das oportunidades concedidas pelo Pai Criador.

No livro “O Pensamento de Emmanuel”, cap. 5, o autor assim se exprime:

“... Geralmente as imperfeições demasiado arraigadas em nossa individualidade eterna não se diluem no estado doutrinariamente denominado “Espíritos errantes” - permanência do Espírito no espaço durante o tempo que vai do instante do desenlace ao do início de uma nova ligação a outro corpo que a reencarnação lhe proporciona, por benção de Deus ...”

Na obra “Depois da Morte”, Leon Denis nos instrui, traçando um paralelo sobre os Espíritos que se encontram em erraticidade:

“... A ignorância, o egoísmo, os defeitos de todo tipo reinam ainda na erraticidade, e a matéria aí exercem sempre sua influência. O bem e o mal acotovelam-se. É, de alguma forma, o vestibulo dos espaços luminosos, dos mundos melhores. Todos por ali passam, todos permanecem, mas para elevarem-se mais alto ...”

Isso nos esclarece a contento, sobre a continuidade da nossa individualidade como Ser Inteligente após a morte, com as qualidades e as imperfeições que nos acompanham durante a nossa trajetória evolutiva até chegarmos a condição de Espíritos puros.

MUNDOS TRANSITÓRIOS

O Ser Inteligente, ao se encontrar no mundo dos Espíritos, quase sempre suas percepções se ampliam e muitos compreendem melhor as vicissitudes porque passaram e conseguem mais ou menos mensurar a duração dos sofrimentos e a sua utilidade, e com justeza, compreendem o presente como não conseguiam compreender no estado de encarnados.

Para os Espíritos errantes, Deus lhes destinou mundos denominados transitórios, os quais lhes servem de habitações temporárias para que possam se preparar para encarnação futura e assim, desfrutar de maior ou menor bem-estar nesses mundos cuja superfície são estéreis e, por isso, não servem como habitação para os encarnados.

No livro “O Pensamento de Emmanuel”, cap. 1, o autor assim se refere aos mundos habitados:

“... Temos assim, no Espaço incomensurável, mundos-berços, mundos-experiências, mundos-universidades e mundos-templos, mundos-oficinas e mundos reformatórios, mundos-hospitais e mundos-prisões ...”

“... As diversas zonas espirituais, superiores ou inferiores, além das fronteiras físicas, onde a vida palpita com a mesma intensidade das metrópoles humanas ...”

Tudo que Deus cria tem a sua utilidade e antes da aparição do homem na Terra, quando ainda não havia surgido os primeiros seres orgânicos, esta serviu

de habitação temporária para os Espíritos que não tinham as necessidades e as sensações iguais as nossas como encarnados, mostrando a grandiosidade e sabedoria divinas.

Onde quer que se encontre, a vida sempre será vida, não como nos a entendemos, mas como Deus nos mostra através da expansão do Universo por toda a parte, logo, não é de se estranhar que muitos não consigam compreender onde está a utilidade desses mundos ainda em formação, mas que a cada dia servem como verdadeiras estações para que os Espíritos errantes possam ali ter um refugio em locais não circunscritos e nem localizados na imensidão do Criador.

PERCEPCOES, SENSAÇÕES E SOFRIMENTOS DOS ESPÍRITOS

A Inteligência como atributo do Espírito se manifesta mais amplamente quando não encontra obstáculos e, no caso dos Espíritos desencarnados, isso ocorrer em nível mais significativo porque outras percepções inerentes ao Ser Inteligente eclodem conforme o grau que lhes caracteriza a evolução.

Em LE, questão 240: “Os Espíritos compreendem a duração como nós? - Não, e isso faz que nem sempre nos compreendais, quando se trata de fixar datas ou épocas.” Entendamos que eles vivem fora do tempo de tal forma que muitas vezes sentem como se os seus padecimentos fossem eternos, quando na realidade há apenas uma manifestação mais ampla sobre o presente, o passado e o futuro, sempre de conformidade com o seu grau evolutivo.

Na parte I cap. III, item 10 do livro “O Céu e o Inferno”, os Espíritos Superiores nos esclarecem sobre a questão da duração do tempo:

“... No intervalo das existências corpóreas o Espírito volta por tempo mais ou menos longo ao mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que tenha praticado ...”, ou seja, não há uma só imperfeição do Espírito que não traga conseqüências desagradáveis e da mesma forma não há uma só qualidade que não lhe traga felicidade.

Na questão 244 do LE: “Os Espíritos vêem a Deus? - Somente os Espíritos superiores o vêem e compreendem; os Espíritos inferiores o sentem e advinham”. Observemos que muitas vezes não conseguem compreender e distinguir os sentimentos no tocante a Deus e isso sempre os deixam confusos e desorientados quando retomam ao mundo espiritual.

Geralmente dirigem a sua atenção para o que lhes é importante e, muitas vezes se demoram nas questões materiais, sentem com maior ou menor intensidade os sofrimentos morais como decorrência de suas ações não produtivas, as sensações físicas como do-

res localizadas, as necessidades fisiológicas, o cansaço físico e tudo isso o leva a se sentir como se estivesse encarnado, mas na realidade, são apenas elos que repercutem em seu perispírito e as lembranças que conservam da existência física, revelando assim o grau de materialidade em que ainda se encontram.

O Perispírito, sendo o princípio da vida orgânica, embora não seja o da vida intelectual, porque esta é do domínio do Espírito, é também o agente que transmite as sensações exteriores a este, e no instante da morte, o perispírito se desprende gradativamente e a princípio, o Espírito não compreende a sua nova situação e muitas vezes se revolta agravando ainda mais os seus padecimentos morais, os quais são percebidos como fome, sede, frio, calor etc.

Na segunda parte do livro “O Céu e o Inferno”, os Espíritos nas mais diversas condições evolutivas, nos revelam o grau dos sofrimentos e das dores que sentem após a morte do corpo físico, e isso é distinto para cada um, corroborando mais uma vez, que a individualidade apenas se transfere de dimensão levando consigo todas as paixões que o conduziram na existência material, pois, uma existência voltada para a espiritualização, liberta o Espírito das limitações da matéria e amplia a visão espiritual do ser como encarnado em mundos que lhes permitem trabalhar pela própria evolução e dos semelhantes.

DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE

Já a par dos conhecimentos sobre a vida Espírita e sobre o Espírito na erraticidade, podemos concluir que a morte do corpo físico provocada pela exaustão dos órgãos materiais não opera qualquer transformação em nenhum de nós, portanto, é imprescindível que aproveitemos o momento atual para refletirmos sobre nós mesmos, sobre nossas ações e reações no viver cotidiano.

O Espírito desperta na erraticidade como realmente ele é na realidade: uns não se apercebem do novo estado, continuam vivendo como se estivesse encarnado e, por conseguinte, não conseguem compreender porque os familiares e amigos agem como se não os estivessem vendo; outros, mesmo percebendo, continuam no propósito de fazer o mal; outros ainda, por se sentirem cheios de remorsos, tomam-se revoltados e inconformados com a nova situação em que se encontram; e há também os que após um despertar sereno, ingressam em trabalhos voltados para o bem.

No capítulo II, item 2, do Evangelho Segundo o Espiritismo “...Não se turbe o vosso coração, crede em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já vo-lo teria

dito, pois me vou para vos preparar o lugar. Depois que me tenha ido e vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirareis para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós ai estejais...” São João, cap. XIV: 1-3.

No texto transcrito acima, observemos atentamente e procuremos reter em cada um de nós, a mensagem consoladora que Jesus nos deixou para melhor aprendermos a lidar com as adversidades do dia a dia; o apelo aos nossos melhores sentimentos; a advertência quanto ao nosso procedimento com os nossos semelhantes e, por fim, a esperança e a promessa de uma vida futura feliz.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 2º, cap. VI, item 1, questões 223 a 257; item II, questões 234 a 236 e, Ensaio Teórico sobre as Sensações dos Espíritos;
 KARDEC, Allan - A Gênese, cap. XII, itens 25 e 35;
 KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno, cap. I, itens 1 a 15; cap. III, item 10; cap. VII, item: Código da vida Futura, parágrafos de 1 a 8;
 KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. 2, nº 17;
 Revista Espírita - Maio de 1857;
 Revista Espírita -Abril e Maio de 1864;

Parte B - A VERDADEIRA PROPRIEDADE

Leon Denis, na Segunda parte, capítulo IX, da magnífica obra “Depois da Morte”, poeticamente nos induz a uma reflexão profunda sobre a natureza dos nossos pensamentos e ações com relação a Deus e ao Universo, assim se exprime:

“... Na hora em que o silêncio e a noite se estendem sobre a Terra, quando tudo repousa nas moradas humanas, se dirigirmos nosso olhar para o infinito dos céus, lá veremos inumeráveis luzes disseminadas. Astros radiosos, sóis resplandecentes, seguidos pelos seus cortejos de planetas, envolvem aos milhares nas profundezas. Até as regiões mais recuadas grupos estelares se desdobram como lenços luminosos. Em vão o telescópio sonda os céus, em parte alguma ele encontra limites para o Universo; em toda parte os mundos se sucedem aos mundos, os sóis aos sóis; em toda parte legiões de astros se multiplicam a ponto de se confundir numa brilhante poeira nos abismos sem fim dos espaços ...”

O homem sempre deve se conduzir durante a existência material com sabedoria, em busca do seu aprimoramento, adquirindo os valores e as qualidades essenciais ao seu progresso. Criado simples e ignorante para, através do esforço próprio e da perseverança nas vicissitudes que, algumas vezes lhe são impostas, outras vezes são decorrentes da sua liberdade de ação que gera responsabilidades para com Deus, para com o próximo e, sobretudo para consigo

mesmo, chegar à culminância do objetivo da sua criação.

A cada nova oportunidade, ele realiza suas conquistas pessoais em níveis material e moral, adquirindo assim um patrimônio somente seu que o acompanha antes, durante e depois da encarnação. Conforme vai ampliando seu círculo de amigos na família, no trabalho e nas atividades sociais, conquista a cada dia algo bom e valioso que o ajudará sempre. Nessa interação com a sociedade, ele cresce, amplia, auxilia, trabalha e auxilia seus irmãos que partilham a caminhada evolutiva. Ao encarnar num corpo físico, ele traz o seu patrimônio com a finalidade de cada vez mais torná-lo valioso, e isso deveria fazer com que percebesse que tudo o que ele possui no âmbito material, será tão somente como usufrutuário de tudo que o Pai lhe confiou através da sua misericórdia. Ao retornar a pátria de origem e quando sofrimentos inenarráveis o acometem, quase sempre ele lamenta por não ter percebido tal realidade.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XVI, item II, o Espírito (Cheverus, Bordéus, 1861) nos alerta quanto aos bens verdadeiros: "... A riqueza da inteligência deve servir-te como a do ouro; difunde em teu redor os benefícios da instrução, distribuí aos teus irmãos, os tesouros do teu amor, e eles frutificarão ...", isso deve sempre ser a meta do Espírito durante a existência física e a sua transitoriedade aqui na terra.

Quase sempre o homem procura a sua propriedade individual e intransferível nas coisas mundanas e transitórias sem a mínima preocupação com a sua parte moral vivenciando a existência com preocupações que não agregarão valores durante o seu percurso neste mundo e, ao despertar para a compreensão e aquisição desses bens imperecíveis, ele sofre, lamenta e quase sempre se revolta com a providência que sempre o agradou com suas bênçãos, objetivando o seu progresso infinito.

O objetivo do homem nas existências físicas é exatamente para que ele conquiste com sabedoria, boa vontade e desapego aos bens materiais, que constitui um dos maiores entraves ao seu crescimento que busque o seu eu interior, que siga os passos do Mestre Jesus, que mesmo encarnado, aprenda a valorizar e priorizar os bens da alma e do coração, os tesouros da amizade e da verdadeira fraternidade, quando então o bem e o amor reinarão sobre a Terra unindo todos os seres no ideal de servir e amar a Deus e ao próximo, como Jesus já havia nos dito.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo cap. III itens 2, 16 e, 17; caps. IV e V (Resumo da Doutrina de Sócrates e Platão); Cap. IV

17ª Aula - RETORNO DA VIDA CORPÓREA À VIDA ESPIRITUAL

Parte A - A ALMA APÓS A MORTE - SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO - PERTURBAÇÃO ESPÍRITA

Analisando do ponto de vista filosófico do Espiritismo, a morte não significa a interrupção da vida. A morte resulta da extinção das forças vitais do ser orgânico.

No momento da morte física a alma volta a ser Espírito e conserva a sua individualidade não a perde jamais, mesmo após a morte do corpo físico.

A individualidade é um atributo do Espírito, demonstrada, através do perispírito, de acordo com as inúmeras comunicações de seres desencarnados, que fornecem detalhes particulares da vida física anterior. O perispírito é o envoltório fluídico da alma, da qual não está separado nem antes, nem após a morte, podendo conservar, temporariamente, a aparência física que tinha em sua última encarnação. Cientificamente, está devidamente comprovada a sobrevivência da individualidade do Espírito após a morte física. Portanto o Espírito é imortal, conservando o seu patrimônio de experiências existenciais.

Logo, a memória dessas experiências é propriedade exclusiva do Espírito. Após o desencarne, o Espírito conserva todas as suas experiências da vida e principalmente, as aquisições morais, e nada leva com relação às conquistas materiais.

Após a criação o Espírito será imortal, entretanto, não é eterno, porque foi criado por Deus e somente Deus é eterno.

O Espírito encarnado, em sua maioria, não se lembra de que é hospede da esfera que o recebe para a sua jornada de experiências e aprendizado, para alcançar estágios mais sublimes, na sua evolução espiritual.

Depois do desencarne, o Espírito tem conhecimento, com exatidão, que o reino do bem ou o domínio do mal, residem dentro de cada um.

A consciência desse fato proporcionaria ao ser encarnado, o comprometimento em semear o bem e a luz, mais intensamente em sua jornada terrena.

SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO

A confiança e a fé na vida futura não são suficientes para excluir a apreensão da passagem da vida física para a vida espiritual. Muitos, não temem a morte, entretanto, permanecem inseguros quanto à transição de uma vida para a outra.

A extinção da vida orgânica provoca a separação da alma e do corpo, pela ruptura do laço fluídico que os une; mas essa separação jamais é brusca; o fluido

perispiritual se separa pouco a pouco de todos os órgãos, de sorte que a separação não é completa e absoluta senão quando não reste mais um único átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo.

Na transição do plano físico para o plano espiritual, existem varias sensações dos Espíritos e verifica-se que as essas condições dependem do desprendimento do perispírito, que apresentam diversas variações:

- 1) se, no momento da extinção da vida orgânica o desligamento do perispírito já estiver completado, a alma nada sentirá;
- 2) se, nesse momento, a união dos dois elementos, estiver no auge de suas forças, produzir-se-á uma espécie de ruptura ou dilaceramento;
- 3) se, a união já se apresentar enfraquecida, a separação será fácil e se dará sem abalo ou choque;
- 4) se, após a completa extinção da vida orgânica, ainda existirem muitos pontos de contatos entre o corpo físico e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo, até que as ligações sejam completamente rompidas.

A separação da alma e do corpo não é dolorosa, há maior sofrimento para o corpo durante a vida que no momento da morte. É a alma quem sofre e não o corpo físico, este serve como o instrumento da dor.

A Doutrina Espírita esclarece que a “intensidade e a duração do sofrimento estão na razão da afinidade entre o corpo físico e perispírito” e conclui que “o estado moral da alma é a causa principal que influi sobre a maior ou menor facilidade do desligamento.” (Céu e Inferno)

PERTURBAÇÃO ESPÍRITA

Conforme esclarece a Doutrina Espírita, na passagem da vida corpórea para vida espiritual, produz-se ainda, um outro fenômeno de capital importância: o da perturbação. Nesse momento a alma sente um entorpecimento que paralisa, momentaneamente, as suas faculdades e neutralizam, pelo menos em parte, as sensações. A alma fica em estado cataléptico, de sorte que quase nunca tem consciência do seu último suspiro.

O estado do Espírito no momento da morte pode se resumir assim: O Espírito sofre tanto mais quanto o desligamento do corpo seja mais lento. O tempo de desligamento esta em razão de adiantamento do Espírito. Para o Espírito desmaterializado, cuja consciência é pura, a morte é um sono de alguns instantes, isenta de todo sofrimento, e cujo despertar é cheio de suavidade.

A perturbação pode ser considerada como estado normal no instante da morte e a sua duração é indeterminada; e varia de algumas horas a alguns anos.

Na morte natural, a que resulta da extinção das forças vitais ou da doença, o desligamento se processa gradualmente. No ser humano, cuja alma esta desmaterializada, e cujos pensamentos se separaram das preocupações terrestres, o desligamento é quase completo, antes da morte real; o corpo vive ainda a vida orgânica, e a alma já entrou na vida espiritual.

A afinidade entre o corpo e o perispírito esta na razão do apego do Espírito a matéria; está no seu máximo no homem cujas preocupações todas se concentram na vida e nos gozos terrenos; ela é nula naquele cuja alma depurada, esta identificada por antecipação com a vida espiritual.

Nas mortes violentas, por suicídio, acidente, ferimentos e etc., o Espírito é surpreendido, espanta-se, não acredita que esteja morto e sustenta teimosamente que não morreu. Não obstante, vê o seu corpo, sabe que é dele, mas não compreende que esteja separado.

A perturbação que se segue a morte nada tem de penosa para o homem de bem: é calma, semelhante à que acompanha um despertar tranqüilo. Para aquele cuja consciência não esta pura é cheia de ansiedade e angústias.

BIBLIOGRAFIA

- KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos - Segunda Parte - cap. III - 149 a 165
 KARDEC, Allan - O Céu e o Inferno- Segunda Parte - cap. I- item4 a 9 e 13.

Parte B - PARÁBOLA DO MORDOMO OU ADMINISTRADOR INFIEL

Definição de parábola: As parábolas do Evangelho são narrativas alegóricas, contendo figuras e quadros das ocorrências cotidianas, entretanto, capaz de transmitir verdades indispensáveis, através de métodos comparativos para facilitar a compreensão de ensinamentos e preceitos morais.

Importância do método pedagógico: “Ainda hoje, esse método é portador de resultados eficientes. A sua vigência permite que se transfiram as informações de uma para outra geração, através das épocas, sem que percam a sua atualidade, podendo ser sempre interpretadas conforme as circunstâncias e características culturais de cada época” (J.A.)

E Jesus disse aos seus discípulos: “havia um homem rico, que tinha um administrador; e este lhe foi denunciado como esbanjador dos seus bens”.

Chamou-o e perguntou-lhe: que é isto que ouço a teu respeito?

Presta conta da tua administração, pois já não podes mais ser meu administrador.

Disse o administrador consigo mesmo: Que hei de fazer, já que o meu senhor me tira a administração? Não tenho forças para trabalhar na terra; de mendigar tenho vergonha.

Eu sei o que hei de fazer para que, quando for despedido da administração, me recebam em suas casas.

Tendo chamado cada um dos devedores do seu senhor, perguntou ao primeiro: Quanto deves ao meu patrão?

Respondeu ele: Cem cados (vasos de barro) de azeite. Disse-lhe então: Toma a tua conta, assenta-te depressa e escreve cinqüenta.

Depois perguntou a outro: E tu, quanto deves? Respondeu ele: Cem coros (medida dos hebreus) de trigo. Disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta.

E o senhor louvou o administrador infiel, por haver procedido sabiamente; porque os filhos deste mundo são mais sábios na sua própria geração do que os filhos da luz.

E eu vos recomendo: Com as riquezas da iniquidade, façam amigos; para que, quando estas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos (tenda usada pelos hebreus no deserto) eternos.

Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito.

Se, pois, não vos tomardes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?

E se não vos tornardes fiéis na aplicação do alheio, quem vos dará o que é vosso?

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e as riquezas” - Jesus (Lucas 16; 1 a 13)

Sintetizemos a parábola, interpretando os seus personagens:

O senhor ou proprietário: Deus.

O mordomo infiel: o homem.

Os devedores beneficiados: nosso próximo. Há bens dados a administração: todos os bens materiais existentes no mundo que habitamos (propriedades, fortuna, posição social, família, corpo físico, etc.).

Interpretação da parábola: A parábola fala de um administrador (mordomo) que se comportou desonestamente. Então, chamado as contas, antes que fosse despedido convocou os devedores do proprietário (o senhor) e mandou que confessassem dívidas

menores que as verdadeiras; com esse procedimento, visava captar a simpatia e boa vontade deles.

Nesta parábola, parece que Jesus incentiva a prática de atos ilícitos ou apologia a desonestidade é uma consagração à fraude. Entretanto, não é esse o objetivo do ensinamento. Sabemos que no Evangelho de Jesus não existe nada dúbio e que é necessário interpretá-lo, segundo o espírito que vivifica.

No uso e administração de qualquer desses bens, o homem procede como mordomo infiel: apropria-se deles com exclusivismo, egoisticamente, acumulam os só para si, desrespeita os direitos alheios, prejudica o próximo.

A “infidelidade” esta em se apossar do que nos é dado temporariamente, “para administrar”

“O homem sendo o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe depositou nas mãos, severas contas lhe serão pedidas do emprego que lhes dará, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau emprego consiste em utilizá-los somente para a sua satisfação pessoal.

Ao contrário, o emprego é bom sempre que dele resulta algum bem para os outros. O mérito é proporcional ao sacrifício que para tanto se impõe.” (ESE - cap. XVI, item 13)

BIBLIOGRAFIA:

Novo Testamento. (Lc 16: 1-13)

ALMEIDA, José de Souza e. - As Parábolas - cap. VII.

SCHUTEL, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus - 1º Parte.

18ª Aula - INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS

Parte A - INTERFERÊNCIA DOS ESPÍRITOS EM NOSSOS PENSAMENTOS E AÇÕES

Para o Espírita não é novidade dizer que os Espíritos vêm tudo o que fazemos, contudo, o pensamento que impulsiona nossas atitudes é que vai determinar de quem (Espírito) vamos chamar a atenção para nossa conduta.

Dependendo do que estamos fazendo e quem nos esta assistindo, a reação de nosso irmão desencarnado será diversa, por exemplo, se estamos envolvidos em dificuldades e com muitos percalços em nossa caminhada, os irmãos em menor escala evolutiva irão rir, se divertir e até auxiliar que aquela dificuldade torne-se maior. Porém, se estamos sendo assistidos por irmãos de evolução mais apurada, estes irão lamentar nossos enganos e contribuir para que sejamos esclarecidos e orientados sobre o melhor caminho a seguir. (LE, 456-458)

O meio de comunicação entre os Espíritos é o pensamento e através dele que são estabelecidos os contatos, como as ondas de rádio estabelecerão qual

a emissora que iremos sintonizar. Assim, de acordo com nossos pensamentos é que estabeleceremos contato e seremos ouvidos por aqueles que se interessam pelas nossas emissões. Portanto, nenhum pensamento, até aquele que é mais secreto, ou aquela atitude que escondemos, até de nos mesmos, não ficarão escondidos pelos Espíritos. (LE, 457)

Frequentemente somos influenciados pelos desencarnados em nossos pensamentos e ações. Muitos podem perguntar-se, mas “Por que permite Deus que os Espíritos nos incitem ao mal?” (LE, 466). Contudo, basta uma análise racional dos ensinamentos a nos oferecidos pela doutrina Espírita e responderemos com facilidade “...Nossa missão é a de te por no bom caminho, e quando mas influências agem sobre ti, és tu que as chamas, pelo desejo do mal, porque os Espíritos inferiores vêm em teu auxílio no mal, quando tens a vontade de cometer; eles não podem ajudar-te no mal, senão quando tu desejas o mal...”

Neutralização das influências negativas

Com base no estudo das questões apontadas neste capítulo, percebemos o quão importante são nossos pensamentos. Não podemos esquecer que os pensamentos vêm do íntimo de cada um de nós e o que passa em nosso interior é que devemos observar.

Contudo, não basta somente observar o que somos, o que pensamos e o que fazemos. Urge trabalharmos nosso aperfeiçoamento individual para que sejamos portadores de luzes e não de sombras, assim entendemos melhor o enunciado “... diga com quem tu andas e eu direi quem tu és”, pois chamamos pelo nosso pensamento aqueles que se comprazem com eles.

Se o homem procura melhorar-se, trabalhando a sua renovação moral, auxiliando no trabalho de caridade com o próximo, ele ira irradiando pensamentos direcionados ao bem e assim aqueles que lhes assemelham irão ter com ele. Contudo, se o pensamento estiver impregnado de vícios e imperfeições, a sua companhia será dos que comungam das mesmas idéias.

Distinção dos próprios pensamentos

“Portanto nós também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia...” Hebreus, 12:1

Se os nossos irmãos em evolução participam de nossos pensamentos, muitas vezes nos questionamos se este ou aquele pensamento é nosso? Para isto, os Espíritos nos deram a orientação de que o primeiro impulso (idéia) são, em geral, nossos pensamentos e

os que nos geram duvidas são os sugeridos pelos Espíritos. (LE 461)

Devemos levar, contudo, em consideração a evolução moral do indivíduo. Se for um homem de inteligência e a utiliza para bem servir, nisto tendo uma missão, com certeza será auxiliado pelos benfeitores espirituais. Contudo, se aquele Espírito encarnado tem boas inclinações, contudo, no primeiro impulso tem uma idéia infeliz, provavelmente, são ainda suas más tendências que afloram em seu ser.

“E assim que Deus deixa a nossa consciência a escolha da rota que devemos seguir, e a liberdade de ceder a uma ou a outra das influências contrárias que se exercem sobre nós”. (LE, 466)

BIBLIOGRAFIA

- KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 2º, cap. VIII, questões 419 a 421; cap. IX, questões 456 a 472; Livro 3º, cap. II, questão 662;
 KARDEC, Allan - A Gênese - cap. XIV (Os Fluidos), Ação dos Espíritos sobre os Fluidos- Criações Fluídicas, itens 13 a 15;
 KARDEC, Allan - Obras Póstumas - parágrafo II (A Alma), item 4;
 KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. II (Comunicações com o Mundo Invisível);

Parte B - PAGAR O MAL COM O BEM

“Se não amardes senão aqueles que vos ama, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida amam também aqueles que as amam? E se não fazeis o bem sendo aqueles que vo-lo fazem, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida fazem a mesma coisa.”

Jesus nos indaga qual o diferencial do nosso trato na sociedade, com aqueles com quem nos convivemos e temos afinidades e gostos comuns, em relação aos que optam por caminhos e pensamentos de vida diferentemente ao nosso.

Tratar bem aqueles que nos são queridos parece fácil, e quanto aos demais?

Jesus prossegue em questionar os que estão a sua volta e sorvem-lhe os ensinamentos: “Se vos emprestais senão aqueles de quem esperais receber o mesmo favor, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida se emprestam mutuamente para receber a mesma vantagem?”

Em seguida acrescenta dando destaque a: “mas, por vós, amai os vossos inimigos, fazei o bem a todos, e emprestai sem disso nada esperar, e então vossa recompensa será muito grande, e sereis filho do Altíssimo, que é bom para com os ingratos e para com os maus”.

A seguir pede que sejamos todos cheios de misericórdia, como nosso Deus o é. (São Lucas, cap. VI, v. 32 a 36)

Assim é que do ensinamento extrai-se que o comum, daqueles a quem Jesus chama de pessoas de má vida é fazerem o bem entre si, entre os seus iguais.

Ao desviar o olhar na vida de relação para aquele que se tem como diferente é que se deve aplicar, não só na medida da força moral, mas crescer-se da medida do amor maior; daquele amor humano inspirado e dilatado pelo amor do Pai, que é todo cheio de misericórdia.

Jesus nos diz que devemos agir assim, até porque o benefício maior é para com aquele de quem o sentimento é emanado.

Quando inspirados no amor maior, a atitude de acolhimento, perdão das ofensas, a sublimação do eu, flui naturalmente do ser.

Para aquele que é incrédulo, que tem visão limitada na vida presente, não há porque ser gentil ou mesmo delicado no trato social.

Provavelmente há de se perguntar “o que eu ganho fazendo isso?”.

Para aquele outro, cuja fé, pode até ser tímida, mas que crê em Deus e no amor de Deus por seus filhos, mais particularmente ao que professa a Doutrina Espírita, a esses, se tímidos, se fortalecerão cada dia mais, a estes últimos, oportunidades valiosas de acri-solar virtudes no cadinho da vida.

Pois, aquele que é tido hoje como um inimigo; como um ingrato, talvez maledicente, nos chega à convivência na ânsia íntima de ser acolhido e de colher, por sua vez, algum aprendizado através do nosso bom exemplo.

No Novo Testamento, Evangelho de Mateus, cap. V vers. de 38 a 40, Jesus nos fala em pagar o mal com o bem, sem deixar nenhuma dúvida, senão veja-se: “ouviste o que foi dito, olho por olho, dente por dente, eu, porém vos digo que não resistais ao mal; mas, se, porém alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo, e tirar-lhe a túnica, larga-lhe também a capa; e se qualquer te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas.”

Claro está que o chamamento aos que crêem no amor e na justiça divina é inquestionável. vê-se que é para, invés de retribuir a agressão sofrida, oferecer a mansidão; pois resistir ao mal é fazer força contra, é entrar no jogo do agressor. Na seqüência, a generosidade de sentimentos e ainda mais, dar de nós além do que nos é pedido. Isto é fazer o diferente, é não sermos aqueles a quem o Mestre denominou “os de má vida”.

A face da mansidão, do entendimento, da fraternidade, entendendo que o outro ainda não possui o co-

nhecimento das Leis de Amor. Pela mansidão o homem conquista amizades na Terra e bem-aventuranças no céu.

Os mansos e os humildes de coração possuirão a Terra porque se elevam na hierarquia espiritual. É em Jesus que devemos buscar as lições de mansidão que tanto carecemos nas lutas da vida (SCHUTEL, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus).

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XII, itens 1a 4, Cap. V item 19.

SCHUTEL, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus - Mansidão e Irritabilidade.

19ª Aula - OS PODERES OCULTOS E O HOMEM

Parte A - OS PACTOS - O PODER OCULTO - TALISMÃS E FEITICEIROS - BENÇÃOS E MALDIÇÕES

Diversas vezes tentamos buscar em pessoas, que acreditamos poderiam nos ajudar, de forma rápida e imediata a resolução de nossos problemas. Será que o homem tem o poder de decidir sobre a vida de seu semelhante, ou quantas vezes, como pais, nos intitulamos “donos da verdade” e interferimos nas provas de nossos filhos? Pessoas que nem imaginamos, tentam atralhar e nos afastar de objetivos nobres, é o orgulho que ainda impera nos corações dos homens, de fato não podemos esquecer “a sementeira é livre e a colheita é obrigatória”.

Os Pactos (LE, 549 a 550)

O que são pactos? Encontramos uma definição como sendo a que mais se adapta as questões que iremos tratar acerca deste assunto: “Aliança, no sentido de acordo, é um pacto entre duas ou mais partes objetivando a realização de fins comuns”

Neste intercâmbio com o plano espiritual, é muito comum encontrarmos pessoas que se questionam se há algo de verdadeiro nos pactos com os maus Espíritos. E a resposta que os Espíritos nos trazem é bem clara: “Não, não há pactos, mas uma natureza má simpatizando com Espíritos maus”, também por curiosidades desvirtuamos do caminho do bem. Sabemos que o mundo que vivemos ainda esta repleto de doutrinas religiosas que são repletas de rituais e promessas, que funcionam mais ou menos assim: você me consegue este privilégio, eu retribuo os Espíritos através de pagamentos, agradecimentos... O que não podemos nos esquecer é que em qualquer ato de nossas vidas há um pensamento que o motivou e este pensamento, esta intenção, será observado de acordo com o padrão vibratório.

Portanto, se queremos prejudicar o nosso semelhante, só no pensamento já estaremos nos ligando aqueles que comungam da mesma faixa vibratória que nós e aí esta o sentido alegórico atribuído a palavra pacto. “Aquele que deseja cometer uma ação má, pelo simples fato de o querer chama em seu auxílio os maus Espíritos, ficando obrigado a servi-los como eles o auxiliam, pois eles também necessitam dele para o mal que desejam fazer...” (LE, 549)

O Poder oculto e Talismãs (LE, q. 551 a 556)

Segundo o Livro dos Espíritos, define o Poder Oculto: “como um poder magnético muito grande que algumas pessoas possuem do qual podem fazer mau uso se o próprio Espírito for mau e, nesse caso poderão ser influenciados por Espíritos imperfeitos. “Mas não acrediteis nesse pretensão poder mágico que só existe na imaginação da pessoas supersticiosas e ignorantes das verdadeiras leis da natureza”.

Do francês talisman e este do persa telemât e este do grego ζέλεσμα (rito religioso).

Substantivo: Amuleto: Objeto ao qual se atribuem poderes mágicos.

Quando analisamos a história da humanidade, percebemos que os objetos aos quais eram atribuídos poderes mágicos de proteção, sorte e outros, surgiram provavelmente nas primeiras tribos, onde os homens daquela sociedade já tinham os chamados “feiticeiros”, que por diversas “orientações” que recebiam do plano maior (não podemos esquecer que a mediunidade sempre existiu, pois é inerente ao Espírito), se juntava à necessidade de uma representação material que pudesse auxiliá-los na concepção de fé, de crença em um poder superior. A época exata de como isto ocorreu e seu ponto inicial, os historiadores não tem como identificar, contudo, percebe-se no desenrolar do desenvolvimento de entendimento intelectual do homem, a aquisição destes símbolos, que representavam sorte ou azar, na cultura de determinado povo, sendo esta disseminada para outras regiões. Por exemplo: Na China, espalhar moedas no chão e arroz atrai dinheiro e fortunas. Na Europa ocidental, acreditavam que o alho matinha as pessoas livres de vampiros Para os Celtas, o trevo de quatro folhas simboliza boa sorte.

O que nos importa entender que estes símbolos nada produzem realmente em nossas vidas, pois “...Todas as fórmulas são charlatanices; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum signo cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.” (LE, 552), percebemos também que aquele que confia naquele poder, ou melhor dizendo “virtude de um talismã”, pode por essa

mesma confiança atrair um Espírito, pois eles o são por uma direção de pensamento a determinado objetivo, mas aí vemos “a natureza do Espírito atraído depende da natureza da intenção e da elevação dos sentimentos... isso indica estreiteza e fraqueza de idéias, que dão azo aos Espíritos imperfeitos e zombadores” (LE, 554)

Feiticeiros

Os feiticeiros são definidos como praticantes ou líderes da celebração de rituais, orações ou cultos, para conseguir determinados fins. Contudo, entendemos com maior profundidade, pois os Espíritos superiores nos esclarecem que “Esses a que chamais feiticeiros são pessoas quando de boa-fé, que possuem certas faculdades como o poder magnético ou a dupla vista (LE 555) Existem, também, pessoas que com este poder magnético muito grande, podem fazer mau uso, sendo aí secundadas por maus Espíritos, entretanto, existem aqueles que associados a este poder magnético de grande vulto, unem a pureza de sentimentos e um desejo ardente de fazer o bem e podem curar uma pessoa pelo simples toque.

Benção e Maldição

Murtas vezes nos perguntamos se a maldição, ou “praga” como popularmente é conhecido por nós, pode atingir-nos. Será?! Antes de qualquer coisa devemos lembrar que aquele de amaldiçoa o seu semelhante, já demonstra um sinal de inferioridade moral, além do mais a maldição ou a benção não podem jamais desviar o nosso senso de Justiça Divina, senão estaríamos indo contra um dos atributos de nosso Pai Criador (LE 13) Contudo, não podemos esquecer a pergunta: “Qual nosso mundo íntimo?”, pois sabemos que é este que irá determinar com quais sintonias estaremos ligados e qualquer tipo de influência de pensamentos emitidos e magnetismo em nossa direção só serão captados se estivermos ao seu alcance e se esta prova estiver dentro de nossa programação de provas a serem vivenciadas. É imprescindível lembrar que tudo é uma questão de fé

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - o Livro dos Espíritos, 549 a 557
KARDEC, Allan - A Gênese cap. XVII itens 22 a 24;

Parte B - CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA

O capítulo XXI do ESE tem como título “Falsos Cristos e Falsos Profetas” e antes de iniciarmos uma reflexão sobre o tema vamos conceituar a palavra Profeta [do grego prophétes, pelo latim propheta] 1. Adivinho. 2. Aquele que prevê ou faz conjecturas sobre o futuro. 3. Título dado pelos muçulmanos a Maomé. 4. O que

revela a vontade de Deus. 5. Designação imprópria para médium.

Todo aquele que é enviado de Deus e vem ao mundo com a missão de instruir a humanidade naquele momento, podem revelar coisas ocultas, mistérios da vida espiritual e também pode ser um profeta sem necessariamente fazer predições, ou seja, sem fazer previsões de acontecimentos futuros. Contudo, desde o surgimento de Jesus é que os homens devem atentar para seu ensinamento “Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo esta aqui, ou ali, não lhe deis crédito; Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.” (Mateus, XXIV:23-24)

A doutrina Espírita, incentivando a fé raciocinada, mostra o melhor caminho para identificar o verdadeiro profeta, ou seja, aquele que realmente é um enviado de Deus, estando aqui cumprindo uma missão de progresso da humanidade e ensinamento de leis morais que o Cristo deixou exemplificado para todos nos há mais de 2000 anos. Quando observamos os homens, verificamos os diferentes níveis de evolução de cada individualidade. Muitos, ainda pouco conhecedores da “fé raciocinada”, não percebem que ambiciosos e farsantes utilizam-se da palavra bem articulada, para imbuir conceitos nada “cristãos” em seus ensinamentos. Levando ao desengano de muitos que se deixam levar pela “fé sem bases solidas”.

Uma verdade que Jesus nos deixou é que “... não é boa a árvore que dá maus frutos, nem má a que dá bons frutos...” (Lucas, VI:43). Nessa passagem frutos significa obras, ou seja, nos coloca a verdadeira maneira de reconhecer um profeta na Terra. Portanto, se ele for reconhecido por suas obras edificantes, conseqüentemente será considerado um enviado de Deus.

Nosso maior exemplo é o Cristo, Ele veio sem pompas e honrarias, veio na humildade da vida comum do homem daquela época. Auxiliou a todos os que encontraram em seu caminho, curou doentes, orientou a todos e mesmo na hora da maior etapa de sua passagem aqui na terra, deixou que a vontade do Pai fosse cumprida, ali deixando seus ensinamentos através de seu exemplo de amor, humildade e caridade.

Muitos já presenciamos, em nosso momento atual e em momentos vários de evolução do homem nos tempos, dizendo: - “Eis-me aqui sou o Cristo”, ou “Sou o Seu enviado”, e se alguém que estiver em nosso caminho e comportar-se desta maneira, QUESTIONE, pois não possui a primeira característica que reconhecemos em um verdadeiro profeta, a humildade e se observarmos atentamente, quando em

suas atitudes demonstra orgulho e vaidade, que são sentimentos antagônicos a humildade, este já não demonstra superioridade moral, pois não possui as virtudes necessárias e portanto, não há resultados e influência moralizadora de suas obras, pois não as têm.

Outra característica importante a observar é que a maioria dos verdadeiros missionários de Deus, ignoram que o sejam. Realizam a tarefa para a qual foram designados, graças a suas virtudes engrandecidas em sua alma, seguindo sua caminhada com a intenção da verdadeira caridade e amor ao semelhante, muitos passam até despercebidos dos olhos de alguns, pois, para eles o que interessa é cumprir o dever que lhes compete, um dever que o seu coração aponta e que segue sem pestanejar, com fé no Pai Criador e com o sentimento verdadeiro do amor, como o Cristo nos ensinou: “Que vos amei uns aos outros; como eu vos amei a vós...” (João, XIII 3:4)

Exploradores da credulidade existem e existirão enquanto nosso planeta estiver em fase de renovação, portanto, cabe a nós, que estamos entendendo melhor os ensinamentos de Jesus, vigiarmos e auxiliarmos aqueles que compartilham conosco a jornada, a enxergar a verdade que esta ainda por baixo do véu para muitos. Nós que estamos abraçando a verdade que esclarece, auxilia, alivia as dores esta verdade baseada no entendimento verdadeiro dos ensinamentos de Jesus, deve ser revelada para que aqueles que ainda não têm uma fé raciocinada despertem para a realidade dos novos tempos.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XXI, item 9, A

20ª Aula - AFEIÇÕES DOS ESPÍRITOS

Parte A - AFEIÇÕES POR CERTAS PESSOAS - ANJOS DA GUARDA – ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU PRESENTIMENTOS

AFEIÇÕES POR CERTAS PESSOAS

Os bons Espíritos se afeiçoam com os homens de bem ou com aqueles das quais percebiam vontade de progredir

Porém nem sempre as afeições dos Espíritos tem um cunho exclusivamente moral pode existir caso de uma lembrança de paixões humanas.

Os Espíritos desencarnados se afeiçoam aqueles Espíritos encarnados que estejam na sua sintoma (semelhança de sensações) os bons se simpatizam com os homens de bem ou suscetíveis ao progresso e os imperfeitos (inferiores) se ligam a homens viciosos ou com tendências ao vício.

Os bons Espíritos se comprazem com o equilíbrio o bom senso e a evolução dos homens e ficam tristes quando os vem segundo outros caminhos mais infortunísticas, já os Espíritos imperfeitos (inferiores) se comprazem com as aflições e desvios dos homens, se irritando quando estes buscam um caminho mais promissor.

Os bons Espíritos, sabendo que a vida corporal é apenas transitória, afligem-se mais com mal moral, porque o homem esta muito mais suscetível as coisas materiais, deixando se levar muito fácil pelas paixões terrenas, através do seu orgulho e egoísmo. Os Espíritos imperfeitos sempre incitam os homens ao desespero, para que eles se comprometam cada vez mais, enquanto os Espíritos bons tentam reerguer o homem dando-lhes coragem.

Os parentes e amigos que retomam antes ao plano espiritual sempre protegem os seus que permanecem no plano terrestre, de acordo com o seu poder. Porém são sensíveis a afeição daqueles que não os esqueceram. Frequentemente protegem como Espíritos em conformidade com o seu poder.

ANJOS DA GUARDA ESPÍRITOS PROTETORES FAMILIARES OU SIMPÁTICOS

Em varias ocasiões imaginamos o anjo da guarda com asas enormes, entretanto essa ilusão se toma insignificante diante da elevação do Espírito designado a proteger cada criatura. Pode-se chamar irmão espiritual, bom Espírito ou bom gênio.

O irmão espiritual é um bom Espírito que se liga ao homem para o proteger.

Anjo da guarda é um Espírito protetor de uma ordem elevada, que tem como missão acompanhar e induzir o homem a seguir o bom caminho, através de bons conselhos e encorajamento nas provas da vida.

O Espírito protetor acompanha o homem desde o nascimento até a morte e frequentemente continua acompanhando no plano espiritual e em outras encarnações, pois ele aceitou essa tarefa, podendo escolher seres que lhe são simpáticos, sendo que para uns é um prazer e para outros uma missão ou um dever.

O Espírito protetor pode proteger outros homens, porém de uma forma genérica.

Alguns Espíritos protetores necessitam deixar seu “protegido” para cumprir outras missões, nesses casos é substituído automaticamente por outro.

A missão do Espírito protetor ou anjo da guarda é de ajudar o seu protegido, estando em todos os momentos ao seu lado, torcendo pela sua vitória, intuindo para sua evolução, dando-lhes bons conselhos, e se sente decepcionado quando o vê seguir caminhos

não muito edificantes, porém ele nunca o abandona ou lhe faz mal, muito pelo contrário, permanece próximo, para entrar em ação assim que for solicitado ou que tiver oportunidade de fazer contato.

Muitas vezes o protegido resolve seguir um caminho indicado pelos Espíritos imperfeitos, pelas suas falhas morais, nesses casos o Espírito protetor permanece a distancia, não intervém diretamente, pois respeita o livre-arbítrio do protegido que com certeza irá tirar um aprendizado daquela situação, deixando a cargo do mesmo que se sintonize a ele (protetor), solicitando ajuda.

O Espírito protetor exerce a sua função de maneira oculta, para que o protegido evolua através de seus próprios méritos, pois mesmo o Espírito protetor o auxiliando com bons conselhos, ele respeita o livre-arbítrio do protegido que necessita querer apreender para progredir.

O Espírito protetor sente-se coroadado de felicidade quando vê êxito na sua missão, e lamenta quando o protegido não consegue resistir às tentações, mas, no entanto não desiste, porque sempre há tempo de se escrever o amanhã.

Os Espíritos protetores adotarão o nome que o protegido quiser dar-lhe, pois irá lhe inspirar confiança, porque para eles todos são irmãos e com o consentimento daquele irmão que esta sendo chamado, atenderá o protegido.

No plano espiritual frequentemente o Espírito reconhece seu protetor, pois já o conhece de outras encarnações.

Familiares podem proteger seus entes queridos, porém devem apresentar um grau de elevação, um poder e uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai que protege seu filho pode ser assistido por um Espírito mais elevado.

O homem recebe o seu Espírito protetor de acordo com o seu grau de adiantamento e assim sucessivamente. Deus não pede ao Espírito mais do que aquilo que comporte a sua natureza e o grau a que tenha atingido.

Quando o Espírito de um familiar protetor reencarna, pode vir com a missão de proteger aquele outro Espírito, mas sempre haverá um Espírito protetor para ampará-lo.

Os Espíritos imperfeitos se ligam ao homem pela sua invigilância e sintonia, trazendo-lhes duvidas entre o bem o mal, mas isso acontece pelo homem e não porque a previdência divina o incumbiu.

Os Espíritos simpáticos são atraídos pelo homem pela sua afinidade, porém permanecem por um período

temporário e com a permissão do Espírito protetor, bem como, os Espíritos familiares.

Os ditos bom ou mau gênios, frequentemente não encarnam para acompanhar um homem mais diretamente, costumam enviar Espíritos que lhe sejam simpáticos para essa missão.

Os Espíritos protetores podem se ligar aos membros de uma família, que vivem juntos e são unidos por afeição, não se levando em conta o orgulho pela raça. Os Espíritos, preferencialmente, freqüentam lugares onde tem indivíduos semelhantes, para se sentirem mais a vontade e mais seguros para serem ouvidos. O homem ira atrair aquele que mais se afinize naquele momento, tanto bons como maus, tudo depende do seu aperfeiçoamento moral. Isso sendo valido tanto para o indivíduo como para uma coletividade.

Toda aglomeração de indivíduos, formando uma sociedade, tem um Espírito Superior, que direciona os demais para um objetivo comum, dependendo do grau de adiantamento daquele povo.

Quando um indivíduo tem dom para artes, invocam Espíritos protetores especiais para os auxiliar, e são atendidos quando são dignos e realmente tem o dom.

“Cada homem tendo os seus Espíritos simpáticos, disso resulta que em todas as coletividades a generalidade dos Espíritos simpáticos estão em relação com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são para elas atraídos pela identidade de gostos e de pensamentos; em uma palavra, que essas aglomerações, tão bem como os indivíduos, são mais ou menos bem envolvidas, assistidas e influenciadas, Segundo a natureza dos pensamentos da multidão.”

Das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos pode-se deduzir que o Espírito protetor ou Anjo da guarda têm como missão seguir o homem na vida e auxiliá-lo em todos os momentos.

Quando o Espírito toma-se capaz de guiar-se por si só, não necessita mais do Espírito protetor, mas para que isso aconteça terá que estar em planos mais elevados.

PRESENTIMENTOS

O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos deseja o bem.

O Espírito ao encarnar tem conhecimento do gênero de provas que irá se ligar, quando estas são marcantes, ele conserva em seu foro íntimo uma impressão, que se afluera no momento adequado na forma de pressentimento ou intuição.

Quando não temos certeza acerca do pressentimento, devemos rogar para que Deus permita que seu Espírito protetor seja mais explicito na mensagem.

O Espírito protetor procura nos auxiliar em nossa conduta seja moral ou vida privada, porém muitas vezes não ouvimos a voz da nossa consciência, mesmo assim eles nos enviam sugestões através das pessoas que nos cercam, e em muitas vezes continuamos rumando pelo caminho mais penoso, tendo dissabores, mas pela nossa invigilância, pois o nosso Espírito protetor tentou nos alertar de todas as formas.

Exemplo simples: Seguimos um caminho e começamos a sentir algo estranho (pressentimento) para não irmos por ali, mas nos persistimos, mais adiante encontramos uma pessoa que nos comunica que tem alguns elementos suspeitos à frente que podem nos assaltar. Você decide pelo seu livre-arbítrio.

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, (Resumo da Doutrina dos Espíritos), parágrafo 11; Livro 2º, cap. IX, questões 484 a 524;

KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. II (Comunicações com o Mundo Invisível), itens 44, 63 e 84; pergunta 138

KARDEC, Allan - A Gênese, cap. XIV (Os Fluidos), item 15, 3º parágrafo.

KARDEC, Allan - Obras Póstumas - item 47, 2º parágrafo.

Parte B - PRECES INTELIGÍVEIS - MODO DE ORAR

PRECES INTELIGÍVEIS

“... Se eu orar numa língua estrangeira, verdade é que o meu Espírito ora, mas o meu entendimento fica sem fruto...” (Paulo, I Cor., XIV: 11,14,16-17)

Como pode se observar a prece só tem valor quando o pensamento está associado ao desejo íntimo, porque caso contrário esta sendo feita sem propósito, apenas de uma forma mecânica, não atingindo o seu objetivo.

A prece realizada em uma língua desconhecida não pode atingir o alvo, pois a sua interpretação estará dissociada do pensamento, ou seja, a prece poderá estar sendo destinada a algo que diverge do pensamento.

Para que a prece realmente toque o coração é necessário que ela esteja sendo sentida e desejada, formando assim uma idéia, caso contrário estará sendo em vão.

“...Deus lê o íntimo dos corações; perscruta o nosso pensamento e a nossa sinceridade; e considerá-lo mais sensível a forma do que ao fundo seria rebaixá-lo.”

MODO DE ORAR

Pelo divino circuito da prece, a criatura pede o amparo do Criador e o Criador responde a criatura pelo princípio da reflexão espiritual, estendendo-lhe os Braços Eternos, a fim de que ela se erga dos vales da vida fragmentada para os cimos da vida vitoriosa.

Três podem se os objetivos da prece:

LOUVAR - consiste em exaltar os atributos de Deus, não evidentemente, com o propósito de ser-Lhe agradável, visto que Deus é inacessível a lisonja. Devemos traduzir um sentimento espontâneo e puro de admiração por Aquele que, em todas as suas manifestações, se revela detentor da perfeição absoluta, nosso apoio maior, nossa inspiração mais sublime, nossa esperança mais autêntica.

O Senhor conhece-nos melhor do que nos mesmos e nos oferece experiências compatíveis com nossa capacidade de suportá-las, cobrando-nos em suaves prestações débitos que nos esmagariam se fossemos convocados a resgatá-los numa só parcela.

PEDIR - é o segundo propósito da oração, algo perfeitamente admissível, um direito de todo filho que se dirige a seu pai.

As petições visam algo que se deseje obter, em benefício próprio ou de outrem. Que se pode pedir? Tudo desde que não contrarie a Lei de Amor. Exemplos: perdão pelas faltas cometidas, forças para resistir às tentações, proteção contra os inimigos, saúde para os enfermos, luz para os Espíritos conturbados e paz para os sofredores (encarnados ou desencarnados), amparo para um perigo iminente, coragem para vencer os percalços da vida, paciência e resignação nos momentos aflitivos e dolorosos, inspiração sobre como resolver uma situação difícil seja de ordem material ou moral, etc.

Existem aqueles que dizem que Deus tudo vê, então por que pedir?

Quem raciocina assim desconhece que a oração não objetiva trazer Deus até nos, mas de elevar-nos até Ele. há quem reclame que suas preces não são ouvidas. É que pedimos o que queremos; Deus nos dá o que precisamos, e raramente compatibilizamos desejos e necessidades.

Se pretendermos que o Senhor nos libere de sofrimentos e dificuldades retificadoras, fatalmente colheremos decepções.

O ideal, portanto não é pedir que Deus nos favoreça para as realizações da Terra, mas que nos fortaleça para as realizações do Céu, inspirando-nos o comportamento mais adequado, a atitude mais digna o esforço mais nobre.

AGRADECER - Deus coloca a nossa disposição diariamente, riquezas inestimáveis. A oportunidade de servir, a disciplina do trabalho, o conforto do lar, as possibilidades da inteligência, são algumas das infinitas bênçãos que devemos agradecer ao Criador.

A prece torna o homem melhor, porém não redime as faltas cometidas; aquele que pede a Deus perdão pelos seus erros, só o obtém mudando sua conduta na prática do bem. A prece não pode mudar a natureza das provas pelas quais o homem tem que passar,

porém nunca é inútil quando bem feita, porque da força, o que já é um grande resultado (LE, 663).

A prece pelos desencarnados não muda os desígnios de Deus a seu respeito; mas o Espírito experimenta alívio e conforto ao receber o influxo amoroso da prece.

Pode-se orar também aos bons Espíritos, porque são eles os mensageiros de Deus e executores de Sua vontade.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXVII, itens 16, 17 e 22.

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXVIII (Coletânea de Preces Espíritas), itens 11 a 13.

21ª Aula - OS ACONTECIMENTOS DA VIDA

PARTE A - INFLUÊNCIA NOS ESPÍRITOS NOS ACONTECIMENTOS DA VIDA - TORMENTOS VOLUNTÁRIOS - A VERDADEIRA DESGRAÇA

Os acontecimentos da vida podem ser influenciados por Espíritos que estão em sintonia com os encarnados e que através do pensamento são capazes de sugerir diversas opiniões. Essas influências, entretanto não alteram o seu livre arbítrio nem interferem sobre as leis da natureza. Portanto não se deve atribuir aos Espíritos a responsabilidade pelos seus atos, cabendo aos mesmos as conseqüências e responsabilidades pela sua realização.

Os atos praticados com a cooperação dos Espíritos parecem absolutamente naturais uma vez que sua intervenção é oculta. Assim, ao encontrar alguém ao acaso, pode ter sido por influência dos Espíritos que inspiram a passar por determinado local.

Os Espíritos também podem agir sobre a matéria, desde que não interfiram nas leis da natureza. Se um homem sobe por uma escada e ela se quebra, isso ocorre pelo fato da escada ser velha e estar fraca. A influência dos Espíritos nesse caso pode se dar inspirando ao homem a idéia de subir nessa escada. Se um raio atinge uma árvore e fere o homem que nela se abriga, da mesma forma a ação dos Espíritos é inspirar o homem para procurar o abrigo no local onde o raio irá cair. E se o homem não der atenção aos Espíritos e for se abrigar em outro local, o raio cairá sobre a mesma árvore, sem atingir o homem então. Espíritos não provocam a queda do raio, nem alteram a matéria para que a escada se quebre, como no caso anterior. Sua ação é apenas sugerir ao homem que tome esta ou aquela ação, que siga por um ou outro caminho. Os Espíritos agem sobre a matéria para que as leis da natureza se cumpram, caso contrário, estariam derrogando as leis.

Os acontecimentos da vida são orientados pela Espiritualidade. Se alguns Espíritos desejam alterar esse planejamento, devemos lembrar que é a vontade Divina que prevalece. Os Espíritos levianos e zombeteiros podem nos criar pequenos embaraços, que são permitidos para exercitar a nossa paciência. Eles podem agir por antipatias pessoais dessa ou de outra existência, ou unicamente por malícia, sem nenhum motivo especial. Se mantivermos elevada a moral e não nos deixarmos abater pelas contrariedades, esses Espíritos se cansam e se afastam.

Quando nossos inimigos desencarnam podem ou não reconhecer o mal que nos fizeram na Terra e, arrependidos, param de nos perseguir. Outras vezes, se tomam nossos obsessores e continuam a nos perseguir, o que a Providência Divina permite para nos provar. A oração é a ferramenta eficaz para acabar com essa influência danosa. Orar pelos nossos inimigos, retribuir o mal com o bem, fará com que eles compreendam os seus erros e suas artimanhas cessarão, pois compreenderão que nada ganham com isso.

Antes de condenarmos os Espíritos pelos nossos infortúnios, devemos acreditar que são as nossas transgressões as Leis Divinas, a verdadeira causa dos nossos aborrecimentos.

Alguns Espíritos podem interceder em nosso favor para nos proteger, mas há males que estão nos desígnios da Providência. Nesse caso, eles podem amenizar nossas dores e nos inspirar paciência e resignação para superarmos as contrariedades e evoluirmos. Eles nos sugerem pensamentos positivos, pois depende de nós mesmos afastar ou atenuar as vicissitudes da vida. Lamentar-se e fugir dos problemas nada resolve. Devemos sim, com paciência e resignação, enfrentá-los e superá-los, pois frequentemente do mal que nos aflige surgirá um bem muito maior é esse o sentido das palavras: “Buscais e achareis, batei e se vos abrirá”.

A penúria muitas vezes nos causa o desespero e solicitamos riquezas materiais aos Espíritos elevados que frequentemente ignoram esse apelo. Entretanto, se for para nossa provação, eles podem nos ajudar, assim como os maus Espíritos que querem nos conduzir ao mal, pois a riqueza é o meio mais fácil de nos perder através dos prazeres que o dinheiro pode proporcionar.

Para mudarmos o rumo de nossa vida, é preciso muito mais que trabalho. Podemos nos deparar com obstáculos intransponíveis e que, apesar de todos os nossos esforços não encontraremos meios de superá-los. Essas dificuldades até podem ser provocadas pela ação dos Espíritos, mas na maioria das vezes ocorrem por causa da nossa presunção. As barreiras que en-

contramos mostram apenas que escolhemos mal a elaboração e execução de um projeto. Está, portanto, em nós mesmos a causa dos nossos sofrimentos. É preciso determinação para nos modificarmos. O orgulho dificulta a mudança dos objetivos grandiosos que escolhemos. Não conseguimos perceber que através de pequenas ações podemos alcançar a felicidade. Somente quando, através do entendimento da justiça Divina e da humildade, abrir nossa mente e coração, conseguiremos encontrar novos propósitos para o nosso crescimento.

Os bons acontecimentos da vida devem ser comemorados sempre, porque representam a conquista dos nossos objetivos e a superação de dificuldades. Devemos então agradecer a Deus, pois sem a Sua permissão nada se faz e aos bons Espíritos, que são seus agentes. Os homens que se esquecem de agradecer a espiritualidade pelas suas conquistas, vêem apenas o resultado material delas. Muitos há que assim procedem e para os quais parece que o destino sempre sorri. E preciso lembrarmos da transitoriedade da nossa existência física. Essa felicidade é passageira e muito será cobrado a quem muito foi dado. Esses terão mais contas a prestar quando desencarnarem. Aos Espíritos, portanto, muito será pedido, porque muito receberam através da doutrina, mas também aos que souberem aproveitar os ensinamentos, muito lhes será dado.

TORMENTOS VOLUNTÁRIOS

O homem esta incessantemente a procura da felicidade, que lhe escapa a todo instante. Qual seria a razão de não encontrar na Terra a tão almejada “felicidade”?

Por buscar nas coisas terrenas, que são ilusórias e perecíveis, em vez de procurá-la nos gozos da alma. E gratificante encontramos a paz espiritual e mantermos a consciência tranqüila. O curioso de tudo isso, é que são criados pelo próprio homem, os tormentos que somente a ele cabe evitar. Haverá maiores tormentos que os causados pela inveja e pelo ciúme?

Para o invejoso e o ciumento não existe descanso, pois a inveja e o ciúme o impedem de ter a verdadeira vida. Com certeza encontrariam a felicidade, tão desejada, se abandonassem tais viciações. (ESE, cap. V item 23).

VERDADEIRA DESGRAÇA

Todos falam da desgraça, todos a experimentaram e julgam conhecer o seu caráter múltiplo. Segundo o E.S.E. quase todos se enganam, pois, a verdadeira desgraça não é, de maneira alguma, aquilo que os homens, ou seja, os desgraçados supõem. Acreditam que a miséria se encontra no credor impaciente, no berço vazio, na angústia da traição, e na privação do orgulhoso que deseja vestir-se ricamente. E realmen-

te desgraça para aqueles que não enxergam além do presente. A verdadeira desgraça esta mais nas conseqüências do passado, as quais devem ser reparadas em conformidade com as Leis Divinas “Que o Espiritismo vos esclareça, portanto, e restabeleça a verdadeira luz da verdade e o erro tão estranhamente desfigurados pela vossa cegueira.” (ESE, cap. V item 24)

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Livro 2º, cap. IX, 525 a 535-b;

KARDEC, Allan - O Livro dos Médiuns - cap. XXVI, parágrafos 1º ao 13º;

EMMANUEL, Francisco Cândido Xavier- Fonte Viva - capítulos 76 e 149.

Parte B - O PODER DA FÉ

“E, depois que veio para onde estava a gente, chegou a ele um homem que, posto de joelhos, lhe dizia: Senhor tem compaixão de meu filho que é lunático e padece muito; porque muitas vezes cai no fogo, e muitas na água. E tendo-o apresentado a teus discípulos, e eles não o puderam curar. E respondendo Jesus disse: O geração incrédula e perversa, até quando hei de estar convosco, até quando vos hei de sofrer? Trazeis-mo cá. E Jesus o abençoou, e saiu dele o demônio, e desde àquela hora ficou o moco curado. Então se chegaram os discípulos a Jesus em particular, e lhe disseram: Por que não pudemos nos lançá-lo fora? Jesus lhes disse : Por causa da vossa pouca fé. Porque, na verdade, vos digo: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele há de passar: e nada vos será impossível.” (Mateus, XVII: 14-19).

Fé é confiar nas próprias forças. E acreditar, saber, ter esperança que podemos conseguir. E impossível imaginar o progresso humano sem a fé, pois quando confiamos nas nossas forças somos capazes de feitos que até duvidamos ser capazes de conseguir. Esse poder pode ser chamado de “vontade inquebrantável” ou “desejo da alma” é o poder da fé.

Quando Jesus disse aos seus discípulos que eles eram homens de pouca fé, não quis questionar o entendimento de Deus e da espiritualidade, mas sim, constatar a confiança que tinham em si mesmos, nas capacidades e dons adquiridos através das reencarnações. Referia-se ao fato de que aqueles que acreditam em seu potencial, sem presunção, encontram determinação para prosseguir, derrotando as adversidades que encontram pelo caminho. Remover montanhas, portanto, não se refere ao transporte físico das mesmas, mas ter a firme decisão moral de que se pôde suplantá-las, que nada no caminho será grande ou forte suficientemente para impedir nossa supe-

ração moral. Se em qualquer momento de nossas vidas nos depararmos com preconceitos, interesses materiais ou paixões orgulhosas, a consciência das prodigiosas faculdades que trazemos em nosso interior nos fará ultrapassar com galhardia essas barreiras. Ter dificuldades na vida é ter a oportunidade de exercitar nossa fé e, quando o fazemos, nossas capacidades, mesmo as que estão em estado latente, crescem através de nossa vontade ativa e se multiplicam durante nosso trabalho nos mostrando os caminhos para a vitória. Não basta ver, mas é necessário compreender. Assim não é a fé cega que devemos buscar, e sim, a fé racionalizada. Quando, então, se adquire uma fé consciente e racional.

Se todas as criaturas encarnadas estivessem convicidas da força que trazem consigo seriam capazes de edificar-se moralmente e de realizar aquilo que chamamos de prodígios e muito mais. Foi por isso que Jesus disse: “Tudo é possível ao que crê.

BIBLIOGRAFIA

KARDEC, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XIX, itens 1 a 5 e 12.

22ª Aula - AÇÃO, OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

Parte A - OS ESPÍRITOS DURANTE OS COMBATES - AÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS FENÔMENOS DA NATUREZA - OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos Durante os Combates

Nas guerras, acontece também, dos Espíritos tomarem partido. É assim que os antigos representavam os deuses tomando partido por este ou aquele povo. Esses deuses nada mais eram que os Espíritos representados por figuras alegóricas (LE, 541). Ora, existem aqueles que são bons e apóiam o lado da justiça, ao passo que os maus, os que alimentam sentimentos inferiores, comprazem-se em participar da discórdia e da destruição.

Com relação aos soldados que morrem durante os combates, acontece o mesmo que em todos os casos de morte violenta, ou seja, ficam surpreendidos e como que atordoados, não acreditando estarem mortos; parecem-lhes ainda tomar parte na ação; compreendem a realidade pouco a pouco. Conforme os sentimentos sejam mais ou menos elevados, alguns podem ainda odiar os seus inimigos e persegui-los. Outros, com mais serenidade, vêem que não há fundamento para a animosidade e abandonam o campo de luta.

Ação dos Espíritos sobre os Fenômenos da Natureza

Na Introdução, item VI, do LE, Kardec assevera: “Os Espíritos (...) constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal elucidados e que não encontram entendimento racional senão no Espiritismo”.

Os grandes fenômenos da Natureza, que são considerados como uma perturbação dos elementos, têm sua origem em causas imprevistas ou, ao contrário, providenciais?

- Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus. (LE, 536)

Os fenômenos da Natureza às vezes têm, como imediata razão de ser, o homem. Na maioria dos casos, entretanto, têm por único motivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza. (LE, 536a)

Deus não exerce ação direta sobre a matéria, encontrando agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos. Os Espíritos são encarregados de exercer certa influência sobre os elementos da Natureza para os agitar, acalmar e dirigir. (LE, 536b)

E destituída de fundamento e esta muito aquém da verdade, a crença dos antigos que consideravam os Espíritos como divindades, com atribuições especiais, sendo que uns eram encarregados dos ventos, outros dos raios, outros de presidir ao fenômeno da vegetação, etc. (LE, 537)

Os Espíritos que presidem aos fenômenos geológicos não habitam precisamente a Terra. Presidem aos fenômenos e os dirigem de acordo com as atribuições que têm. Dia vira em que receberemos a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderemos melhor. (LE, 537a)

Os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza não são seres à parte na criação. São Espíritos que foram encarnados como nós ou que o serão. (LE, 538)
Reflitam sobre: encarnados como nós ou que serão. (veja as referências bibliográficas)

Os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza pertencem às ordens superiores ou as inferiores da escala Espírita, conforme sejam mais ou menos material, mais ou menos inteligente o papel que desempenhem. Uns mandam, outros executam; os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, assim é entre os Espíritos, como entre os homens. (LE, 538a)

A produção do fenômeno, das tempestades é obra de massas inumeráveis de Espíritos, que se reúnem para produzi-lo. (LE, 539)

Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam uns com conhecimento de causa, usando do livre-arbítrio, e outros por efeito de impulso instintivo ou irrefletido. Os animais de ínfima ordem, que fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos, executam essas obras provendo as suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Há aí um fim providencial e essa transformação da superfície do globo é necessária à harmonia geral. Os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade ao conjunto, enquanto se ensaiam para a vida, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam, mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado um certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral. Tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o nosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto! (LE, 540)

Ocupações e Missões dos Espíritos

Os livros do Espírito André Luiz, psicografados por Francisco Cândido Xavier, dão-nos algumas noções de como vivem os Espíritos no mundo dos desencarnados. Quem no Nosso Lar, por exemplo, tem idéia de como funcionam os ministérios espirituais, o umbral, as zonas purgatoriais, etc. Em Os Missionários da Luz, pode-se ver a influência exercida pelos Espíritos no processo da reencarnação, a exemplo de Sigismundo.

Pela leitura dos livros espíritas, notamos que os Espíritos estão situados em diversos graus de evolução: os superiores têm a missão de auxiliar os menos desenvolvidos. Isso, porém, não nos exime de desempenhar as nossas missões menores. Observe, por exemplo, o dever ou missão de um pai de família, em que a sua tarefa é educar os seus filhos para a vida em sociedade. Não importa o tipo de missão, pois todas são uteis no âmbito do desenvolvimento geral. Pergunta-se: o que seria do Presidente da República sem o trabalho humilde dos varredores de rua?

Os Espíritos encarnados têm ocupações inerentes as suas existências corpóreas. No estado de erraticidade, ou de desmaterialização, tais ocupações são adequadas ao grau de adiantamento deles. Uns percorrem os mundos, se ocupam com o progresso, dirigindo os acontecimentos e sugerindo idéias que lhes sejam propícias. Assistem os homens de gênio que concorrem para o adiantamento da Humanidade; outros encarnam com determinada missão de progresso; outros tomam sob sua tutela os indivíduos, as famílias, as reuniões, as cidades e os povos, dos quais

se constituem os anjos guardiões, os gênios protetores e os Espíritos familiares. Os Espíritos vulgares se imiscuem em nossas ocupações e diversões. Os impuros ou imperfeitos aguardam, em sofrimentos e angústias, o momento em que praza a Deus proporcionar-lhes meios de se adiantarem. Se praticam o mal é pelo despeito de ainda não poderem gozar o bem.

Os Espíritos, além de cuidarem de seu melhoramento pessoal, concorrem para a harmonia do Universo, executando a vontade de Deus, do qual são os ministros. A vida Espírita é uma ocupação continua, mas nada tem de penosa como a da Terra, pois não esta sujeita a fadiga corpórea, nem as angustias da necessidade.

Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham função útil, embora, muitas vezes, não se apercebam disso.

Os Espíritos devem percorrer todos os diferentes graus da escala evolutiva para se aperfeiçoarem. Assim, todos devem habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas. Mas há tempo para tudo e dessa forma, a experiência e o aprendizado pelos quais o Espírito esta passando hoje, um outro já passou e outro ainda passará.

Existem Espíritos que não se ocupam de coisa alguma, conservam-se totalmente ociosos. Todavia, esse estado é temporário e cedo ou tarde o desejo de progredir os impulsiona para uma atividade.

Os Espíritos de maior envergadura são incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos e indivíduos, dentro de um circulo de idéias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir enfermos, aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, orientá-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos. Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quanto às espécies de interesses a resguardar.

Os Espíritos se ocupam com as coisas deste mundo de acordo com o grau de evolução em que se encontram. Os superiores só se ocupam do que seja útil ao progresso; já os inferiores se sentem ligados as coisas materiais e delas se ocupam. As missões mais importantes são confiadas somente aqueles que Deus julga capazes de as cumprir e incapazes de desfalecimento ou comprometimento. Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos Superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias.

Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida de suas forcas, seja no estado de encarnação ou no espiritual. Por toda a parte há atividade, pois tudo no Universo é movimento que instrui e coadjuva, em mutuo apoio, dando-se as mãos para a verdadeira prática da solidariedade.

A Lei do Trabalho é para todos, inclusive para os Espíritos puros. Esses têm como ocupação receberem as ordens diretamente de Deus, transmitindo-as a todo o Universo e zelando por seu cumprimento.

As missões para os Espíritos são definidas de conformidade com o seu adiantamento e a conseqüente capacidade de executá-las, sempre tendo em vista a oportunidade e o esforço que empregam para evoluir, e frequentemente, o Espírito as pede e se toma feliz quando as obtém.

Kardec pergunta: Haverá Espíritos que se conservem ociosos, que em coisa alguma útil se ocupem? (LE, 564)

- “Há, mas esse estado é temporário e dependendo do desenvolvimento de suas inteligências. Há, certamente, como há homens que só para si mesmos vivem. Pesa-lhes, porém, essa ociosidade e, cedo ou tarde, o desejo de progredir lhes faz necessária a atividade e felizes se sentirão por poderem tornar-se úteis. Referimo-nos aos Espíritos que hão chegado ao ponto de terem consciência de si mesmos e do seu livre-arbítrio porquanto, em sua origem, todos são quais crianças que acabam de nascer e que obram mais por instinto que por vontade expressa.”

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan - O Livro dos Espíritos, Cap. IX, Cap. X
 KARDEC, Allan - O Que é Espiritismo - cap. III
 KARDEC, Allan - Obras Póstumas - As Expições Coletivas;
 KARDEC, Allan - A Gênese, Cap. XI e Cap. XVI
 KARDEC, Allan - O Céu e O Inferno - cap. II
 Bibliografia Complementar:
 DENIS, Léon - O Mundo Invisível e a Guerra, cap. VIII

Parte B - TEMPESTADE ACALMADA OU AMAI-NADA

Jesus, após a multiplicação dos pães, foi conhecer outras populações e indo até Decápole, uma região composta de dez cidades independentes entre si, fez a viagem atravessando de barca o lago de Genesaré, muito sujeito a tempestades. Os apóstolos acharam ótimo por terem assim a oportunidade de escapar da multidão, que não ofereciam ao Mestre um minuto de sossego.

Inicialmente tudo correu bem, os apóstolos remavam alegremente, enquanto Jesus aproveitava para repousar um pouco. Subitamente um grande turbilhão

de vento se abateu sobre o lago, enchendo a barca de água. Aproximaram-se, então, do Mestre e o despertaram, dizendo: “Mestre, estamos perdidos!” Jesus levanta-se, repreende o vento e o tumulto das ondas, imediatamente sobrevindo a calmaria. Ele, então, disse-lhes: “Onde esta a vossa fé?” Os apóstolos cheios de temor e admiração perguntavam uns aos outros: quem é este, que dá ordens ao vento e as ondas e estes o obedecem? (Lucas, cap. VII, v. 22 a 25)

O fato de Jesus se encontrar dormindo tranquilamente durante a tempestade comprova a sua superioridade moral.

Não é de se estranhar ele ter ampla autoridade sobre essas inteligências. Não podemos esquecer que o Divino Mestre é o Governador Planetário da Terra, pela vontade do Pai Criador.

É evidente que Jesus não ordenou ao mar, nem aos ventos, pois não teriam condições para compreender as ordens divinas, mas dirigiu-se aos seres inteligentes encarregados pelas manifestações da Natureza.

A Doutrina Espírita por meio de seus esclarecimentos, comprova-nos que os fatos considerados milagres nada são mais que resultados ou produtos das ações dos Espíritos em nosso derredor trabalham sem cessar na execução das leis naturais.

BIBLIOGRAFIA

SCHUTEL, Cairbar - Parábolas e Ensinos de Jesus
Novo Testamento - Lucas, cap. VII (V. 22-25)

23ª Aula – “O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA ESPÍRITA”

Allan Kardec, no comentário que faz ao item 191 de “O Livro dos Espíritos”, ensina: “A vida dos Espíritos, no seu conjunto, segue as mesmas fases da vida corpórea; passa gradativamente do estado de embrião ao de infância, para chegar, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que nesta não existe o declínio nem a decrepitude da vida corpórea”. É o processo de desenvolvimento do ser, o qual se iniciou nos primórdios da evolução... Foi um longo trabalho no tempo para o despertar de nossa consciência espiritual.

Somos o resultado, o acúmulo de experiências. Cada qual vive, vê o mundo e suas facetas de modo diverso, segundo seu grau de entendimento.

A diversidade das religiões obedece ao fato de que na evolução, cada um de nos desenvolveu sua espiritualidade, também de modo diverso.

Os Espíritos partem da igualdade originária, passam pelas desigualdades existenciais, e atingem finalmente a igualdade essencial. E, nesta caminhada evolutiva através dos milênios, a cada um será dado con-

forme suas obras, conforme seu esforço e interesse em progredir física e moralmente.

Leis Divinas, soberanas, imutáveis e perfeitas, governam a vida em todos os reinos. Esta justiça de Deus é absoluta, e por isso mesmo, escapa as nossas mentes relativas. Mas na proporção em que fomos evoluindo, alargaremos as nossas perspectivas mentais, para atingirmos a compreensão das coisas que hoje nos escapam.

E o amor de Deus por nos manifesta-se de varias formas, uma delas decorre do fato de nos trazer revelações periódicas. Na antiguidade mais remota, para os homens, o Céu era ponto de interrogação, um mistério total... a princípio o termo DEUS não significava o “Senhor da Natureza”, mas todo ser existente fora das condições da humanidade, desprovido de capacidade abstrativa, simples e ignorante das leis que regiam o mundo, observava os fenômenos naturais com admiração, perplexidade e certa idolatria.

Com o decorrer dos fatos tivemos novas revelações, que são a sementeira do bem, a oportunidade de reformular a nós mesmos, um auxílio fundamental para que possamos, ao longo de nossas encarnações, desenvolver todo esse potencial que trazemos no íntimo. E, muitas vezes, sentimos a necessidade, de uma forma muito natural, de nos elevarmos a cada etapa, somando, não só o conhecimento, mas também posturas, atitudes, hábitos, que de tempos em tempos devem ser reformuladas.

Por entender que o homem é mais frágil do que perverso, a Inteligência Suprema do Universo revela-nos a VERDADE, pouco a pouco, progressivamente, de acordo com a nossa possibilidade de compreensão, revelando que a Sua Justiça é inseparável do seu Amor.

As Revelações dos Espíritos convidam-nos, naturalmente, a ideais mais elevados, a propósitos mais edificantes.

E os ensinamentos de JESUS são aquilo que há de mais elevado e de mais profundo no campo do conhecimento, para que o homem de todas as épocas, de todas as partes da Terra possam promover o seu autoconhecimento, através da sua própria evolução, o seu crescimento individual espelhado naquilo que Ele ensinou.

Depois de Jesus o mundo não seria mais o mesmo, do ponto de vista espiritual, mas a criatura humana ainda com as suas resistências, com as suas defesas, iria ter dificuldades para assimilar e principalmente praticar tudo aquilo que Ele ensinou.

A Natureza não dá saltos. Apesar de tudo que nos vivenciamos ao longo destes dois milênios, ainda hoje

temos dificuldades como consequência do atavismo, ou seja, continuamos presos aos arcaísmos religiosos de outras épocas em assimilar e admitir esta Nova Mensagem em nossos corações, desta forma não modificamos o nosso comportamento, geramos os conflitos individuais e coletivos que vivemos nos dias atuais.

Ha milênios, a mente humana gravita em derredor de patrimônios efêmeros, quais sejam os da precária posse material, atormentada por pesadelos carnavais de variadas espécies; guerras de todos os matizes consomem-lhe as forças; flagelos de múltiplas expressões situam-lhe a existência em limitações aflitivas e dolorosas. Com a morte do corpo, a alma não atinge a liberação total. Além-túmulo, prossegue atenta as imagens que a ilusão lhe armou ao caminho, escravizada a interesses inconfessáveis. Em plena vida livre, guarda, ordinariamente, a posição da criatura que venda os olhos e marcha, impermeável e cega, sob pesadas cargas a lhe dobrarem os ombros. Obstina em disputar satisfações egoístas entre os companheiros da carne e orientados pelas suas paixões desvairadas, escravizados em seus pontos de vistas pessoais e conduzidos por hábitos perniciosos, caminham a passos vacilantes, com a mente voltada para experiências inferiores.

Através da Terceira Revelação, o homem que amadureceu o raciocínio com as informações da Doutrina Espírita supera as fronteiras da inteligência comum e acorda, dentro de si mesmo, deslumbrado, percebendo que a vida é patrimônio da gota d'água, tanto quanto é a essência dos incomensuráveis sistemas siderais. Amadurecida a compreensão na maioria mental, percebe o homem a sua própria pequenez, a frente do Infinito.

Mas a Doutrina Espírita não se coloca como um tribunal. E acima de tudo o processo libertador das consciências, a fim de que a visão do homem alcance horizontes mais altos. Esta nova fé vem alargar-lhe a senda para mais elevadas formas de evolução, sendo a chave de luz para os ensinamentos do Cristo. Explica o Evangelho não como um tratado de regras disciplinares, nascidas do capricho humano, mas como a salvadora mensagem de fraternidade e alegria, comunhão e entendimento, abrangendo as leis mais simples da vida. E a força do Cristianismo em ação para reerguer a alma humana e sublimar a vida. Pecado e culpa são substituídos por responsabilidade!

E a esperança Espírita não repousa na fragilidade humana, mas nas potencialidades do Espírito, que se atualizam no fogo das experiências existenciais. Em contato com os ideais da Nova Revelação, o homem, sentindo dilatar-se-lhe naturalmente a visão, começa

a perceber, com mais amplitude, os problemas que o cercam. Aguça-se-lhe a sensibilidade, intensifica-se-lhe a capacidade de amar. Converte-se-lhe o coração em profundo estuário espiritual, em que todas as dores humanas encontram eco.

Por isso mesmo, acentuam-se-lhe os sofrimentos, de vez que as suas aspirações não surpreendem qualquer sintonia nos planos inferiores em que ainda respira.

Desejaria o aprendiz acompanhar-se por todos aqueles que ama, na caminhada para a vida superior, entretanto, à medida que se adianta em conhecimentos e se sutilha em sensações, reconhece quase sempre que os amados se fazem dele mais distantes.

O Mestre Nazareno já havia alertado: “Se alguém me quiser seguir, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me!” Segui-Lo é passar pela porta estreita, exercendo a coragem, convivendo muitas vezes com a solidão, reconhecendo que temos necessidade urgente de renovar sentimentos, valores, ideais, propostas. Segui-Lo não nos livra de nossos compromissos, perante a vida. Pelo contrário, seu convite é para que nos esforcemos para viver seu Evangelho através de atitudes de união, fraternidade, paciência e perdão; no lar, no ambiente de trabalho, na comunidade, na escola, no núcleo religioso que freqüentamos. Convida a viver no mundo, seguindo seu exemplo. Somente Jesus pode proporcionar ao homem de todos os tempos a possibilidade desta mudança, da transformação de si mesmo e do mundo em que vive.

Quanto mais cede a favor do todo, mais é compensado pela Lei Divina que o enriquece de força e alegria no grande silêncio. Reconhece que o Espírito foi criado para viver em comunhão com os semelhantes, que é a unidade de um todo em processo de aperfeiçoamento e que não pode fugir, sem dano, a cooperação, mas, a maneira da árvore no reino vegetal, precisa crescer e auxiliar com eficiência para garantir a estabilidade do campo e fazer-se respeitável.

E somente ai desperta e conquista a PAZ que resulta da consciência sem choque com o inconsciente, que a irriga de ideais superiores e a estimula as realizações enobrecedoras.

O Espiritismo como um processo libertador de consciências, é uma questão de fundo e não de forma. Apesar da evolução no campo do conhecimento ainda há uma força irresistível que nos mantém cativos ao passado, as lendas, as crendices, superstições e mitos.

Somos viajantes da eternidade e dentro de nos reside a consciência que somos seres espirituais em ascensão, no roteiro da harmonia e da perfeição. Sabemos que o progresso não vem pelo simples crer, mas aci-

ma de tudo pelo viver a nossa essência espiritual. Romper é a meta!

Neste homem alarga-se a acústica da alma e, embora os sofrimentos que o afligem, é sobre ele que as Inteligências Superiores estão edificando os fundamentos espirituais da Nova Humanidade, pois um futuro glorioso de luz nos espera.

BIBLIOGRAFIA:

Kardec, Allan - O Livro Dos Espíritos
 Pires, J. Herculano - O Espírito e o Tempo
 Emmanuel - Roteiro, psicografado por Francisco Cândido Xavier.
 Emmanuel- Fonte viva - Cap. 17, psicografado por Francisco Cândido Xavier.
 Angelis, Joanna de - Após a Tempestade, psicografado por Divaldo Pereira Franco.
 Angelis, Joanna de - O despertar do Espírito, psicografado por Divaldo Pereira Franco.
 Menezes, Bezerra de - Estudos Filosóficos.

24ª. Aula – HOMENAGENS

Parte A - HOMENAGEM A BEZERRA DE MENEZES

Livro: “Lindos Casos de Bezerra de Menezes”, de Ramiro Gama

Quem foi o homem, quem é este espírito.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo XVII - Sede perfeitos, item 3, encontramos a melhor definição para este nosso irmão:

“O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza... Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais”.

Bezerra de Menezes foi um homem de bem, em todas as posições que ocupou, sempre agindo de conformidade com os princípios da caridade e do amor ao próximo.

Caro aluno, para incentivá-lo a ler e estudar esse maravilhoso livro, que trás algumas passagens da vida desse Espírito Missionário, vamos relatar apenas alguns casos contidos do livro referenciado.

Bezerra encarnado.

30 - “Geologia Humana”

No consultório da Farmácia Cordeiro, de propriedade do seu grande amigo José Guilherme Cordeiro, Bezerra realizou um trabalho do Senhor, que ate hoje ecoa na Espiritualidade.

Foi ali, entre as quatro paredes daquela sala humilde e povoada por Espíritos superiores, que o auxiliavam no seu caridoso afã de curar corpos e almas, que o Kardec Brasileiro realizou a sua missão apostólica.

O consultório, depois do meio dia, enchia-se de gentes pobre e rica, tipos humildes de proletários e figuras da alta sociedade.

O humilde e caridoso médico, com seus olhos verdes, trazendo aos lábios seu efetivo sorriso bondoso, fixava aquela massa heterogênea de consulentes e, perscrutando-lhes o mais íntimo do ser, receitava a cada um com os remédios adequados.

Costumava dizer aos seus íntimos que, ali, aprendia todos os dias uma verdadeira página de geologia humana.

Toda a crosta social estava ali representada e podia ser estudada, tal como o geólogo estuda as estratificações de um terreno multissecular.

O seareiro Espírita olhava toda aquela gente com as lentes do amor.

Sentia de cada um seus casos mais íntimos; lia-lhes os pensamentos e sentimentos; traduzia-lhes a angústia, os problemas econômicos e morais.

E receitava pelo coração e pela mente. Pelo coração, conselhos, vestidos de emoção e ternura, acordando nos consulentes o cristão que dormia; pela mente, homeopatia, água fluídica e passes. E finalizava pedindo que cada um tivesse as mãos, no lar, o grande livro, O Evangelho Segundo o Espiritismo, que o lesse com alma, com sinceridade e confiança no seu autor, Nosso Senhor Jesus Cristo!

E os resultados eram os mais promissores.

Cada doente deixava seu consultório, satisfeito, melhorado, pois que havia deixado lá dentro o seu peso, a sua tristeza, algo que o oprimia.

33 - O Apostolado da Medicina

Deixou para seus colegas o retrato do verdadeiro médico, que deseja fazer da medicina um apostolado.

- “Um médico não tem o direito de terminar uma refeição, nem de escolher hora, nem de perguntar se é longe ou perto, quando um aflito lhe bate a porta.

O que não acode por estar com visita, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe ou no morro; o que sobretudo pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem lhe chora à porta que procure outro, - esse não é médico, é negociante da medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos da formatura. Esse é um desgraçado, que manda para outro o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita e lhe trazia a única espórtula que podia saciar a sede de riqueza do seu espírito a, única que jamais se perdera no vaivém da vida”.

44- O Louco e o Santo

Bezerra de Menezes é sempre um nome pronunciado e lembrado com gratidão e ternura, pois soube realizar na Terra a tarefa diferente, junto a Jesus, como médico, esposo, pai, irmão e homem público.

Seus colegas quando o viam passar cosendo-se, todo, as paredes das ruas, rumo a avenidas das lágrimas e

da miséria, furtando-se ao convívio dos orgulhosos e sábios convencidos, taxavam-no de louco.

Os seus discípulos, admiradores e beneficiados de seu coração, que foram e são todos os que, de perto, lhe sentiram e sentem a luz da bondade, chamavam-no de santo.

Desejara ser o médico dos pobres e o foi. Desejara ser um autêntico discípulo do Cristo e realizou integralmente o seu anseio maior.

45 - Sua prece a Deus

Sabia orar como ninguém.

Quando orava, fazia-o de alma genufletida.

Chorava e os que viam orando aprendiam a orar de verdade e também choravam.

Por isso, Suas preces curavam e curam, salvaram e salvam, consolavam e consolam.

Deus, a que se dirigia e dirige seus pedidos, atendia-o e o atende sempre.

É que Bezerra de Menezes lhe sabe falar na linguagem do coração e na música do pranto que ama!

Manuel Quintão dizia:

“Deus sempre fora, em toda a sua estrada pontilhada em realizações, o fanal da consolação, o segredo do sacrifício para a eucaristia da fé...”

47 - Dava algo de si mesmo.

Ao observarmos mais esta qualidade em Bezerra, podemos notar que ele sempre cumpriu o contido no Evangelho de Lucas, XXI: 1-4 - “O Óbolo da viúva” e viveu sempre sob o ensinamento do Apóstolo Paulo de Tarso, condito na Primeira Carta aos Coríntios: XIII, 1-13

Não se preocupava com o dinheiro. Era-lhe apenas um meio e não um fim.

Não dava também grande atenção às coisas materiais, como vemos.

Era ver um faminto, um sofredor a sua gente e lhe dava tudo o que tinha nos bolsos.

E, quando, porventura, nada possuía de dinheiro, dava algo de si, num abraço, num olhar, numa prece.

Exercia a caridade desconhecida.

80 - Os últimos momentos de Bezerra de Menezes

Nem no último momento de lucidez, ante a agonia de morte, esqueceu os pobres e doentes do corpo e da alma.

...Bezerra, sentindo que se aproximava seus últimos momentos nesta vida, pediu que o ajudasse a levantar-se um pouco, e com a cabeça erguida, olhos voltados para o alto, assim orou, baixinho e entre lágrimas, deixando-nos suas últimas palavras como a lição permanente da sua grandeza espiritual, de seu espírito totalmente liberto dos vícios e ligado a causa de Jesus;

“Jesus, amantíssimo Advogado de nossas súplicas junto a Deus Todo Poderoso, eu Te peço não que deixe de sofrer mas para que meu pobre espírito aproveite bem todo o sofrimento e, por fim, eu te peço pelos meus irmãos que ficam, por esses pobres amigos, doentes do corpo e da alma, que aqui vieram buscar no teu humilde servo uma migalha de conforto e de amor. Assiste-os, por caridade, dá-lhes, a tua paz, a paz do Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo! Louvado seja Teu Nome! Louvado seja o Nome de Jesus! Louvado seja Deus!”

E desencarnou!

Apagara-se na Terra uma grande luz e apontara no céu mais um foco de claridade.

53 - Bezerra opera uma ferida gangrenada

O garoto Walter ferira a perna com arame farpado e nada dissera aos pais. Com o tempo, se agravou, com ameaça de gangrenar.

O médico considerou o caso gravíssimo e recomendou, além dos medicamentos, que os pais recorressem a Deus, pois temia algo pior.

Os pais foram buscar a avó do menino, Mãe Ritinha que era médium. Ela sentiu a gravidade da situação e em prece pediu a ajuda de Bezerra de Menezes para operar seu neto.

Foi dado um passe na criança e por longo tempo a médium ficou a pensar-lhe a ferida. Em pouco tempo, para surpresa dos presentes, um bisturi invisível cesurava (abria) a ferida, tirando-lhe os elementos infecciosos.

Bezerra recomendou repouso para o doente e que todos orassem e confiassem na misericórdia de Deus.

O médico ao fazer sua visita, se surpreendeu com a melhora e ficou muito contente, pois também professava a doutrina Espírita.

Com o passar dos dias, a ferida foi fechando e a cicatriz, revelando uma operação invisível..

54 - O passe evitou o ataque de uremia.

Uma criança de um ano de idade tivera uma retenção urinária, que mesmo com remédios não resolvia o problema.

O pais chamaram a médium Mãe Ritinha, que com palavras amorosas, procurou levantar o campo vibratório dos pais e num clima de exaltação e fé, orou pedindo ao Espírito Bezerra que medicasse a criança. Bezerra veio através da médium e deu um longo passe no doente e ainda sob ação do passe, a criança urinou, evitando assim um esperado ataque de uremia.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Gama, Ramiro, “Lindos Casos de Bezerra de Menezes”
- 2) Novo Testamento, I Carta de Paulo aos Coríntios, XIII, 1-13
- 3) Novo Testamento, Lucas: XXI, 1-4

Parte B - HOMENAGEM A ALLAN KARDEC

LIVRO: “Viagem Espírita em 1862”

No livro “Viagem Espírita de 1862”, cabe ressaltar as outras viagens de Kardec realizadas com amor, comprometimento e seriedade.

Allan Kardec como Presidente da Sociedade Espírita, fora reeleito por quase unanimidade dando aos seguidores todo apoio.

As viagens que Allan Kardec realizou serviram para divulgação do Espiritismo.

O primeiro incentivador para realização das viagens foi o Sr. Guillaume, que vendo, entre outros, as qualidades exigidas ao predestinado.

Em agosto de 1860, Kardec, deixa Paris envolta pela névoa seca do outono, parte sozinho. Nas vésperas se surpreende com o desenvolvimento do Espiritismo em sua cidade natal, Lyon.

A caminho passou pelas cidades de Sens, Mâcon e Saint Etienne Em 19 de setembro de 1860, é recebido no Centro Espírita de Broteaux, único existente, pelo Sr. Dijou senhor distinto, operário chefe de oficinas e sua esposa. Este é o fato histórico, pois se trata do primeiro encontro de dirigentes espíritas. O Sr. Dijou é o responsável do grupo Lionês. A mão do emérito missionário aperta as mãos calosas e ásperas do companheiro a quem chama de irmão. O coração de Kardec se rejubila. O milagre a que tantas vezes fizera menção. Sempre com arrebatamento e orgulho, o grande feito que compete à doutrina Espírita realizar consolida-se com a mensagem de Erasto companheiro de Paulo de Tarso o maior divulgador do Cristianismo. ERASTO EM SUA SUBLIME EPÍSTOLA DIRIGIDA À COMUNIDADE LIONESA ENCONTRA PALAVRAS PARA DESCREVER A EMOÇÃO DO NOSSO NOBRE CODIFICADOR E DIZ O SEGUINTE: “NÃO PODEIS IMAGINAR QUANTO NOS É DOCE E AGRADÁVEL PRESIDIR AO VOSSO BANQUETE, ONDE O RICO E O OPERÁRIO SE ABRAÇAM, BEBENDO A FRATERNIDADE”.

Kardec dirige-se a tribuna singela do Centro Espírita de Broteaux, pelo futuro afora será lembrado como o local onde fora aceso a pira do amor. Ali é aceso o fogo sagrado que empunharão através dos séculos, todos aqueles que se compromissaram, mesmo ao preço de injúrias, suor e lágrimas a divulgar as glórias do Espiritismo pela bênção da PALAVRA.

Kardec escreve na Revista Espírita suas impressões da viagem.

“Eu bem sabia que em Lyon os adeptos eram de grande número, porém estava longe de suspeitar que fosse tão considerável, pois se contam por centenas e, breve espero serão incontáveis”.

Na Segunda viagem, o emérito Codificador, observa que suas previsões a respeito do número de adeptos se confirmam. Escolhe para viajar a mesma época, desce nas cidades de Mâcon, e Sens Saint Etienne para abraçar novamente seus companheiros Espíritas.

E precisamente no dia 19 de setembro de 1861, está mais uma vez entre os seus conterrâneos. Como havia previsto, os grupos se multiplicaram. Ante os seus olhos estavam representantes de Centros Espíritas de Guillotière em Perrache, em Croix Rousse, em Vaise, e, Saint-Juste sem contar o grande número de reuniões familiares. Fica extremamente emocionado na cidade de Lyon traduz o triunfo da causa, pela qual da sua vida, mesmo com a ira deletéria de seus críticos impotentes. O tema predileto de Kardec é a Caridade, porém sabe que o despeito pode ser tão evidente quanto a Bondade.

Um operário emociona profundamente discursando com admiráveis palavras: “Viemos de longe e subimos a altura de Saint Juste com um calor extenuante. Trouxemos conosco as nossas ferramentas de trabalho, juntamente com pão e queijo. Queríamos partilhá-lo convosco, um verdadeiro ágape, ou seja, (banquete) oferecido com simplicidade antiga e o coração sincero...”.

O emérito missionário nunca menosprezou os oponentes. Pelo jornal GAZETTE DE LYON um jornalista Sr. C.M. publica um artigo onde chama aos Espíritas, alucinados que romperam com todas as crenças religiosas de seu tempo e de seu país. A resposta de Kardec é serena: “O Espiritismo não é uma seita política, como não é uma seita religiosa. É a constatação de um fato, uma doutrina moral, e a moral esta em todas as religiões, em todos os tempos, em todos os países. A moral que ensina é boa ou má? E subversiva? Estudem-na e saberão do que se trata. Todavia, desde que é a moral do Evangelho desenvolvida, condená-la será condenar o Evangelho”

A evidente diminuição dos médiuns de efeitos físicos a medida que se multiplicam o número de médiuns de comunicações inteligentes. Os médiuns iletrados são numerosos psicografam sem terem aprendido a escrever.

Esta viagem, também, ficou marcada pelo Auto de Fé de Barcelona, em 09 de outubro de 1861, onde cerca de trezentas publicações Espíritas foram queimadas em praça pública.

A viagem de 1862 sem sobra de dúvida é a mais importante e a mais extensa a ser feita e se alongara até Bordeaux. Atende o convite subscrito por 500 assinaturas. Percorre a mais de vinte cidades diferentes, das quais presidiu a cerca de cinquenta reuniões.

Preparou com o seu zelo habitual o material de sua oratória todo o seu legado é fruto de experiência pessoal e a sua voz apesar dos anos é cheia de energia.

Em seu primeiro discurso aos Espíritas de Lyon e Bordeaux. Apresenta um fato até a pouco desconhecido, entre os adeptos do Espiritismo, os mediúnicos.

DISCURSO

I - Kardec faz nesta primeira parte do discurso, uma análise metódica de como se comportam aqueles que se dizem Espíritas. Como agem em relação a ele e a Doutrina. Dos ataques pessoais que sofreu e da sua atitude serena e de plena confiança naqueles que são, de fato, Espíritas (fls. 45/63).

II - Nesta parte do discurso, Kardec fala sobre a primazia filosófica que o Espiritismo tem, não só sobre o materialismo, mas sobre todas as demais correntes pensantes. Sobre o encantamento que as pessoas sentem quando encontram no Espiritismo consolação, esperança, justiça divina e racionalidade juntos, em detrimento do vazio oferecido pela crença no nada absoluto, chegando até mesmo a enumerar esses aspectos.

III - A antítese:

Egoísmo Exaltação da personalidade, do “eu”

Caridade Sublimação da personalidade

Aqui Kardec discorre sobre o sentido amplo da caridade. Ressalta que a fraternidade, o fazer aos outros aquilo que gostariam que lhe fizessem, é o diferencial; e o caminho para a evolução da humanidade. Observa a falha na base de alguns sistemas sociais quem pensam no desenvolvimento do Homem ignorando o aspecto espiritual da existência. Destaca ainda outra vez sobre a sublime missão do Espiritismo como sendo um norteador moral que ira regenerar a humanidade, fazendo pelas massas o que hoje faz pelo indivíduo.

A rígida moral apregoada pela Doutrina, faz com que inúmeras, senão a grande maioria das pessoas, não abracem a crença por notar o grande esforço que devem fazer para superar seus vícios e paixões, fraquezas e, principalmente, o egoísmo. Um trecho que merece destaque todo particular é quando ele nos fala que a Doutrina é uma luz intensa. Tal um espelho que nos é oferecido e quando a pessoa nele se vê refletida, apedreja aquele que lho ofereceu. Ele enfatiza “... tal acontece hoje” , em 1862. E nos dizemos: tal acontece hoje.

A transformação do Ser é inevitável e, por via de consequência, a Terra como um todo se transformara, selecionando assim, os Espíritos que aqui habitarão.

Kardec prossegue em seu discurso de forma calorosa e veemente, conclamando a comunidade Espírita a seguir, de forma assombrosa e destemida, os ensinamentos de Jesus, que preceituam, acima de tudo, o perdão das ofensas; a caridade sem distinção; a indulgência para com as faltas alheias, lembrando sempre da máxima cristão, do fazer aos outros aquilo que quereríamos que nos fizessem.

Enfatiza que nos, conhecedores que somos dos ensinamentos dos Espíritos Superiores, temos condições de melhor avaliar a encarnação presente visando um futuro melhor, a nos próprios, aqueles a quem amamos e aqueles que por nos não se afeiçoaram.

INSTRUÇÕES PARTICULARES DADAS AOS GRUPOS EM RESPOSTA A ALGUMAS DAS QUESTÕES PROPOSTAS

I - O nobre codificador, não por excesso de zelo, mas por cuidar que os adeptos do Espiritismo estejam sempre vigilantes, principalmente no que se refere aqueles que por várias maneiras tentaram destruir a vertiginosa ascendência dos postulados Espíritas, mostra-se incansável em sua luta pela pureza, pela singeleza dos procedimentos na prática doutrinária. Os agressores declarados já não mais se valem de maneirismos conhecidos. Agora agem de forma insinuante manipulando pessoas ingênuas que até se dizem Espíritas, para depois disso, se prevalecerem dos resultados.

Algumas pessoas por possuírem mediunidade praticam necromancia, leitura de sorte. São os charlatães e politiqueiros que tentam lançar cinzas sobre o nome da Doutrina. Outros ainda pretendem realizar sessões mediúnicas assistidas por espíritos zombeteiros, aproveitadores e pseudo-sábios, sendo que o resultado por certo, é o fiasco. Esses e o egoísmo são os escolhos a serem vencidos e que tentam, ainda, embaçar o brilho da Doutrina.

II - Perguntaram-lhe sobre a possibilidade se criar uma senha para se reconhecerem entre si os Espíritas, Kardec descartou de pronto essa hipótese, pois que não há fundamento para tal.

III - Perguntaram-lhe também, sobre a possibilidade de o Espiritismo degenerar em superstição nas classes pouco esclarecidas por falta de compreensão em sua essência. Ao que o Codificador tranqüiliza a comunidade comparando o uso que as pessoas fazem dos cinco sentidos que possuem, e colhe um depoimento emocionante de um homem simples e trabalhador que dizia até bem pouco tempo que em nada absolutamente acreditava, sequer em Deus. Mas, segundo esse mesmo homem, após conhecer e estudar o Espiritismo transformou-se radicalmente, e

para isso argumentava que podiam até colher depoimento dos que o conhecia pessoalmente.

IV - Se o Espiritismo faz tanto bem as pessoas, por que então tem tantos inimigos? Kardec ao ser questionado sobre a tenacidade dos inimigos da Doutrina, que já naquela época mostravam-se incansáveis, deixou fluir seu verbo iluminado e nos disse que quanto mais séria e inovadora é uma tese, mais antagonista encontrara. Falou de forma lúdica da Doutrina que começou com as mesas girantes que eram atração e brincadeira da sociedade parisiense, após poucos anos mostrou-se inteira dizendo a que veio, e isso colocou em estado de alerta essa mesma sociedade, que era materialista e acomodada por tradição e que não pretendia ter seus valores alterados pelo que eles julgavam de tão pouco valor e essência.

V - Se o Espiritismo pudesse ser simbolizado pela figura de um soldado, Kardec, muito provavelmente, o veria com o peito coberto de medalhas. Assim fez ele esta analogia ao comparar a trajetória pontilhada de inimigos e obstáculos tais que, vencedor que foi e que é, a Doutrina engrandeceu-se ao passo que, se passassem os anos, sem que ninguém lhe notasse, não teria o mérito que hoje possui. Os ataques, as agressões sofridas, serviram tão somente para lançar holofotes, direcionando assim a atenção das pessoas para que buscassem a real propositura daquele que era atacado.

VI - Publicações indevidas em nome da Doutrina. Neste aspecto, Kardec é ainda mais incisivo. Concita a comunidade a estar especialmente vigilante quanto às publicações que são feitas em nome da Doutrina. Ainda que pareçam corroborar, é preciso que se tenha em conta os aspectos estritamente fundamentados na Doutrina. Médiuns incautos assistidos por espíritos pseudo-sábios dão luz a livros que, na realidade, não condizem com o embasamento sério da Codificação.

VII - Este item do discurso nos reporta a um trecho do Evangelho em que lançaram dúvida sobre as ações de Jesus quando curou certa pessoa. Disseram: quem ele pensa que é? Tem demônio Ao que ele respondeu: - um reino que combata a si mesmo não sobrevive. Assim também com o que diziam sobre os feitos da Doutrina. Murmuravam entre dentes que o que o Espiritismo fazia era por obra do maligno. Kardec muito sabiamente fala sobre isso, nos recordando sobre os atributos, sobre a justiça Divina. Quando há a manifestação de um espírito, seja ele iluminado ou sofredor ainda nas sombras, é e Sempre será pela misericórdia divina que será ouvido e assistido.

VIII - Qual a interpretação sobre a proibição de Moisés em se invocar os mortos? A humanidade em sua

infância, como o era na época de Moisés, trazia maus costumes advindos quando da sua servidão no Egito. Então ao líder não restou outra alternativa senão cortar, literalmente, o mal pela raiz, proibindo a comunicação com os supostos mortos. Eles o faziam com o intuito de saberem a sorte, o futuro. Há que se respeitar os que estão na outra dimensão da vida. E assim, o codificador não afasta de todo o posicionamento de Moisés.

IX - Falsos profetas e falsos Cristos. Não há nas fileiras Espíritas quem se tenha propagado profeta ou mesmo que palidamente, Cristo. As obras que são feitas pelos servidores, são feitas em nome de Jesus, e os resultados a própria Doutrina nos diz que fazem parte das Leis naturais. Com certeza deve haver alguém que diga de si para consigo que possa de ser um profeta. Mas onde as virtudes que atraem os bons espíritos?

X e XI - Sobre a formação de grupos e sociedades Espíritas e o uso de práticas exteriores de cultos nos grupos. Com estes itens Kardec encerra sua exposição aos fraternais amigos que visitou. Kardec explica de forma bastante clara os procedimentos para se formar grupos de estudos e práticas doutrinárias. Sempre alertando para os cuidados que se deve ter, considerando que o Espiritismo abraça todos os credos. Não fazendo restrição aos comparecimentos das mulheres e dos jovens, o Codificador já possuía a visão futurista do desenvolvimento da Doutrina através dos tempos.

CONCLUSÃO

As três viagens realizadas por nosso inesquecível missionário em 1860, 1861 e 1862 tiveram como objetivo auxiliar os seguidores da Doutrina Espírita com suas preciosas orientações tais como: não existir a necessidade das práticas exteriores, não aprovação de cobrança por trabalhos mediúnicos, não faz restrições comparecimentos das mulheres, dos jovens mesmo porque seria uma ingratidão para com aqueles fiéis colaboradores da Codificação, quanto a educação das crianças fica despreocupado por perceber nelas uma tranquilidade e felicidade por não mais temerem o Diabo e nem o Inferno. O futuro da Doutrina estava consolidado.

As cartas que Kardec recebeu foram o testemunho da grande missão reservada ao Espiritismo de trazer luz, esperança, fortaleza e fraternidade as pessoas.

Kardec considerou suas viagens, principalmente a de 1862, extremamente proveitosa, onde pode constatar o vicejar das sementes vigorosas da Boa Nova.